

Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**  
**Fundação Oswaldo Cruz**



**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ**

**INSTITUTO DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E  
TECNOLÓGICA EM SAÚDE – ICICT**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM SAÚDE – PPGICS**

TANIA REGINA NEVES DA SILVA

**H1N1 E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA MÍDIA:**  
*A epidemia de 2009 nas páginas de O Globo, Extra e Expresso*

Rio de Janeiro

2012

TANIA REGINA NEVES DA SILVA

H1N1 E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA MÍDIA:

A epidemia de 2009 nas páginas de *O Globo*, *Extra* e *Expresso*

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), como parte dos requisitos do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS) para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Kátia Lerner

RIO DE JANEIRO

2012

Ficha catalográfica elaborada pela  
Biblioteca de Ciências Biomédicas/ ICICT / FIOCRUZ - RJ

S586

Silva, Tânia Regina Neves da.

H1N1 e produção de sentidos na mídia: a epidemia de 2009 nas páginas de *O Globo*, *Extra* e *Expresso* / Tânia Regina Neves da Silva. – Rio de Janeiro, 2012.

x, 146 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde, 2012.

Bibliografia: f. 125-131

1. Jornalismo. 2. Saúde. 3. H1N1. 4. Produção de sentidos. 5. Discursos. 6. Comunicação e Saúde. Título.

CDD 616.203

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Autora:** TANIA REGINA NEVES DA SILVA

**Título:** H1N1 E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA MÍDIA: A EPIDEMIA DE 2009 NAS PÁGINAS DE *O GLOBO*, *EXTRA* E *EXPRESSO*

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kátia Lerner

### Banca Examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kátia Lerner – Icict/Fiocruz (orientadora)

---

Prof. Dr. Wedencley Alves Santana – UFJF

---

Prof. Dr. Valdir de Castro Oliveira – Icict/Fiocruz

Data da Defesa: 20/03/2012

## AGRADEÇO

Primeiramente a meu pai, Claudionor (*in memoriam*), e minha mãe, Aymer, que sempre valorizaram a trajetória na educação em primeiro lugar; e aos irmãos mais velhos, encorajadores e inúmeras vezes facilitadores desse percurso.

À minha orientadora, Kátia, que deu sentido a cada letra da palavra orientadora, me reconduzindo ao rumo em todos os momentos em que me senti perdida. Sempre que imaginava que iria ouvir uma “chamada” pelos atrasos ou confusões, fui surpreendida e acolhida por uma voz suave, tranquila e positiva, e certamente isso foi crucial para eu seguir em frente. Portanto, é com ela que divido todos os eventuais méritos deste trabalho.

Aos professores e funcionários do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, pelo ambiente colaborativo e o incentivo em todos os momentos; a Inesita, em especial, pelo amor ao PPGICS; e à figura institucional do Icict, pela bolsa concedida, que me facilitou a dedicação à pesquisa.

A Janine e Izamara, que estavam lá desde o começo, na especialização; a Igor e Wilson, que cruzaram o caminho depois e também deixaram marcas; aos professores Valdir e Wedencley, pelas generosas contribuições na qualificação e na defesa.

Aos colegas do PPGICS, pela irmandade que fez dessa experiência algo extremamente feliz; e em especial a Liseane, e por tabela ao Ivan, que botaram a mão na massa para ajudar a tornar esta dissertação mais completa e esclarecedora.

Aos amigos próximos e distantes, e sobretudo àqueles de quem acabei me distanciando nesta reta final, por entenderem que o folclore do mestrando recluso não é apenas folclore.

Ao Souza Lima, que tornou minha tarefa de pesquisadora bem menos árdua do que seria.

A Cacau, que de um modo ou de outro sempre esteve comigo nas madrugadas em claro – primeiro me acompanhando, depois sendo acompanhada; e a Alícia, por todos os motivos e também por ter tornado aquelas últimas e tensas madrugadas bem menos inseguras e angustiantes.

Por fim, a todos aqueles que se considerem de alguma maneira participantes deste meu momento, e que por esquecimento ou desejo de minimalismo eu não tenha citado aqui,

valeu mesmo!

## RESUMO

Esta pesquisa procura compreender o modo como se deu a produção de sentidos sobre a epidemia de influenza H1N1 na cobertura jornalística dos jornais *O Globo*, *Extra* e *Expresso da Informação*, do Rio de Janeiro, no período de 25 abril a 18 de agosto de 2009. A partir da delimitação de sete momentos considerados marcantes – a saber: o surgimento da doença, as primeiras suspeitas de contaminação, a confirmação dos primeiros casos, o anúncio de pandemia, a primeira morte no Brasil, a primeira morte no Rio de Janeiro e o início do declínio dos casos de contaminação – o trabalho consiste na análise da produção discursiva dos jornais em questão. Com base nos conceitos da Semiologia dos Discursos Sociais, de Milton José Pinto, e o adicional aporte teórico de Norman Fairclough (tridimensionalidade do discurso), Mikhail Bakhtin (dialogismo) e Eliseo Verón (contrato de leitura), busca-se compreender como as diversas vozes presentes no noticiário se articularam e quais estratégias enunciativas foram utilizadas pelos veículos para dar sentidos à epidemia naquele momento. Entre os principais achados, conclui-se que a estimulação do medo e a quantificação diária das vítimas foram os grandes norteadores das coberturas e pontos em comum dos três jornais. No campo das diferenças, *O Globo* se orientou por um intertexto político, o *Extra* adotou postura mais didática e o *Expresso* optou pela simplificação do noticiário sobre a H1N1.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo, Saúde, H1N1, Produção de Sentidos, Discursos, Comunicação e Saúde

## ABSTRACT

This research seeks to understand how was made the production of meanings about the H1N1 influenza epidemic in the coverage of newspapers *O Globo*, *Extra* and *Expresso da Informação*, from Rio de Janeiro, between April 25th and August 18th, 2009. From delimitation of seven moments considered outstanding – namely: the emergence of the disease, the first suspicion of contamination, the confirmed first cases, the announcement of a pandemic, the first death in Brazil, the first death in Rio de Janeiro and the beginning decline of cases of contamination - the work proposes to examine the discursive production of the concerned newspapers. Based on the concepts of Semiology of Social Discourses, by Milton Jose Pinto, with additional theoretical contribution of Norman Fairclough (three-dimensionality of the discourse), Mikhail Bakhtin (dialogism) and Eliseo Verón (reading contract), we seek to understand how different voices in the news were articulated and what enunciative strategies were used by these vehicles to give meaning to the epidemic in that moment. Among the main findings, we conclude that stimulation of the fear and daily quantification of the victims were the major guide lines of the coverage and the commonality points of the three newspapers' discourse. When it comes to the differences, *O Globo* was guided by a political intertext, *Extra* has adopted a more didactic approach and *Expresso* has opted for a simplification of the news about H1N1.

**KEY WORDS:** Journalism, Health, H1N1, Production of Meanings, Discourses, Communication and Health



## LISTA DE GRÁFICOS

- GRÁFICO 1:** Perfil dos leitores dos jornais *O Globo*, *Extra* e *Expresso* por classe social no período de jul. 2010 a jun. 2011. Fonte: Infoglobo, 2011a, 2011b, 2011c 42
- GRÁFICO 2:** Perfil dos leitores dos jornais *O Globo*, *Extra* e *Expresso* por faixa etária no período de jul. 2010 a jun. 2011. Fonte: Infoglobo, 2011a, 2011b, 2011c 43
- GRÁFICO 3:** Perfil dos leitores dos jornais *O Globo*, *Extra* e *Expresso* por sexo no período de jul. 2010 a jun. 2011. Fonte: Infoglobo, 2011a, 2011b, 2011c 43
- GRÁFICO 4:** Perfil dos leitores dos jornais *O Globo*, *Extra* e *Expresso* por escolaridade no período de jul. 2010 a jun. 2011. Fonte: Infoglobo, 2011a, 2011b, 2011c 44
- GRÁFICO 5:** Total de textos publicados por editorias no jornal *O Globo*, com destaque para as três com maior número de textos nos 7 dias do corpus reduzido, entre 25 abr. 2009 e 18 ago. 2009 50
- GRÁFICO 6:** Total de textos publicados por editorias no jornal *Extra*, com destaque para as três com maior número de textos nos 7 dias do corpus reduzido, entre 25 abr. 2009 e 18 ago. 2009 51
- GRÁFICO 7:** Total de textos publicados por editorias no jornal *Expresso*, com destaque para as três com maior número de textos nos 7 dias do corpus reduzido, entre 25 abr. 2009 e 18 ago. 2009 52
- GRÁFICO 8:** Total da centimetragem (cm<sup>2</sup>) dos jornais *O Globo*, *Extra* e *Expresso* ao longo dos 7 dias do corpus reduzido, entre 25 abr. 2009 e 18 ago. 2009 61
- GRÁFICO 9:** Total do número de páginas dos jornais *O Globo*, *Extra* e *Expresso* ao longo dos 7 dias do corpus reduzido, entre 25 abr. 2009 e 18 ago. 2009 62
- GRÁFICO 10:** Total do número de textos dos jornais *O Globo*, *Extra* e *Expresso* ao longo dos 7 dias do corpus reduzido, entre 25 abr. 2009 e 18 ago. 2009 62

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1:</b> Total de páginas e textos publicados pelos três jornais no período pesquisado	47
<b>QUADRO 2:</b> <i>O Globo</i> - Textos por editorias publicados ao longo do período pesquisado	....48
<b>QUADRO 3:</b> <i>Extra</i> - Textos por editorias publicados ao longo do período pesquisado	.....49
<b>QUADRO 4:</b> <i>Expresso</i> - Textos por editorias publicados ao longo do período pesquisado	...49
<b>QUADRO 5:</b> Páginas, textos e centimetragem dos três jornais presentes no <i>corpus</i> reduzido	.....54
<b>QUADRO 6:</b> Elementos semânticos indicativos de gravidade no primeiro momento	.....66
<b>QUADRO 7:</b> Elementos semânticos indicativos de gravidade no segundo e terceiro momentos	.....73
<b>QUADRO 8:</b> Títulos completos das matérias de abertura de cada jornal no quarto, quinto e sexto momentos	.....78
<b>QUADRO 9:</b> O mundo de cada jornal na edição de 27 de abril de 2009	.....83
<b>QUADRO 10:</b> Narrativas que variam conforme os contratos tácitos de leitura	.....89
<b>QUADRO 11:</b> Aspectos políticos dos enunciados de <i>O Globo</i> desaparecem na transição para os outros jornais	.....105
<b>QUADRO 12:</b> Os especialistas anônimos dão o tom das consequências da pandemia	.....108
<b>QUADRO 13:</b> A primeira pessoa a morrer de influenza H1N1 no Rio – de vítima virtual a vítima fatal	.....114

## LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1:** Capa de *O Globo* no dia da primeira notícia sobre o surto da nova gripe no México. Fonte: *O Globo*, 25 abr. 2009, p. 1 ..... 71
- FIGURA 2:** Página dupla de *O Globo* na editoria O Mundo com a primeira notícia sobre a nova gripe. Fonte: *O Globo*, 25 abr. 2009, p. 28-29 ..... 71
- FIGURA 3:** Notícia sobre a nova gripe no *Extra*, na editoria O País. Fonte: *Extra*, 25 abr. 2009, p. 8..... 72
- FIGURA 4:** Página 2 do *Expresso*, com o registro sobre a nova doença na seção Deu no Jornal Nacional. Fonte: *Expresso*, 25 abr. 2009, p. 2..... 72
- FIGURA 5:** Página de *O Globo* na editoria O Mundo no dia da decretação de pandemia. Fonte: *O Globo*, 12 jun. 2009, p. 22..... 79
- FIGURA 6:** Página de abertura da editoria Rio no dia em que *O Globo* noticiou a primeira morte pelo vírus H1N1 no país. Fonte: *O Globo*, 29 jun. 2009, p. 8 ..... 79
- FIGURA 7:** Página de *O Globo* na abertura da editoria Rio com a notícia da primeira morte no estado do Rio. Fonte: *O Globo*, 17 jul. 2009, p. 12 ..... 79
- FIGURA 8:** O infográfico publicado no jornal *O Globo*. Fonte: *O Globo*, 27 abr. 2009, p. 18 ..... 85
- FIGURA 9:** O infográfico publicado no jornal *Extra*. Fonte: *Extra*, 27 abr. 2009, p. 12 ..... 87
- FIGURA 10:** O infográfico publicado no jornal *Expresso*. Fonte: *Expresso*, 27 abr. 2009, p. 3 ..... 87
- FIGURA 11:** Foto da chamada de primeira página de *O Globo* no dia da primeira notícia sobre a H1N1. Fonte: *O Globo*, 25 abr. 2009, p. 1 ..... 111

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>1. SUBSÍDIOS TEÓRICOS</b>	<b>20</b>
1.1 - O acontecimento jornalístico	20
1.2 - O discurso da notícia	27
1.3 - Discurso e contexto	29
1.4 - Endereçamento e contrato de leitura	31
1.5 - Texto, prática discursiva e prática social	32
1.6 - As construções sociais da doença	34
<b>2. A INFOGLOBO E SEUS JORNAIS</b>	<b>37</b>
<b>3. MARCOS DE UMA EPIDEMIA NAS PÁGINAS</b>	<b>47</b>
3.1 – Caracterização geral do <i>corpus</i> ampliado	47
3.2 – Caracterização do <i>corpus</i> reduzido	53
<b>4. ANÁLISE DA PRODUÇÃO DISCURSIVA SOBRE A H1N1</b>	<b>65</b>
4.1 – A construção do medo	65
4.2 – Falando para quem? Uma gripe para cada leitor	81
4.3 – O mal que vem de fora, do estrangeiro	90
4.4 – O apelo às sensações... sensacionalismo?	96
4.5 – Fontes e vozes convocadas para construção e desconstrução de legitimidades	99
4.6 – O coenunciador como vítima virtual	110
4.7 – E a gripe começa a sair de cena, discretamente	116
4.8 – Aproximações e distanciamentos das três coberturas	117
<b>5. CONCLUSÃO</b>	<b>120</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>123</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>125</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>132</b>

## INTRODUÇÃO

Não seria exagero dizer que a cobertura jornalística que os meios de comunicação brasileiros deram à epidemia de influenza H1N1 em 2009 me capturou para este mestrado. Depois de 20 anos atuando como jornalista na mídia impressa diária – os últimos deles mais diretamente trabalhando com o tema da saúde – naquele 2009 eu me encontrava afastada do jornalismo comercial e cursava na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) uma pós-graduação em Comunicação e Saúde, sem qualquer plano de seguir na vida acadêmica. Relacionei-me com tal cobertura, portanto, apenas como leitora – mas não como uma leitora comum. As duas décadas de experiência como jornalista numa grande redação de jornal me autorizavam a estranhar o volume e o tom do noticiário, tanto nos jornais quanto nas redes de TV, que soavam bem mais potentes e grandiloquentes do que aquilo que eu podia observar nas ruas e nos ambientes públicos e privados que frequentava. Adicionalmente, os meses de mergulho em leituras sobre sociologia e antropologia da saúde, reforma sanitária, desafios do Sistema Único de Saúde etc. me forneciam lentes para desnaturalizar o senso comum de que era somente o fato de haver uma ameaça à saúde da população que alimentava todo aquele interesse midiático. Ato contínuo, uma proposta de refletir academicamente sobre como se deu a economia de sentidos durante aquela cobertura se transformou no tema de meu trabalho final no curso de especialização. Com o projeto pronto, por que não desenvolvê-lo? E foi com esse entusiasmo que me vi disputando uma vaga no recém-criado curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS), da Fiocruz, que nascera justamente durante o período em que eu cursava a especialização.

O projeto original, prevendo analisar a cobertura de três dos principais jornais de referência brasileiros – *O Globo*, *O Estado de S.Paulo* e *Folha de S.Paulo* –, sofreu transformações. Saíram as publicações paulistas e entraram em seu lugar outras duas do Rio de Janeiro, de tendência popular: *Extra* e *Expresso da Informação*<sup>1</sup>. A opção final por esse conjunto de jornais refletiu uma razão e uma intenção. A razão foi o fato de os três serem editados pela mesma empresa de mídia, a Infoglobo Comunicação e Participações S/A, integrante das Organizações Globo, e terem em 2009 dominado a expressiva fatia de 69% do mercado de jornais diários do Rio de Janeiro auditados pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC), vendendo em média cerca de 577 mil exemplares por dia (*O Globo*, 257

---

<sup>1</sup> O veículo inclui no título o complemento “*da Informação*” para se diferenciar do jornal português *Expresso*, mas popularmente é conhecido pelo primeiro nome, e é como o chamarei doravante.

mil; *Extra*, 248 mil; *Expresso*, 72 mil<sup>2</sup>) (LEMOS, 2010) – e, portanto, terem sido a principal fonte de informação de cariocas e fluminenses que buscaram na mídia impressa as notícias sobre a nova doença. A intenção foi a de poder comparar os discursos de veículos de uma mesma empresa e sobre um mesmo tema, mas dirigidos a públicos de camadas sociais distintas. De acordo com pesquisa<sup>3</sup> Ipsos Marplan divulgada no sítio da Infoglobo, o maior percentual do público de *O Globo* é da classe B (61%), enquanto está na classe C a maioria dos leitores do *Extra* (53%) e também do *Expresso* (63%), sendo que este último é, dos três, o que mais tem leitores das classes D e E (10%), ao tempo que somente 5% do público do *Extra* e 2% do público de *O Globo* se inscrevem nessas classes. *O Globo*, por outro lado, tem a maior concentração de leitores de classe A (17%), público que representa 3% dos leitores do *Extra* e não passa de 1% no universo dos que leem o *Expresso*.

Acredito que um assunto que se manteve no noticiário por um período tão longo, com raros dias em que não foi notícia, só por isso já mereceria ser investigado academicamente enquanto fenômeno de comunicação. Sendo um tema de saúde, uma nova gripe que atingiu simultaneamente países por todo o mundo, tornou-se ainda mais relevante, visto que se inscreve em uma categoria de assuntos que interferem diretamente no imaginário coletivo e trazem à tona as noções de medo, risco, desamparo. Estudar o modo como essas representações apareceram nas páginas naquela ocasião, de que maneira os discursos sobre o tema foram produzidos, que relações de poder estiveram em jogo e como se articularam para dar sentido àquele momento é de grande relevância para o campo da comunicação e saúde. Creio que o resultado aqui obtido poderá ser útil tanto em propostas de reflexão sobre o papel desempenhado pela mídia quanto na reavaliação de estratégias públicas de comunicação em saúde não apenas nos momentos de crise.

\*\*\*\*\*

Em 25 de abril de 2009, *O Globo* noticiava pela primeira vez a existência de um surto de gripe no México causada por um novo tipo do vírus influenza, o H1N1, surgido da combinação de cepas dos vírus humano, aviário e suíno (GRIPE, 2009a). Na véspera, a Organização Mundial de Saúde (OMS) fizera em seu sítio na internet o primeiro alerta sobre a nova doença, registrando que o governo dos Estados Unidos relatara a existência em seu

---

<sup>2</sup> Número estimado. Em 2010, com crescimento de 17,4% em relação a 2009, a circulação do *Expresso* foi de 84.285 exemplares (Cf. ANJ, 2012). Com a devida redução, chega-se ao número aproximado de 72 mil em 2009.

<sup>3</sup> Perfil dos leitores referente ao período de julho de 2010 a junho de 2011. Cf. INFOGLOBO, 2011a, 2011b, 2011c.

território de 7 casos confirmados (5 na Califórnia e 2 no Texas) e 9 suspeitos de infecção pelo H1N1 (WHO, 2009). O mesmo informe da OMS dava conta de que o México começara a detectar, desde meados de março, casos de uma síndrome gripal que a cada dia atingia um número crescente de pessoas, e em 23 de abril somava pelo menos 854 pacientes infectados e 59 óbitos. Entre os casos registrados no México, em 18 pacientes foi atestada, por exames de laboratório feitos no Canadá, a presença do H1N1, e em 12 deles os vírus eram geneticamente idênticos aos detectados nos pacientes da Califórnia, onde a primeira confirmação da doença aconteceu no dia 15 de abril (CDC, 2009).

Mesmo não havendo ainda qualquer caso da doença no Brasil, o assunto foi ganhando nos dias seguintes espaço cativo nos noticiários das mais variadas mídias, principalmente à medida que surgiam os primeiros casos suspeitos de contaminação. Em maio, a gripe alcançou Argentina e Brasil, e no dia 8 daquele mês *O Globo* publicou a manchete de capa “Brasil confirma 4 casos de gripe suína, um no Rio”. Com a comprovação desses primeiros casos, e com novas suspeitas que não paravam de surgir, o assunto se consolidou no noticiário, marcando presença diária na cobertura jornalística dos principais veículos do país. No Rio, era raro o dia em que *O Globo* e *Extra* não traziam alguma notícia sobre a epidemia – mesmo que fosse apenas o monitoramento dos mesmos casos já noticiados e a apresentação de novos personagens e suas vivências na prevenção ou no enfrentamento da doença.

Em 28 de junho aconteceu a primeira morte pela gripe no país – de um caminhoneiro do Rio Grande do Sul que se contaminara na Argentina – e *O Globo* chegou às bancas no dia seguinte com a manchete “Primeira morte por gripe suína não faz Brasil mudar estratégia”, num discurso explicitamente crítico às decisões que vinham sendo tomadas pelas autoridades sanitárias brasileiras em face da epidemia. Em 16 de julho foi confirmada a primeira morte por influenza H1N1 no Rio de Janeiro, de uma mulher que adoecera em 2 de julho e morrera 11 dias depois, com diagnóstico de pneumonia. Naquele mesmo dia o então ministro da Saúde, José Gomes Temporão, anunciou que o Brasil se tornara o oitavo país no mundo com transmissão sustentada da doença: ou seja, o vírus já circulava em nosso território.

Daquele momento até princípios da segunda quinzena de agosto – no encerramento da 32ª Semana Epidemiológica,<sup>4</sup> quando o Ministério da Saúde registrou o início da tendência de redução dos casos de influenza pandêmica – contabilizavam-se (com dados atualizados *a posteriori* no Portal da Saúde, sítio do MS) 11.399 casos da doença e 874 mortes

---

<sup>4</sup>Por convenção internacional, as semanas epidemiológicas são contadas de domingo a sábado. A primeira semana epidemiológica do ano é aquela que contém o maior número de dias de janeiro e a última a que contém o maior número de dias de dezembro. Cf. CENTRO, 2012.

(MINISTÉRIO, 2009). Foram, assim, do final de abril a meados de agosto, cerca de quatro meses de notícias que abalaram a tranquilidade da população e trouxeram uma grande interrogação sobre por que a influenza H1N1 foi alçada ao posto de um dos mais assíduos temas da cobertura jornalística por tantos dias seguidos e com tamanho volume de publicação.

É natural que a notícia da chegada ao Brasil de um novo vírus, apresentado como parente direto daquele que matou entre 20 e 100 milhões de pessoas no mundo em 1918 e 1919 (ALVAREZ et al., 2009), merecesse atenção da mídia e cuidados especiais por parte das autoridades sanitárias. As epidemias – assim como grandes catástrofes, acidentes espetaculares, crimes hediondos – são acontecimentos excepcionais que sempre se farão priorizar nas agendas midiáticas. Rodrigo Alsina (2009) afirma que esses acontecimentos excepcionais se sobrepõem não exatamente por sua própria importância, muitas vezes ainda nem avaliada quando eles surgem, mas porque há um caráter de exceção já estabelecido socialmente para que assim seja: “Lembremos que um acontecimento excepcional existe em função de um significado pré-existente e que ele mesmo atualiza” (RODRIGO ALSINA, 2009, p. 153). Seguindo o raciocínio do autor, pode-se dizer que, quando surgiu, a influenza H1N1 foi para a imprensa mais do que apenas uma nova doença ainda desconhecida: ela também se remetia à memória de epidemias anteriores, como a gripe espanhola. Portanto, antes mesmo que se tivesse algo concreto a dizer sobre a nova ameaça à saúde da população, o que se destacou foi o seu poder de despertar elementos do imaginário e desorganizar a esfera social. França (2004, p. 1339) registra que “a prioridade na cobertura das epidemias atende a atributos fundamentais da notícia jornalística – a abrangência e atualidade desses acontecimentos, isto é, o potencial de o agravo atingir indistintamente um grande número de pessoas, aqui e agora”. Mais do que a simples adoção de um dos critérios jornalísticos de noticiabilidade, trata-se da abordagem de um tema que mexe com o imaginário de vida e morte: os agravos da saúde.

O próprio estabelecimento da nomenclatura sobre a gripe já nos traz uma prévia do que exploraremos na análise deste objeto: inicialmente batizada de gripe suína, a doença não chegou a ter um nome padronizado na mídia, apesar do apelo da OMS para que se adotassem os termos influenza A ou H1N1. A maior parte dos veículos manteve quase que exclusivamente o uso de gripe suína, sendo que alguns revezavam os termos oficiais e aquele que julgavam ter mais apelo, dependendo das circunstâncias. Especificamente os jornais que aqui analisamos publicaram durante toda a epidemia tanto os termos gripe suína quanto H1N1 e influenza A, alternadamente. O *Expresso*, o mais popular entre os três jornais, chegou a cunhar termos próprios, como “gripe do mal” e “gripe mortal”.



Já nesta disputa por nomenclatura se mostra uma das questões fundamentais que esta pesquisa pretende abordar: o modo como os discursos sobre a realidade se constroem a partir de um embate de forças entre as diversas vozes que dividem a cena social, cada uma tentando fazer com que prevaleça seu ponto de vista, para que assim o público reconheça nela a autoridade, a legitimidade, e construa em seu imaginário novas realidades a partir daí. O poder da imprensa, nesta circunstância, acaba sendo diferenciado, devido à posição de centralidade que a mídia ocupa em nossa sociedade, operando continuamente mediações entre os acontecimentos e a produção social dos sentidos sobre esses acontecimentos. Vale ressaltar que este discurso da mídia não se faz acima e independente do restante da sociedade: ao contrário, ele é constituído por partes de muitos outros discursos em circulação (BAKHTIN, 1999) e após ser mais uma vez apropriado pelo público retornará em forma de novas marcas a moldar futuros discursos.

Se o regime de informação (FROHMANN, 1995) é a forma mais contemporânea de exercer o poder de produzir e selecionar as informações que circularão na sociedade (GONZÁLEZ DE GÓMEZ; CHICANEL, 2008), a centralidade da mídia acaba transformando essa mesma mídia em uma das maiores fontes de materialidade da informação: aquilo que não é veiculado, noticiado, é como se não existisse. Em sua análise da midiaticização, Fausto Neto (2008) fala da possibilidade de ação interpretativa e do processo de autonomização do campo midiático como um novo lugar pedagógico-interpretativo dos fenômenos sociais e humanos em geral. Na midiaticização, não se identificam mais os entes e as entidades da comunicação, pois tudo se mistura. A autorreferencialidade do processo produtivo da comunicação faz com que os acontecimentos se confundam com a própria narrativa desses acontecimentos, levando à seguinte questão: está na mídia porque aconteceu ou aconteceu porque estava na mídia?

Por desempenharem prioritariamente o papel de mediadores das relações sociais e de poder na sociedade de informação, os meios de comunicação criam e desfazem mitos, lançam e enterram modas, dão e tiram visibilidade do que ou de quem quer que seja – a depender dos interesses com os quais estejam associados, e estes não raramente costumam ir muito além da missão de informar. Sobre este ponto, Charaudeau (2006) chama a atenção para uma contradição que é fundante do discurso midiático, já que a esfera da mídia é regida ao mesmo tempo por uma lógica simbólica e outra lógica pragmática. A lógica simbólica põe a mídia no papel de guardiã da democracia e a serviço da opinião pública e da cidadania, e por isso ela deve informar os cidadãos sobre os acontecimentos que se desenvolvem no espaço público para propiciar o debate plural de ideias. Já a lógica pragmática a impulsiona para a captação

de audiência – o que, em última instância, é o que financia suas atividades –, fazendo com que ela almeje se dirigir a um público cada vez mais amplo e, para isso, passe a adotar estratégias de sedução que acabam por entrar em contradição com o dever de bem informar. Convém aqui atentar para o que Oliveira (2000, p. 78) descreve como duas lógicas distintas que movem o jornalismo e a saúde: o primeiro faz circular as notícias como uma mercadoria dotada de valor de troca; a segunda tenciona publicizar aspectos outros que nem sempre parecem seduzir o campo midiático, criando “uma tensão permanente entre o segredo e a publicidade”.

Neste sentido, os meios de comunicação interferem diretamente na construção e na transformação da realidade, assim como na percepção que cada indivíduo terá desta realidade construída. Seu instrumento, para isso, é o discurso. Um discurso que nada tem de neutro, imparcial ou objetivo, como se pode inferir a partir da leitura dos próprios manuais de redação de alguns veículos impressos. O Novo Manual da Redação da *Folha de S.Paulo* (NOVO, 1996), por exemplo, assim trata a questão da objetividade: “Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções”. Garcia (1994), que responde pela organização e edição do Manual de Redação e Estilo de *O Globo*, afirma que todo veículo de informação se pauta por uma série de convicções, frequentemente expostas em seus editoriais, e é praticamente impossível evitar que elas influenciem o tratamento dado à notícia. Entretanto, diz o autor, o reconhecimento desta contingência não deveria fazer com que o jornal se rendesse a ela. Ao contrário, serviria para mantê-lo vigilante na tarefa de cuidar para que tal influência seja a “mínima possível”, nunca lançando mão de fraude nem de ocultação dos fatos, e sempre deixando claras ao leitor as suas posições. Quanto ao fato de as subjetividades do jornalista nem sempre se combinarem com as convicções da empresa jornalística para a qual ele trabalha, Garcia não considera que este chegue a ser um problema, pois num ambiente de respeito mútuo seria possível que o jornalista conseguisse exercer suas funções na redação sem ferir seus princípios éticos e filosóficos. O autor receita um remédio amargo para a eventualidade de a harmonia faltar:

Admite-se que haja casos em que as divergências são extremas. Quando o jornalista descobre que não tem como viver com elas sem perder a paz de espírito, e como não adianta trocar de traveseiro, a única solução correta pode ser trocar de função ou mesmo de emprego (GARCIA, 1994, p. 113).

Em face do exposto, minha proposta neste trabalho de pesquisa foi a de investigar como se deu a construção de sentidos sobre a epidemia da gripe H1N1 em 2009 por parte de *O Globo*, *Extra* e *Expresso*, identificando semelhanças e diferenças no tratamento que os veículos deram ao tema. Para cumprir este objetivo geral, estabeleci como objetivos específicos quatro perguntas a serem respondidas com base na análise do *corpus* selecionado. São elas:

- 1- O que foi dito sobre a H1N1: quais os principais elementos semânticos que estiveram presentes na construção do enredo sobre a doença?
- 2- Como foi dito: quais as estratégias discursivas que os veículos mobilizaram para produzir os sentidos sobre a epidemia e fazê-los circular no cenário social?
- 3- Quem disse (e a partir de onde disse): que fontes e vozes foram convocadas a abordar o tema da epidemia, e em que condições cada uma delas pode se manifestar?
- 4- Para quem disse: quais os endereçamentos/contratos de leitura observados em cada um dos veículos?

\*\*\*\*\*

Tomada a decisão de comparar os três veículos impressos da Infoglobo, pelos motivos já explicitados, o passo seguinte foi delimitar um corte temporal do noticiário e iniciar a coleta de material, que foi feita no centro de documentação da empresa editora dos jornais. Como a intenção era cobrir o máximo da pandemia, mas estabelecendo um limite que tornasse a tarefa de pesquisa viável dentro dos prazos de realização de um mestrado acadêmico, optei por um recorte temporal abarcando desde a primeira menção à doença (25/04/2009) até o dia seguinte à divulgação pelo Ministério da Saúde do boletim da 32ª Semana Epidemiológica, quando se noticiou que o índice de contaminação iniciava sua curva descendente (18/08/2009) – embora a cobertura sobre a pandemia tivesse continuado no restante do mês de agosto e entrado pelos meses de setembro e outubro, aí já com publicações cada vez mais esparsas. O recorte proposto engloba 116 dias corridos de noticiário, raros deles sem alguma publicação, totalizando 766 páginas dos três jornais (391 de *O Globo*, 260 do *Extra* e 115 do *Expresso*). Mesmo com a delimitação do corte temporal, devido à grande quantidade de páginas encontradas, foi necessário estabelecer um critério para a redução do *corpus* a um universo que possibilitasse a análise. Depois de algumas tentativas que se mostraram pouco eficazes (ou não reduziam significativamente o *corpus* ou não abrangiam amplamente os momentos

marcantes da cobertura), cheguei ao que considerei a proposta mais completa: recortar sete dias de noticiário, correspondentes às edições em que foram abordados o que classifiquei como temas-chave da epidemia, somando 57 páginas (algumas delas apenas com notinhas ou chamadas). Esses temas e dias são:

- (1) o primeiro dia de noticiário sobre a nova gripe (25/04);
- (2) o surgimento dos primeiros casos suspeitos (27/04);
- (3) os primeiros casos confirmados (08/05);
- (4) a decretação de pandemia pela OMS (12/06);
- (5) a primeira morte no Brasil (29/06);
- (6) a primeira morte no Rio de Janeiro (17/07);
- (7) o anúncio do início do declínio dos casos de contaminação (18/08).

Numa primeira inspeção desse material, foi possível observar que de modo geral os textos<sup>5</sup> publicados no *Extra* eram trechos literais das matérias de *O Globo*, apenas readequadas para espaços editoriais quase que invariavelmente menores. As principais mudanças ficavam por conta de títulos, fotografias e diagramação diferentes. No *Expresso*, as diferenças pareciam mais significativas: embora se pudesse inferir que a matéria-prima do noticiário fosse também as reportagens de *O Globo*, a redução do conteúdo era ainda maior e apareciam nítidas transformações feitas nos textos com o intuito de apresentar os acontecimentos numa linguagem mais coloquial. Logo, uma das principais tarefas que me aguardariam na inspeção detalhada do *corpus*, mais do que a análise do que foi publicado por cada jornal, seria o rastreamento do conteúdo presente em *O Globo* e que foi sendo eliminado na produção das versões reduzidas do noticiário nos outros dois jornais.

Na etapa seguinte, fiz uma detalhada leitura exploratória de todas as 57 páginas selecionadas (nas quais foram listados 106 textos) com a intenção de levantar temas recorrentes e agrupá-los em categorias de sentidos que me ajudassem a organizar o processo de análise e discussão sobre os achados. Então parti para os momentos mais trabalhosos e ao mesmo tempo mais instigantes desta pesquisa: o recolhimento das pistas que os textos me dariam sobre o processo de construção discursiva dos três jornais e a problematização de tal economia de sentidos à luz dos conceitos da Semiologia dos Discursos Sociais (PINTO, 1994;

---

<sup>5</sup> Estou chamando de textos o conjunto das publicações editoriais dos jornais no período, sejam estas de caráter noticioso ou opinativo, o que detalharei mais adiante.

2002). Na demonstração dos meus achados, detenho-me sobre alguns desses textos, mas naturalmente não sobre todos – pela dupla razão de não tornar cansativa demais para o leitor esta análise e também pelo fato de que os temas se repetem.

Nesta tarefa de mapear as estratégias discursivas empregadas pelos jornais *O Globo*, *Extra* e *Expresso* na cobertura da epidemia de influenza H1N1 em 2009 e refletir sobre elas, desnaturalizando a ideia de que o jornalismo pratica um discurso neutro e imparcial, busquei identificar principalmente as situações de interdiscursividade (BAKHTIN, 1999) e o uso de modalizações (PINTO, 1994). Os conceitos de endereçamento (BAKHTIN, 2010) e contrato de leitura (VERÓN, 2004) também contribuíram para nortear o exercício de análise desenvolvido neste trabalho.

\*\*\*\*\*

Esta dissertação é composta, assim, por cinco capítulos. No primeiro, apresento os fundamentos teóricos que me ajudaram a interrogar meu objeto e analisar o *corpus*. No segundo capítulo, traço um breve histórico dos jornais objeto desta pesquisa. O terceiro capítulo é dedicado à descrição do material encontrado e do processo de delimitação do *corpus*. O quarto capítulo traz a análise propriamente dita das matérias selecionadas. No capítulo final apresento as minhas conclusões e encerro este trabalho citando as referências do material consultado e analisado e disponibilizando alguns anexos.

## 1. SUBSÍDIOS TEÓRICOS

### 1.1 - O acontecimento jornalístico

Para introduzir a discussão acerca dos discursos da mídia sobre saúde – e, especificamente, os discursos produzidos pelos jornais *O Globo*, *Extra* e *Expresso* a propósito da pandemia de influenza H1N1 no Brasil em 2009 – é preciso, primeiramente, reconhecer que a atividade jornalística não pode ser reduzida aos processos de busca e sistematização de notícias, havendo muitas outras vertentes no trabalho intelectual do jornalista. Entretanto, é forçoso admitir que a notícia ocupa um lugar de destaque entre os produtos jornalísticos, seja até mesmo pelo simples fato de ela ser mais facilmente assimilada pelo senso comum como a razão própria de existência da atividade jornalística. Neste sentido, torna-se necessário aqui problematizar a questão de como surgem e se constituem as notícias.

Uma rápida incursão numa banca de jornal de uma grande cidade como o Rio de Janeiro, por exemplo, permite a observação de uma ampla variedade de títulos e formatos de jornais diários. Nas capas dos periódicos há manchetes com assuntos coincidentes, poucos estarão dando espaço igual aos mesmos temas, muitos diferirão radicalmente entre si, nenhum será idêntico a qualquer outro. Apesar de todos, sem exceção, estarem apresentando ao seu leitor o resumo do que consideram ser os principais acontecimentos do dia anterior, eles são diferentes porque seus leitores e anunciantes assim o são, como também a cultura jornalística de cada redação é diversa. Como dito anteriormente, se a notícia é socialmente produzida, em cada veículo ela se forja a partir de um punhado de fatores que a tornam o que ela é em sua especificidade.

O que, então, é notícia? Os jornalistas tendem a responder que é tudo aquilo que pode ter algum interesse para o leitor, que interfere direta ou indiretamente em sua vida, que lhe provoca de alguma forma os sentidos: um crime que choca, uma história humanitária que comove, uma circunstância econômica que mexe no bolso, uma contingência que modifica a rotina. Lage (1982, 1985) reconhece que se pode enfileirar uma série de definições sobre o que é notícia e em nenhuma delas conseguir abarcar todos os sentidos que envolvem esse objeto e, por consequência, determiná-lo. O autor arrisca uma interpretação apenas do ponto de vista da estrutura – “o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante” (LAGE, 1985, p. 16) –, sabendo que com isso engendra uma nova discussão sobre os sentidos de

“importante”. A notícia seria então regida por critérios de noticiabilidade (ou valores-notícia) que associam até mesmo elementos contraditórios: raridade, frequência, proximidade, espetacularidade, negatividade, positividade, dramatização, infração etc. Traquina (2005a, 2005b) diz que muitos estudos constataram uma grande dificuldade, por parte dos jornalistas, de definir o que é notícia, justamente por causa da amplitude dos valores-notícia que se podem associar a ela. Por isso, a capacidade de apontar qual acontecimento merece ou não tornar-se notícia acaba sendo explicada pelos jornalistas como um “faro” especial que os bons profissionais saberiam cultivar.

Formuladas ao longo do século passado, muitas teorias do jornalismo tentaram, cada uma a seu tempo, explicar os formatos, os conteúdos e os efeitos das notícias sobre o público. Até hoje, várias delas continuam coexistindo e podendo, de algum modo, traduzir uma certa variedade das práticas jornalísticas presentes na nossa mídia, sem que uma teoria em particular tenha suplantado totalmente as outras. Autores como Traquina (2005a, 2005b) e Sousa (s/d) sustentam que várias dessas teorias se mostraram insuficientes, e mesmo antagônicas e contraditórias, quando aplicadas individualmente. Mas, associadas, podem descortinar novos entendimentos. Segundo Sousa (s/d, p. 6), “isoladas, essas explicações são insuficientes para explicar as notícias que temos e por que elas são como são, mas em conjunto revelam todo o seu poder explicativo”.

Não é o objetivo deste trabalho fazer uma ampla revisão das teorias do jornalismo, mas sim buscar um referencial teórico que possibilite compreender as peculiaridades dos diferentes discursos jornalísticos observados durante a cobertura da pandemia de influenza H1N1 em 2009 nos três jornais selecionados. Por esta razão, fiz um contraponto entre as teorias que apresentam a notícia como instância neutra, límpido reflexo de uma realidade dada, e aquelas que reconhecem a atuação direta dos atores sobre os acontecimentos para gerar as notícias. As primeiras se fundam exclusivamente na ideia de comunicação como transmissão de informação, enquanto as outras admitem que a comunicação se faz num processo de construção de sentidos sobre a realidade, no qual os enunciadores e os meios têm seu papel ativo, mas nem por isso o público se encontra em uma situação de absoluta passividade.

A concepção de neutralidade da notícia tem origem no modelo matemático da comunicação de Shannon e Weaver (MATTELART, A.; MATTELART, M., 2009), que influenciou diversas correntes de pesquisa, muitas vezes opostas, mas coincidentes no detalhe de compreender a comunicação como mera transmissão de informação. Nesse processo, concebido pelos dois engenheiros nos anos 40 do século passado, o papel da comunicação

seria o de transportar uma certa quantidade de informação de um ponto para outro, evitando que ruídos pudessem modificar a mensagem original e fazê-la chegar truncada ao destinatário. Este é um processo linear, em que os sujeitos envolvidos na comunicação têm papéis marcados e distintos: um domina a voz e o conhecimento (o emissor), o outro é um mero decodificador (o receptor), que será preenchido pela informação que lhe faltava.

De acordo com Mattelart e Mattelart (2009), tal modelo engendrou o pressuposto de neutralidade das instâncias “emissora” e “receptora”: a fonte daria origem à mensagem, que seria transformada em informação e codificada pelo emissor, depois transmitida por algum canal e finalmente recebida e decodificada pelo receptor no outro extremo da cadeia. Os autores lembram ainda que Shannon e Weaver preocuparam-se com a lógica do processo, mas não com a questão da significação, permitindo que variadas teorias sobre o poder ilimitado do emissor e a absoluta passividade do receptor – assim como a neutralidade dos textos das mensagens – pudessem ser estabelecidas e se mantivessem em voga por tanto tempo.

Inspirando-se nessa ideia de neutralidade, a teoria do espelho foi uma das primeiras a associar as noções de verdade e imparcialidade ao discurso jornalístico, explicando que as notícias são do jeito que são porque a realidade assim as determina (TRAQUINA, 2005b). O jornalista seria um comunicador desinteressado que apenas transmitiria a seu leitor uma imagem fiel da realidade, tal como se ela estivesse refletida num espelho: ele se limitaria a produzir um relato daquilo que aconteceu, sem comprometimento com nada nem ninguém fora daquela “verdade”. Enfim, conseguiria a proeza de guardar numa gaveta suas convicções políticas, formação cultural, interesses pessoais, sentimentos e tudo o mais que o torna um ser humano diferenciado – enfim, sua subjetividade – e vestir uma capa de objetividade e imparcialidade para relatar a seu público o que seria a verdade única e intrínseca do acontecimento, como se pudesse existir a observação do acontecimento sem a interferência da subjetividade do observador. Ainda hoje essa teoria agrada a muitos jornalistas – talvez porque se relacione intimamente com a questão da legitimidade do campo jornalístico – mas é preciso reconhecer que ela traz explicações absolutamente ingênuas, delineando um mundo que existiria independentemente da vontade e das ações das pessoas que nele transitam.

Nos anos 50, David Manning White estruturou o conceito de *gatekeeper* no jornalismo: o jornalista seria uma espécie de porteiro e deixaria passar pelos portões algumas notícias e barraria outras, sendo a seleção realizada a partir de suas experiências, atitudes e expectativas. Foi a partir desta noção que se começou a admitir que a notícia pudesse ser produto das pessoas e de suas intenções, mas ela ainda não chegava a ser vista como algo verdadeiramente mais complexo. Pode-se dizer que tal teoria era a princípio limitada, e



igualmente ingênua, por não levar em conta, por exemplo, a seleção prévia de notícias que iriam tentar passar pelo *gatekeeper* – muito mais tarde, todo esse campo torna-se mais complexo a partir das interferências das agendas políticas e cidadãs, dos interesses empresariais e de pressões religiosas, para citar apenas alguns fatores de interferência na seleção prévia.

Posteriormente, pesquisadores como Warren Breed (1993) retomaram a ideia das várias interferências, procurando explicar o processo menos como uma determinação individual e pessoal do “porteiro” e mais como fruto das normas ocupacionais, profissionais e organizacionais a que está submetido o jornalista. Pela lente da teoria organizacional, cada novo jornalista seria socializado na política editorial da empresa jornalística por meio de recompensas e punições, até que internalizasse as normas que devem orientar seu trabalho:

Todos, com a exceção dos novos, sabem qual é a política editorial. Quando interrogados, respondem que a aprendem ‘por osmose’. Em termos sociológicos, isto significa que se socializam e ‘aprendem as regras’ como um neófito numa subcultura. Basicamente, a aprendizagem da política editorial é um processo através do qual o novato descobre e interioriza os direitos e as obrigações do seu estatuto, bem como as suas normas e valores. Aprende a antever aquilo que se espera dele, a fim de obter recompensas e evitar penalidades (BREED, 1993, p. 155).

Ainda nesta linha, a teoria da *agenda setting* passou a explicar as notícias como resultado da seleção feita pelos veículos de comunicação a partir de fatos considerados como importantes e que deveriam ser publicizados. Os meios seriam então uma espécie de guia, de orientador que agendaria os temas que precisariam ser levados ao conhecimento do público, e com isso conseguiriam pautar os debates na sociedade e influir na construção e/ou transformação da realidade. A mídia teria, então, segundo Traquina (2005a), não exatamente o poder de dizer a seu público como pensar, mas certamente exerceria a prerrogativa de dizer a ele sobre o que pensar, uma vez que é ela quem escolhe os assuntos e conteúdos que serão transformados em notícia.

Traquina (2005a) cita ainda a teoria da ação política, defendida por aqueles que acreditam que as notícias de fato distorcem a realidade, embora pudessem ser fiéis a ela, se efetivamente o quisessem. Duas correntes se abrigam sob esta teoria, cada uma apontando razões opostas para explicar por que as notícias podem por vezes ser tão dissonantes da realidade que se experimenta. A primeira corrente diz que, por serem os jornalistas assalariados e submetidos ao poder das corporações jornalísticas – por sua vez, dependentes

das corporações econômicas e aliadas aos interesses dominantes – eles agiriam como instrumentos desse poder hegemônico. Assim, as notícias seriam responsáveis por manter o estado de “passividade e submissão”, dando ao público uma visão direitista e conservadora do mundo. A outra corrente prega o oposto – ou a mesma coisa, mas trocando de lugar patrões e empregados: os jornalistas, essencialmente de esquerda e autônomos no exercício de sua função, imprimiriam nos meios noticiosos a sua ideologia e produziram notícias enviesadas, de modo a passar ao público uma ideia errada dos conservadores e liberais, satanizando-os e culpando-os pelos males do mundo.

Sobre estas posições, e comentando trecho do livro “A ideologia alemã”, de Karl Marx, em que este afirma que num sistema capitalista a classe social que detém os meios de produção material também se pautaria por controlar a produção e a difusão de ideias, Trinta e Polistchuk (2003, p. 118) dizem que “entre outras prerrogativas, ‘classes dominantes’ desfrutam de poder midiático, o que lhes permite veicular, valorizar e fazer prevalecer ‘sua ideologia’, isto é, seus modos próprios de representar a realidade, e, por tal via e de tal modo, exercer sua ‘dominação’”. Rodrigo Alsina (2009), por sua vez, lembra que, historicamente, o interesse e o poder de conhecer os acontecimentos sempre estiveram associados às classes dominantes, pois este privilégio, no final das contas, era o que lhes facilitava a tarefa de consolidar ainda mais o seu poder. Mesmo antes da chamada imprensa de massas, comerciantes, monarcas e banqueiros da Europa recebiam de seus enviados informações manuscritas sobre os acontecimentos que poderiam interferir em seus interesses – muitos deles ocorridos a longa distância, em navios ou em outros reinos e colônias distantes.

A teoria que mais se aproxima do que os jornalistas pensam de seu trabalho é a teoria do *newsmaking*: a produção jornalística seria regida por fatores como os valores-notícia, e o jornalista e os meios de comunicação teriam o conhecimento e a experiência necessários para filtrar as informações mais relevantes, aquelas que têm amplitude suficiente para se sustentar como fato jornalístico. Ou seja, a produção de notícias estaria diretamente relacionada à cultura profissional dos jornalistas e às restrições da organização do trabalho: os critérios de noticiabilidade dos acontecimentos seriam então aqueles que legitimassem o processo produtivo – desde a combinação dos assuntos nas modalidades de confecção do noticiário até a utilização de determinadas fontes, passando por limites práticos de horários de fechamento, tamanho da força de trabalho nas redações e custos de execução das atividades necessárias para a produção das notícias.

Completando o rol de teorias que melhor fundamentam a análise proposta, a corrente etnoconstrucionista apresenta as notícias como resultado de um processo de produção

(TRAQUINA, 2005a) que transforma matéria-prima em produto – ou, acontecimentos em notícias – a partir do trabalho do jornalista e das influências do meio profissional no qual ele atua e da sociedade na qual ele se inscreve. Entretanto, o autor alerta que é importante não se deixar levar por uma visão instrumentalista desse processo de produção das notícias: não é porque a notícia é entendida como uma construção que se deve tomar como regra ambientes profissionais povoados por maquiavélicos editores que escolhem meticulosamente cada elemento do noticiário que será apresentado a seus leitores com intenções escusas.

Diante desse cenário teórico, cumpre ressaltar que entendo a notícia como fruto de escolhas feitas por uma cadeia formada pelos jornalistas (que atuam não apenas em sua subjetividade, mas também como atores sociais), pelas empresas de mídia, pelos anunciantes, pelas fontes e pelos consumidores dos noticiários. Escolhas que, muitas vezes, manifestam-se de forma objetiva e consciente, mas que também passam despercebidas quando resultam da naturalização de certos valores.

A notícia é, portanto, uma construção social, e alguns fatores principais devem ser levados em conta nesse processo: o jornalista e suas idiossincrasias, as fontes a quem recorre para a execução de sua tarefa, a rotina de produção a que está submetido no trabalho, os contextos social, político e econômico em que se dá a produção da notícia, e o público a que ela se destina. Com isso, alinho-me ao que Sousa (s/d) e Traquina (2005b) postulam com relação à necessidade de associar várias das teorias do jornalismo para melhor explicar e entender as notícias que temos e aquelas que optamos por não ter.

É fundamental perceber que, para uma agenda midiática visível, uma outra agenda, invisível, impõe-se no cotidiano: a agenda dos temas ocultados e das vozes silenciadas. Rodrigues (1999) explica o silenciamento de certas vozes como sendo uma espécie de sanção que o campo dos *media* aplica para punir aqueles que não se sujeitam a suas regras. Ao reservar a alguém ou a algum assunto a privação da visibilidade pública, a mídia estaria executando contra aquele “réu” uma condenação de perda de existência social: o que é publicado existe, é real; o que não é publicado não existe, não é real. Segundo o autor, “é por isso que cada vez mais a realidade se confunde com aquilo que é mediatizado pelo campo dos media” (RODRIGUES, 1999, p. 27).

De fato, atualmente nada escapa ao circuito vigilante das câmeras de TV, ao registro da mídia impressa e à instantaneidade da internet, para ficar em apenas alguns dos meios que sustentam a mediatização. Estar fora desse circuito pode significar estar socialmente morto e desprestigiado. Ou, por outro lado, a ausência de certos fatos negativos no noticiário – os agentes da corrupção, crimes do colarinho branco e desmandos políticos – em certos

momentos (ou com relação a determinados grupos e conjunturas) quer fazer crer que a ordem esteja estabelecida.

Mas quem – ou o quê – decide aquilo que terá voz ou será silenciado na mídia? Grosso modo, pode-se dizer que são as relações de poder que, em última instância, serão responsáveis pela estruturação da agenda midiática. De acordo com Traquina (2005a), duas variáveis, entre outras, mostram-se determinantes na estruturação da agenda jornalística: a primeira é a atuação global dos jornalistas e, em particular, os critérios de noticiabilidade que eles utilizam na seleção dos acontecimentos, enquanto a segunda é a ação estratégica dos promotores de notícias – que, evidentemente, têm interesses em promover determinados temas à condição de notícias, assim como prevenir que outras ocorrências se tornem acontecimentos públicos. Entretanto, Silva (2007) observa que entre os promotores de notícia estariam não apenas os lobistas que defendem causas particulares, a soldo, mas também sujeitos coletivos que batalham por um agendamento institucional de assuntos que afetam à sociedade. Em outras palavras, uma espécie de contra-agendamento, com a sociedade também conseguindo levar à mídia os seus pontos de interesse.

Ao recorrer à fonte especializada seja para confirmar ou derrubar uma tese, o jornalismo tenta reforçar a sua autoimagem de neutralidade e imparcialidade, por meio do artifício da objetividade. É como se, trazendo ao leitor alguém que legitimamente pode falar sobre o tema, em vez de ele próprio fazê-lo, o jornalista apresentasse sua credencial de profissional que respeita “a verdade dos fatos”, ao mesmo tempo em que tem o “faro” necessário para encontrar o especialista que domina o assunto em questão. Ora, mas como se dá a escolha de uma fonte autorizada entre tantas existentes? E como explicar que um certo número de mesmas fontes seja habitualmente chamado a opinar? E o que dizer dos necessários esclarecimentos sobre os interesses das fontes, que nunca aparecem junto das informações que estas fornecem? Santos (1997) chama atenção para o fato de que as fontes burocratizadas mantêm com os jornalistas um esquema de estarem permanentemente disponíveis ao chamado destes, conseguindo com isto a recompensa de se manterem sempre em evidência. E este desejo de “estar em evidência” não tem um caráter meramente narcisístico, mas, principalmente, significa exercer poder, ter a voz ouvida, apresentar à audiência a versão de verdade que lhe interessa. Como bem definiu Rodrigo Alsina (2009, p. 162), “o elo entre acontecimento-fonte-notícia é básico para a construção da realidade jornalística”, e as relações observadas no interior desta cadeia são tipicamente relações de poder, em que alguns agentes sociais têm acesso direto e imediato aos meios de comunicação,

enquanto outros estarão à margem do circuito tentando adentrá-lo, e haverá também os que serão mantidos irremediavelmente alijados.

Assim, as notícias nada mais são do que uma parte exposta da realidade – mostrada a partir de um certo ângulo, emergindo de uma determinada cultura, traduzida em função de um punhado de interesses, imbricada num contexto específico que a torna o que ela é. Como diz Charaudeau:

As mídias devem aceitar que não podem pretender à transparência, visto que o acontecimento é o resultado de uma construção. Não podem apresentar-se como um transmissor de notícia que se apaga diante do mundo percebido, nem como um simples escrivão que o registra, nem como um espelho que apenas o reflete fielmente. A deontologia, aqui, seria recusar-se a fazer passar como realidade do mundo social o que é apenas representação imaginada (CHARAUDEAU, 2006, p. 276).

## 1.2 - O discurso da notícia

Sodré (2009) lembra que a notícia não tem uma relação de exata proporcionalidade com o fato, uma vez que este necessariamente, para se tornar notícia, deverá primeiro se enquadrar nos parâmetros jornalísticos de construção do acontecimento – ou seja, será traduzido pela cultura jornalística a partir das práticas profissionais de apuração dos dados, elaboração de entrevistas e produção de textos. Isso, segundo o autor, deixa visível que a notícia se configura como resultado de um processo ordenado de elaboração de versões. Em outras palavras, é uma construção discursiva que elabora e interpreta o real (aspas do autor):

Parte-se do ‘fato em bruto’ (ou ‘fato bruto’) isto é, das qualidades ainda indiferenciadas de uma ocorrência, para transformá-lo em ‘acontecimento’ por meio da interpretação em que implica a ‘notícia’, esse microrrelato que, desdobrado ou ampliado, nos dará possibilidades de acesso argumentativo ao ‘fato social’ (SODRÉ, 2009, p. 71).

A representação imaginada se materializa no discurso da notícia por meio dos diversos discursos que disputam no cenário social – e, mais especificamente, no cenário midiático – a legitimidade de ser o “mensageiro da verdade”, aquele que nos faz saber dos “fatos reais”.

O discurso, como Fairclough (2001) o concebe, é o uso da linguagem na prática social. Portanto, ele implica sempre um modo de ação no mundo, além da mera representação deste mundo. O discurso não é somente aquilo que dá conta de descrever e explicar a

realidade à nossa volta, mas um elemento fundamental na construção e constituição desta realidade: ele não é uma instância neutra, fora da realidade, à qual recorreremos para expor aos outros a verdade dos fatos, mas um ingrediente indispensável dessa receita de verdade. O autor rejeita as concepções que entendem a linguagem como neutra, homogênea e transparente. Para ele, como prática social, a linguagem tem natureza heterogênea, dialógica, e constitui os discursos ao mesmo tempo em que é constituída por eles.

Quando se trata especificamente do discurso do jornalismo, é importante ter em mente que ele veio sofrendo transformações históricas até se apresentar mais modernamente com uma proposta de neutralidade, imparcialidade e objetividade, mas não foi sempre assim. No que toca à objetividade, Schudson (2010) identificou os primeiros esforços por introduzi-la no jornalismo no princípio do século XIX nos Estados Unidos, e um dos estímulos – não o único, é necessário frisar – teria sido a entrada da publicidade nos jornais, até então atrelados a partidos políticos, grupos e associações, e por estes financiados. A adoção da objetividade, nesse contexto, assim como a caracterização clara e a separação entre o que era material noticioso e os textos de caráter opinativo, foram fatores que permitiram a conquista de um novo público para os jornais, formado pela classe média urbana. O autor defende, porém, que a objetividade como norma e valor cultuado pelo jornalismo só se firma efetivamente depois da Primeira Guerra Mundial, como um modo para tentar escapar da subjetividade na narração dos fatos da realidade. Tuchman (1993), por sua vez, define a objetividade mais como um ritual estratégico – ouvir os dois lados de uma questão, não emitir opinião ao narrar, registrar que determinada fonte não foi encontrada ou não respondeu ao pedido de entrevista etc. – que o jornalista segue durante a execução de seu trabalho para se proteger de situações adversas, como queixas de um superior ou algum processo judicial.

No Brasil, Ribeiro (2003) relata que até a década de 40 do século passado os periódicos seguiam o modelo francês de jornalismo, com estilo mais literário e valorizando a opinião, a crônica e os artigos polêmicos. Tinham também forte relação com a política, apresentando-se como porta-vozes do Estado ou de determinados grupos econômicos e políticos – panorama igual ao descrito por Schudson (2010) sobre o que ocorrera um século antes nos EUA. De acordo com Ribeiro (2003), foi a partir da década de 1950, e principalmente no Rio de Janeiro, que começou a surgir no Brasil o jornal como empresa jornalística, fazendo com que a neutralidade e a imparcialidade passassem a ser cultuadas como valores intrínsecos ao jornalismo – que, com isso, objetivava ser reconhecido como “um gênero de estabelecimento de verdades” (RIBEIRO, 2003, p. 148).

Neste ponto, é preciso ressaltar as naturalizações engendradas com o intuito de dar a esse discurso o poder inquestionável de representação e mediação dos acontecimentos da sociedade, como se não houvesse o tempo todo uma luta pelo estabelecimento dos sentidos sociais (ARAÚJO, 2000; ARAÚJO; CARDOSO, 2007; BOURDIEU, 2000). É esse poder simbólico (BOURDIEU, 2000) – o de construir e/ou reproduzir realidades, juízos e valores – que dá ao discurso midiático a força de representação que ele tem hoje na nossa sociedade. Este mesmo processo acaba por transformar o “discurso” da mídia em “discursos” da mídia: embora tendo uma unidade no que diz respeito ao poder de “fazer saber”, ele incorpora parte da pluralidade social na medida em que se dirige a públicos diversos, e almeja cada vez alcançar plateia mais ampla. O que nos traz a noção de concorrência discursiva: quando várias vozes disputam entre si pela prevalência de seu próprio modo de perceber, analisar e intervir sobre a realidade (ARAÚJO, 2005).

Ora, se os discursos têm uma relação ativa e não passiva com a realidade, se não se trata de um sistema transparente por meio do qual é possível se referir aos objetos e sujeitos que já estão dados e constituídos no mundo, mas sim de um processo que interferirá na elaboração e delimitação desses sujeitos e objetos, então para melhor entender de que tratam os discursos é preciso antes compreender como esses discursos se constituem, que vozes os conformam, a partir de que espaços se manifestam. E, mais do que os conteúdos em si presentes nos discursos, o que importa é o modo como as diversas vozes irrompem, quais as presenças e também as ausências sentidas, as marcas que remetem ao que não necessariamente está ali, mas que foi fundamental na construção daquilo que ali está – enfim, as condições de produção desses discursos.

### **1.3 - Discurso e contexto**

A tudo que funciona como uma moldura dos discursos em si, pode-se chamar de contexto – ou seja: a esfera das relações sociais onde os sujeitos interagem, onde as disputas de sentidos são travadas. Para Bakhtin (1999), é importante observar o contexto em que um enunciado é produzido, visto que este sempre estará carregado dos sentidos que são mobilizados pelos interlocutores naquele contexto. É, portanto o meio social – esse “exterior” em que é produzido o enunciado, e não o interior do indivíduo que enuncia – que determina os seus sentidos.

Só o grito inarticulado de um animal procede do interior, do aparelho fisiológico do indivíduo isolado. É uma reação fisiológica pura e não ideologicamente marcada. Pelo contrário, a enunciação humana mais primitiva, ainda que realizada por um organismo individual, é, do ponto de vista do seu conteúdo, de sua significação, organizada fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social (BAKHTIN, 1999, p. 121).

No âmbito ainda da análise dos discursos – e da linha teórica pela qual optei – a questão do contexto se apresenta como fundamental, por estar intimamente ligada às relações dos textos com as condições sociais em que eles foram produzidos. Como bem definiu Bakhtin (1999, p. 66), “a palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais”. E Pinto (2002) chama a atenção para o caráter dialético que envolve a relação dos textos com a sociedade e a cultura:

A produção, a circulação e o consumo de textos são controlados pelas forças socioculturais, mas os textos também constituem a sociedade e a cultura, de um modo que pode ser tanto transformativo como reprodutivo, e a análise não poderá separá-los. Esta relação, ou este controle, não são nunca mecânicos. Não se pode pensar a causalidade em ciências humanas e sociais da mesma forma como é pensada pelas ciências da natureza (PINTO, 2002, p. 47-8).

Pode-se dizer que esse controle constituído pelas forças sociais se reflete na construção do enunciado, conforme destaca Bakhtin:

Ao construir o meu enunciado, procuro defini-lo de maneira ativa: por outro lado, procuro antecipá-lo, e essa resposta antecipável exerce, por sua vez, uma ativa influência sobre o meu enunciado (dou resposta pronta às objeções que prevejo, apelo para toda sorte de subterfúgios etc.). Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele (BAKHTIN, 2010, p. 302).

Ainda de acordo com Bakhtin (2010 p. 300), “o enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas”. O autor continua ressaltando que “entretanto, o enunciado não está ligado apenas aos elos precedentes, mas também aos subsequentes da comunicação discursiva” (p. 301). Ou seja: ao



produzir seu enunciado, o enunciador não somente “conversa” com enunciados que o precederam como também prepara o caminho para enunciados que virão depois, antecipando a resposta que seu público lhe poderá dar. A isto Bakhtin chama de endereçamento: os enunciados são produzidos levando-se em conta as características daquele alguém que o receberá, e este “direcionamento” é parte constitutiva de todo enunciado.

#### 1.4 - Endereçamento e contrato de leitura

O conceito de endereçamento em Bakhtin se aproxima do que Verón (2004) propôs como contrato de leitura, este mais voltado para explicar o elo estabelecido entre um suporte de imprensa e seu público. O autor define o contrato de leitura como sendo o dispositivo de enunciação que comporta a imagem que o enunciador faz de si mesmo, a imagem que ele constrói de seu destinatário, e a relação entre o enunciador e o destinatário:

O conceito de contrato de leitura implica que o discurso de um suporte de imprensa seja um espaço imaginário onde percursos múltiplos são propostos ao leitor; uma paisagem, de alguma forma, na qual o leitor pode escolher seu caminho com mais ou menos liberdade, onde há zonas em que ele corre o risco de se perder ou, ao contrário, que são perfeitamente sinalizadas (VERÓN, 2004, p. 236).

O contrato seria, pois, um conjunto de regras propostas pelo enunciador para serem acatadas pelo público, numa espécie de parceria discursiva em que este é presumido por aquele, que tem o papel mais ativo.

Entretanto, há autores que apontam desvantagens na aplicação deste conceito de contrato em análise de mídia, e uma delas seria que a ideia soa um tanto tautológica (CORREIA, 2009, p. 29): “para se ler um texto como jornalismo, é preciso saber o que é jornalismo. Logo, não se trata apenas de saber o que é jornalismo, mas o que é proposto pelo campo dos *media* como jornalismo”. Ainda segundo Correia, a noção de contrato remeteria a uma relação recíproca e simultânea entre atores em igualdade de condições, e o que acontece na prática é o contrário: relações assimétricas e diferenciadas em função, entre outras coisas, do acesso à tecnologia e aos bens culturais e econômicos – em suma, dos graus de poder.

Neste sentido, o conceito de endereçamento em Bakhtin (2010, p. 301), por considerar que “o enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas, em prol das quais, em essência, ele é criado”, seria mais adequado para dar conta de um panorama em que o público

não é compreendido apenas como mero receptor de mensagens, com a opção apenas de acolher ou rejeitar as mensagens, mas também como um participante ativo do processo de comunicação. Quando Ribeiro, Sacramento e Roxo (2011, p. 7) demonstram, com inspiração naquele autor, que “o dialogismo faz com que as marcas enunciativas não sejam isoladas, mas sejam partes específicas da tessitura social mediadas pela linguagem de certo gênero discursivo ao mesmo tempo em que são construídas também por ela”, exemplificam como a atitude responsiva do outro imprime suas marcas na comunicação.

### **1.5 - Texto, prática discursiva e prática social**

Para melhor compreender as estratégias discursivas da mídia, convém não se prender estritamente ao conteúdo dos textos por ela disseminados, e sobretudo é fundamental analisar a teia de sentidos presentes na interação das múltiplas vozes que constituem e são constituídas por seus discursos. Os textos da mídia constituem-se como práticas discursivas que, por sua vez, são mediadas por práticas sociais. É esta tridimensionalidade proposta por Fairclough (2001) que dá ao discurso não somente o poder de reprodução das práticas sociais e das ideologias, mas também a possibilidade de atuar na transformação social. A primeira dessas três dimensões é o texto, que tem como categorias de análise o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual. O vocabulário trata das palavras individuais – neologismos, lexicalizações, relexicalizações de domínios da experiência, superexpressão, relações entre palavras e sentidos – e a gramática, das palavras combinadas em frases. A coesão analisa as ligações entre as frases por mecanismos referenciais e campo semântico. A estrutura textual analisa a organização do texto. Na segunda dimensão, a prática discursiva, analisam-se as atividades cognitivas de produção, distribuição e consumo de texto. E ainda a força dos enunciados, que têm na intertextualidade e na interdiscursividade seu maior ponto de interesse: os textos diversos que convivem dentro de cada texto, de forma direta ou indireta, manifesta ou oculta, configurando o dialogismo, a que Bakhtin (1999) denomina de interação verbal. O caráter dialógico da linguagem é a condição fundamental para a constituição de sentido do texto. Nesse contexto, o autor usa a palavra “diálogo” numa acepção mais ampla, ilustrada por sua tese de que o livro, por exemplo, é “um ato de fala impresso”, que “constitui igualmente um elemento de comunicação verbal”. Assim, “qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma *fração* de uma corrente de comunicação ininterrupta” (BAKHTIN, 1999, p. 123). Em outras palavras, os textos estão

sempre repletos de várias vozes que dialogam dinamicamente, mesmo que à primeira vista um leitor desatento possa não percebê-las. A prática social, terceira das dimensões do discurso propostas por Fairclough, envolve a questão das relações do discurso com a ideologia e o poder. Mas não a ideologia vista como única e universal e sim as diversas ideologias que estão presentes nas práticas e nas instituições sociais, e que entram em luta, na ordem do discurso (FOUCAULT, 2009), pela obtenção da hegemonia discursiva.

Hegemonias são forjadas, reproduzidas, mantidas, contestadas e transformadas a partir das práticas discursivas. É na medida em que as práticas discursivas conseguem naturalizar certos modos de dizer, certos sentidos, fazendo-os parecerem neutros e originais, verdadeiros – e, por isso mesmo, amplamente aceitos e introjetados pelo público – que elas obtêm a hegemonia. A realidade, portanto, não é dada e não é única: ela é composta por vários contextos no campo de luta simbólica pela obtenção de hegemonia. A dimensão discursiva, por extensão, seria a arena primeira desses embates, e se construiria na interação social, tanto para produzir, reproduzir e manter, quanto para transformar as práticas sociais (FAIRCLOUGH, 2001).

Num espaço valorizado como o é, nos dias de hoje, o midiático, esse embate pela hegemonia discursiva cada vez conta com atores em maior número e mais bem preparados. E a concorrência discursiva é cada vez mais intensa, com cada ator levando para a luta um arsenal de armas e munição não necessariamente igual ao dos adversários: alguns pacotes argumentativos terão supremacia sobre outros, uns levarão a melhor. Este não é, como definiu Fausto Neto (1999), um espaço de cordialidade e simetrias. Ao contrário, é movido por conflitos e negociações. “Com isso, podemos dizer que a linguagem não se constitui exclusivamente em instância de inteligibilidade social. Mas, pelo contrário, em dispositivo de atualização das relações de forças na sociedade” (FAUSTO NETO, 1999, p. 14).

Enfim, é a partir de tais constatações que procurarei desvendar o que, no discurso jornalístico, vai além da promessa de entregar ao leitor a verdade dos fatos – desnaturalizando a ideia de uma mídia neutra e imparcial, desinteressada – e fazer emergir os outros sentidos não explícitos que sabemos estar ali contidos, problematizando-os. Não cabem visões maniqueístas ou ingênuas sobre a mídia, pois nem os discursos midiáticos são tão radicalmente intencionados como pregam alguns nem deixam de estar carregados de intenções por não serem assim tão milimetricamente programados por seus “donos”. E é precisamente esta condição que torna os discursos da mídia um objeto tão interessante para os estudos de análise dos discursos: eles dizem mais do que planejam dizer, porque

frequentemente incorporam outras vozes sem nem mesmo perceber, e muitas vezes dizem por meio do silêncio.

Esses discursos trazem consigo traços da ideologia de quem os produziu – seja o jornalista que escreveu o texto, ou o chefe que o pautou, ou o executivo que transmitiu ao chefe o estado de espírito dos acionistas da empresa de mídia – mas também são plenos de outros sentidos que nem mesmo alguém que se dedique a escolher arditamente as palavras seria capaz de controlar completamente: os sentidos amalgamados em termos e conceitos que se constituem e reconstituem o tempo todo, deslocando-se ao sabor das épocas, dos valores, dos interesses de classe etc., e que retornam sempre na forma de vestígios, marcas, sinais que ajudarão a moldar os novos discursos produzidos.

### **1.6 - As construções sociais da doença**

Assim como as práticas discursivas variam em função dos contextos sociais, a saúde e a doença, além das óbvias implicações biológicas, também se apresentam como fatos sociais (HERZLICH, 1994): sua natureza e sua distribuição são diferentes de acordo com a época, a sociedade em questão e as condições sociais dadas. O que equivale a dizer que a interpretação coletiva que se faz da saúde e da doença em cada contexto espaciotemporal estará sempre pondo em questão a sociedade ou a ordem social então vigente.

Herzlich (1994) chama a atenção para as transformações que a sociologia começa a empreender na década de 50 nos estudos da medicina como produtora de categorias sociais de saúde e de doença: embora o enfrentamento da doença esteja circunscrito ao campo da medicina, o fato de a doença implicar sintomas desagradáveis e vivências dolorosas, que desarranjam a vida individual ou ameaçam levar a catástrofes coletivas, conduz a um transbordamento de sentidos que vai muito além da prática médica. Segundo ela, a partir da verbalização de suas concepções sobre a doença, os indivíduos na verdade falam de outra coisa: “Porque ela exige interpretação, a doença se torna um suporte de sentidos, um significante cujo significado é a relação do indivíduo com a ordem social” (HERZLICH, 1994, p. 202).

Em estudo que desenvolveu nos anos 60 na França, com pessoas de classe média, a autora constatou a existência de todo um sistema de pensamento coerente e de concepções autônomas sobre saúde e doença que independiam totalmente das categorias do saber médico. Ou seja: os modos de falar sobre a doença não mobilizavam a linguagem sobre o corpo, sobre

o orgânico, mas sim a linguagem das relações do indivíduo com a sociedade. Ao relatar suas experiências, os entrevistados só admitiam ter tido alguma doença quando esta teve o poder de modificar a sua vida e sua identidade social: “Nunca estive doente, eu nunca parei”, disse um dos entrevistados, considerando como doença somente aquilo que pudesse ter interrompido suas atividades sociais, e não algo que afetasse seu corpo físico, mas não o “derrubasse”. O que significa, para Herzlich, que a doença é vivida como uma experiência destrutiva, desagregadora, uma vez que o indivíduo submetido a ela se vê perdendo sua identidade, e para restaurar sua identidade ele precisa estar integrado socialmente.

Corroborando a tese de que é sempre a sua relação com a sociedade que o indivíduo expressa ao verbalizar suas concepções sobre a doença, Sontag (2007, p. 64) nos fala sobre como “as enfermidades sempre foram usadas como metáforas com o intuito de reforçar as acusações de que uma sociedade era corrupta ou injusta”. A autora relata que ao longo do século XIX as metáforas sobre as doenças foram se tornando cada vez mais fortes, e generalizou-se uma tendência de associar o termo genérico doença ou algum mal específico em si a toda situação que se quisesse desaprovar. Do mesmo modo, tais metáforas se prestam a estigmatizar e descartar os indivíduos ou os grupos que se deseja alijar do convívio social: “Hoje, equiparar um fato ou uma situação política a uma enfermidade significa imputar a culpa, pedir o castigo” (SONTAG, 2007, p. 71).

Embora reconheça os usos da doença como metáfora, Sontag – cujo interesse pelo tema se deu justamente a partir do diagnóstico de um câncer, nos anos 70 – denuncia a cruel subjugação do doente a esses sentidos pejorativos, por parte da sociedade, e defende a tese de que o modo mais verdadeiro de encarar as patologias biológicas seria aquele que resiste ao pensamento metafórico sobre elas. A autora considera que as modernas metáforas de doença enquadram o doente como um fraco, um derrotado. E continua: “As pessoas que sofrem da doença real em nada se beneficiam ao ouvir o nome da sua doença constantemente mencionado como a síntese do mal” (SONTAG, 2007, p. 73).

Ainda no que se refere às metáforas, enquanto a doença sempre materializa o mal, a perfeição no andamento dos ritmos sociais é associada à saúde: “As modernas metáforas de doença especificam um ideal de bem-estar da sociedade equiparado à saúde física, que não raro é antipolítico, ao mesmo tempo que é um apelo em favor de uma nova ordem política” (SONTAG, 2007, p. 67).

De fato, alguns pesquisadores têm se dedicado a discutir a questão de como os discursos sobre a saúde nunca se referem somente às dimensões da saúde (CASTIEL; GUILAM; FERREIRA, 2010; VAZ et al., 2007), mas principalmente a outros interesses de

ordem econômica, política e social. Neste sentido, as metáforas que associam o bom funcionamento do “corpo social” à saúde engendram abordagens orientadas mais pelo ângulo da prevenção e/ou dos conceitos conservadores acerca da promoção da saúde e voltadas para o indivíduo. Castiel e Álvarez-Dardet (2007) observam que isso acaba trazendo poucos benefícios para a coletividade, pois conduz à dissolução das responsabilidades sociais a partir dos efeitos do individualismo, além de impor um forte sentido de culpabilização da pessoa por seus próprios problemas.

No escopo da presente pesquisa, a análise da produção de sentidos nos discursos jornalísticos sobre a epidemia da gripe H1N1 teve o objetivo de contribuir para este mapeamento em curso das representações da saúde e da doença na mídia. O que foi feito a partir da observação de quais foram as práticas discursivas adotadas pelos jornalistas e suas fontes naquele momento de epidemia, o modo como a doença e suas representações sociais emergiram nos textos jornalísticos, e em que medida os discursos apontaram para mudanças sociais ou para a manutenção da hegemonia dos sentidos já em circulação.

## 2. A INFOGLOBO E SEUS JORNAIS

Fundado por Irineu Marinho, o jornal *O Globo* chegou às bancas pela primeira vez no dia 29 de julho de 1925, com uma edição de 33.435 exemplares (UM JORNAL, 2005). O título fora escolhido em um concurso popular – mesmo modo que seria usado em 1998 para dar nome ao *Extra* e em 2006 para batizar o *Expresso*, outros dois veículos de mídia impressa da família Marinho. Embora Irineu e os antigos colegas de *A Noite* – seu primeiro jornal, fundado em 1911 e vendido na década seguinte (SODRE, 1983) – definissem editorialmente a nova publicação como um jornal “do Rio e para o Rio”, a primeira página do número de estreia trouxe uma única referência local (buracos em ruas do Engenho Novo), as demais notícias giravam em torno de assuntos internacionais, nacionais ou de política majoritária (SONHO, 2003). Irineu morreu 23 dias depois de pôr o novo título na rua, e seu filho Roberto Marinho, então com 20 anos, começou a se preparar (já atuando na redação) para assumir a direção do periódico, o que aconteceria seis anos depois.

Nos anos 50 o jornal mudou-se de um velho sobrado no Largo da Carioca, no Centro antigo do Rio, para a sede atual, na Cidade Nova, e não parou de crescer. Antes, em 1944, Marinho havia inaugurado a Rádio Globo. Depois, em 1957, abriu a Rio Gráfica e Editora e obteve a concessão para um canal de TV, que iniciaria as transmissões em 1965 (SONHO, 2003). Assim surgiram as principais empresas que seriam reunidas em um conglomerado sob o título de Organizações Globo. Outros empreendimentos (gravadora, distribuidora de TV a cabo, produtora de cinema etc.) se somariam às organizações com o passar dos anos.

Na metade da década de 90, marcada por uma curva ascendente nas tiragens de *O Globo* – o periódico bateu a marca de 1 milhão de exemplares vendidos no dia 12 de março de 1995, com o lançamento do primeiro fascículo do “Atlas da História Universal” (JORNAL, 2005) –, sua editora, a Empresa Jornalística Brasileira (EJB), decidiu lançar novos produtos de mídia: o *Globo On Line*, foi o primeiro, em 1996, e marcou a entrada do conglomerado no ambiente virtual; seguido do *Extra*, em 1998, *Diário de S.Paulo*, em 2001 (vendido em 2009), e *Expresso*, em 2006. Na esteira dos novos empreendimentos, a EJB trocou sua razão social para Infoglobo Comunicação e Participações S/A, hoje responsável pelos três jornais, pela agência de notícias do grupo e os sítios das publicações na internet. As Organizações Globo têm também o jornal de economia *Valor Econômico*, editado em parceria com o Grupo Folha.

O lançamento do *Extra* aconteceu no dia 5 de abril de 1998, e foi precedido por extensa e intensa campanha de marketing que convocou a população a votar para escolher o

nome da nova publicação. De acordo com matéria publicada em *O Globo* às vésperas de o novo jornal chegar às ruas, mais de 500 títulos foram sugeridos pela população, além dos três nomes propostos na cédula: *J. Pop*, *Oi* e *Extra*. Este último terminou vencedor, com cerca de 106 mil dos mais de 500 mil votos depositados nas urnas (NOVO, 1998). O jornal estreou nas bancas em um domingo, esgotando os 130 mil exemplares impressos antes das 8h30m da manhã e levando a direção a aumentar em 30% a tiragem de 100 mil prevista para o dia seguinte ('EXTRA', 1998). Pouco mais de um ano depois, em agosto de 1999, o novo jornal alcançava tiragens em torno dos 250 mil exemplares diários e ultrapassava *O Dia*, seu concorrente direto. Segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC) citados pelo jornal *Meio & Mensagem* sobre o *Extra*, “em agosto a média de circulação do jornal foi de 242.815 exemplares durante a semana e 265.586 aos domingos. De acordo com pesquisas de circulação extra-oficiais feita pelo IVC, em abril deste ano, *O Dia* obteve, respectivamente, 218.208 e 251.955” (CARRILHO, 1999).

A proposta do novo jornal, diziam então seus idealizadores, era produzir um conteúdo popular de qualidade e conquistar um público diferente do que já lia *O Globo*: a classe C e parte da classe D. Para isso o veículo investiu em colunistas-celebridades (o humorista Tom Cavalcante, o escritor Paulo Coelho, o músico Tony Belloto, a modelo e atriz Luiza Brunet, o jornalista Haroldo de Andrade e a apresentadora Angélica, entre outros), nos brindes casados (figurinha da sorte, sorteio de carros zero, selos para troca por utilidades domésticas etc.) e no jornalismo de serviço: “Este vai ser o único jornal a ter uma página de serviço diária e a trazer um pequeno dicionário que explica as palavras não usuais e os termos técnicos utilizados nos textos” ('EXTRA', 1998). O pastor Caio Fábio,<sup>6</sup> então uma celebridade devido a, entre outras coisas, seu projeto social Fábrica da Esperança, em Acari, também foi fisgado como colunista. Em sua coluna de estreia no *Extra*, ao recomendar a seus fiéis o novo veículo e ensinar-lhes como deveriam lê-lo, mostrou como a religião poderia ajudar a vender um jornal popular (os termos em letras maiúsculas e as aspas são do texto original):

#### **E Deus criou o jornal**

Manchetes de jornal e outdoors são formas de comunicação profetizadas na Bíblia. “Escreve em tábuas bem grandes que até quem passe correndo possa ler”, disse o profeta Habacuque no Velho Testamento, há cerca de 2.800 anos.

Hoje, o Rio ganha mais um jornal. EXTRA significa aquilo “a mais”, que chega como uma adição, como soma, como algo que aparece na forma de

---

<sup>6</sup> Ele cairia em desgraça no fim daquele ano, acusado de intermediação na tentativa de venda do Dossiê Cayman para petistas (PAIXÃO, 1999).



uma “graça”, como uma dádiva. É assim que você deve ler o EXTRA. Ele deseja ser nas suas mãos muito mais do que aquilo que você tinha até então e muito mais do que aquilo que você estava esperando. É dessa forma também que eu quero que você leia esta coluna no EXTRA. Minha certeza é de que, lendo este espaço, alguma coisa diferente e especial vai atingir você. Algo extra!

Agora, só para pensar: cobradores de impostos perguntaram a São Pedro: “Vosso mestre paga impostos?”. O apóstolo pecador disse “sim”. Ao entrar na casa onde Jesus se hospedava ouviu uma estranha recomendação: “Vai ao mar e joga o teu anzol. Um peixinho que engoliu uma valiosa moeda vai ser fígado. Tira-o da água e o abra. Dentro dele acharás o suficiente para pagar o teu e o meu imposto”.

Moral da história: se Jesus conhece peixes entalados no fundo do mar, é justo pensar que Ele sabe muito mais ainda sobre aquilo que hoje entala você. Saber disso nos dá a certeza de que não caminhamos sós e despercebidos neste planeta e de que sempre existe a possibilidade de que Ele nos fisque e nos livre daquilo que nos tira a alegria de viver. Os olhos de Deus conhecem as nossas rotas, mesmo aquelas nas regiões profundas.

E Deus criou o jornal (FÁBIO, 1998).

O editorial deste número inaugural do *Extra* também é pleno de sentidos sobre o modo como o periódico deseja se relacionar com seu público: reivindica para si o papel daquele que vai defender o seu leitor – principalmente contra os governantes –, e que para isso buscou conhecer a fundo quais seriam suas necessidades e valores, e aprendeu a falar a sua língua para estabelecer uma comunicação “entre iguais”. Mas, para isso, precisa ser autorizado a “entrar na sua vida” (os termos em letras maiúsculas são do texto original):

### **Amigo de fé**

Foi para servir, ser útil, ético e olhar a vida com os olhos de seus leitores que nasceu o EXTRA. Quem primeiro veio ao mundo foi a sua alma, carregada de pedidos vindos da voz das ruas, gravados nos documentos das pesquisas. Depois surgiram o coração e o amor pela idéia de ser possível atender a tantos pleitos, fazer um jornal de qualidade, preço acessível à massa de leitores, com identidade bem definida e educado desde o berço para respeitar e defender a cidadania.

Pulsando o coração, foi a vez da cabeça. O EXTRA correu ao mercado jornalístico e contratou alguns dos mais renomados profissionais. Em seguida, realizou um concurso e promoveu o ingresso de jovens repórteres nos seus quadros. Apresentou-se ao mundo com a sabedoria dos mais experientes e com o ímpeto realizador dos mais novos.

Quando começou a andar, o EXTRA deu seus primeiros passos para onde o povo está. Durante quase dois meses, sua equipe de repórteres visitou todos os bairros do Rio, especialmente nas zonas Norte e Oeste, e os municípios da Baixada, Niterói e São Gonçalo. Foi ver de perto com quem iria falar. Foi aprender a linguagem de quem iria ouvi-lo.

Corpo desenhado, cabeça com idéias claras, coração apaixonado e pernas ágeis, o EXTRA, contudo, ainda era pagão. Precisava ser batizado. Necessitava de um padrinho. De um só, não. De milhares. O EXTRA desejava ser de todos. Surgiu, então, o concurso para a escolha do nome.

Foram mais de 500 mil votos, como uma cidade inteira a embalar o novo filho.

Alegre, inteligente, bom de papo, esse filho do povo sabe de tudo o que acontece e interessa no dia-a-dia. É bem-humorado, mas também tem um gênio forte. Se pisam no calo de seu leitor, ele fala, discute, briga e não deixa barato. E pelos seus olhos não deixa de passar nada, senhores governantes.

Assim, o EXTRA chega na sua casa, respeitando você e sua família, com muita informação, serviço e divertimento para todos. O tipo de coisa que só um amigo de fé, irmão e camarada é capaz de fazer (AMIGO, 1998).

Em seus quase 14 anos de existência, o *Extra* conquistou um público muito maior e mais variado do que previam os executivos da Infoglobo naquele primeiro momento, e hoje chega a contar com um significativo percentual (39%) de leitores da classe B (INFOGLOBO, 2011b). Sua tiragem, que já naquele momento inicial ultrapassou a de *O Dia*, com quem ele de fato disputava mercado, em muitos momentos sobrepujou também a do próprio *O Globo*, como em 2002 (286 mil contra 266 mil) e 2008 (287 mil contra 281 mil) (ANJ, 2012).

Mais novo veículo de mídia impressa da Infoglobo, o *Expresso* fez sua estreia no dia 27 de março de 2006, vendendo cerca de 50 mil exemplares em todo o estado do Rio de Janeiro no primeiro dia, e foi apresentado da seguinte maneira por seus dois “irmãos mais velhos” (o primeiro trecho é de *O Globo* e o segundo, do *Extra*; os termos em letras maiúsculas e as aspas são dos textos originais dos jornais):

#### **‘Expresso’, o novo jornal para as classes C e D**

Chegou ontem às ruas do Rio o jornal “Expresso”, a nova publicação da Infoglobo, que também edita o GLOBO, o “Extra” e o “Diário de S. Paulo”. Em formato tablóide e com tiragem inicial de cem mil exemplares, o produto foi criado para atender à população das classes C e D do estado que ainda não lê jornal. Pelos cálculos do mercado, são 3,2 milhões de potenciais leitores nesse segmento (‘EXPRESSO’, 2006).

#### **Leitores do Rio têm novo jornal**

“Direto ao que interessa”. Com este slogan, a Infoglobo - empresa que edita os jornais “O Globo” e EXTRA, no Rio, e o “Diário de São Paulo” - lançou, ontem, nas bancas de todo o estado do Rio, o seu mais novo jornal: “Expresso”. Resumido, agradável de ler e com um preço bem acessível, o tablóide agradou já na estréia. O custo, de R\$0,50, foi apenas um dos atrativos (LEITORES, 2006).

E o próprio jornal se anunciou assim:

### **Formato e a variedade das notícias são destaques**

Direto ao que interessa. Foi assim que o EXPRESSO chegou ontem às bancas do Rio. Resumido, agradável de ler e com um preço baratinho, o jornal agradou na estréia.

A população reagiu com interesse e surpresa.

- É muito bom ter um jornal cheio de notícias, muito mais do que a gente imagina e por um preço bem em conta - disse [o leitor] Maurício Franco (FORMATO, 2006).

Nessas três matérias publicadas já é possível observar as diferentes abordagens dirigidas aos variados leitores dos jornais. Em *O Globo*, o lançamento do *Expresso* é noticiado como negócio: seu leitor é informado sobre a tiragem do novo jornal, a que grupo de leitores que ele se destina (que não é o mesmo de *O Globo*) e o que isso representa em termos de conquista de um novo nicho de mercado. Ao público do *Extra* são omitidos esses dados, mas oferecidas as informações de que o jornal foi lançado em bancas de todo o estado do Rio e que o preço é acessível: R\$ 0,50. Ao leitor do próprio *Expresso* não seria mesmo necessário dizer que o jornal custa R\$ 0,50, mas é peculiar que se tenha substituído o “preço bem acessível” do *Extra* por “um preço bem baratinho”, e que o leitor entrevistado se diga satisfeito por ter “um jornal cheio de notícias”: atesta o que está explicitado em *O Globo*, que o tablóide foi criado para a população que “ainda não lê jornal”.

Em sua página na internet, a Infoglobo mantém um banco de dados com a descrição de cada um dos seus produtos (os jornais e seus respectivos cadernos/editorias) e resultados de pesquisas de mercado para orientar os anunciantes na escolha do veículo e da editoria mais adequados para publicar suas propagandas. Constam desse material informações sobre o perfil e os hábitos de consumo dos leitores de cada um dos três jornais editados pela empresa, assim como as tiragens atualizadas dos mesmos. Os dados são de responsabilidade do IVC e da empresa de pesquisa de mercado Ipsos Marplan.

É da seguinte forma que a Infoglobo define cada um de seus jornais:

O Globo é o jornal preferido entre os formadores de opinião. Um público sensivelmente exigente e qualificado, O Globo é o jornal que mais investe na sua equipe, com colunistas renomados em todo o país.

Seu noticiário inclui os fatos mais importantes do país, de maneira clara, objetiva e imparcial.

O Globo não só vai muito além do papel de um jornal como também traz resultados muito além das suas expectativas (INFOGLOBO, 2011a).

Nada é mais valioso para um jornal do que os seus leitores. Não é à toa que o *Extra* é o jornal mais lido do Brasil. Seus leitores são atraídos por um meio de comunicação que sempre busca oferecer o melhor conteúdo, novos

cadernos, produtos e serviços que facilitam a vida das pessoas (INFOGLOBO, 2011b).

Com linguagem simples, fácil e rápida o Expresso chegou às bancas para oferecer aos leitores das classes C/D a oportunidade de estarem bem informados por um preço acessível.

O jornal traz informações sobre a cidade, polícia, economia, esporte, TV e lazer, oferecendo aos seus leitores dicas e serviços úteis para seu dia-a-dia (INFOGLOBO, 2011c).

Nas pesquisas de perfil dos leitores disponíveis na página da Infoglobo, os números relativos ao período de julho de 2010 a junho de 2011 mostram que *O Globo* tem a maior parte de seus leitores (Gráfico 1) na classe B (61%), sendo o segundo grupo mais numeroso o da classe C (20%), depois o da A (17%) e por último os das classes D e E (2%). Já entre os leitores do *Extra*, a maioria é da classe C (53%), com o segundo contingente na B (39%) e os demais na D/E (5%) e na A (3%). O público do *Expresso* também é majoritariamente de classe C (63%) e seu segundo grupo mais representativo está na classe B (26%), mas é dos três jornais o que mais tem leitores nas classes D e E (10%) e menos na classe A (1%).

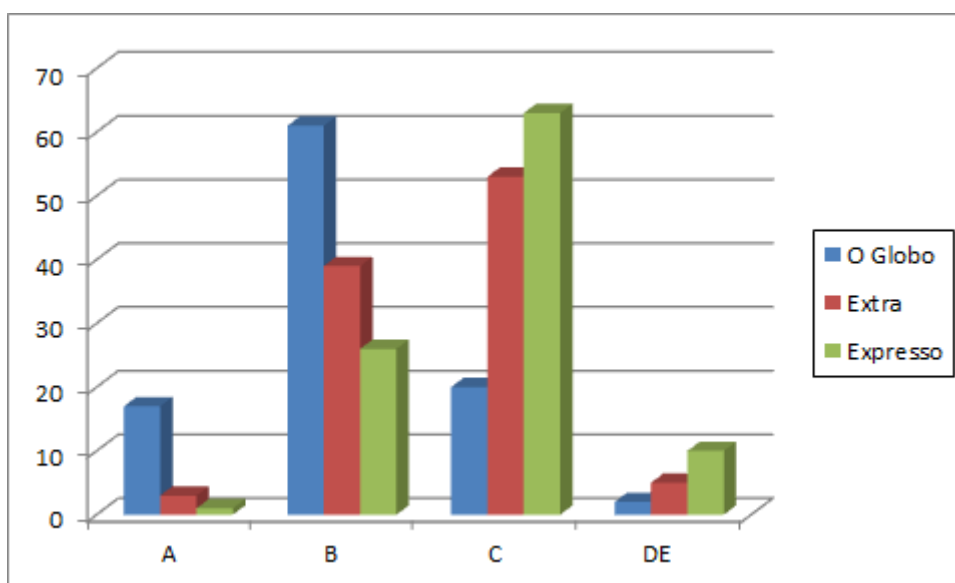


Gráfico 1: Perfil dos leitores dos jornais *O Globo*, *Extra* e *Expresso* por classe social no período de jul. 2010 a jun. 2011. Fonte: Infoglobo, 2011a, 2011b, 2011c

Com relação à faixa etária (Gráfico 2), observa-se que a maior e a menor concentração de público de *O Globo* encontram-se nos extremos da tabela: os acima de 60 anos somam 23% dos leitores, enquanto os de 10 a 19 anos são 9%. No *Extra*, os dois maiores grupos de leitores ficam empatados em duas faixas: de 20 a 29 anos e de 40 a 49 anos, cada uma com

21%, e o menor (12%) na faixa de 50 a 59 anos. O leitor preferencial do *Expresso* está na faixa de 20 a 29 anos (29%), enquanto os grupos menos numerosos se encontram nas faixas de 50 a 59 anos e acima de 60 anos, ambas com 9%. Os leitores mais maduros, portanto, preferem *O Globo*, enquanto os mais jovens optam pelo *Extra* e pelo *Expresso*.

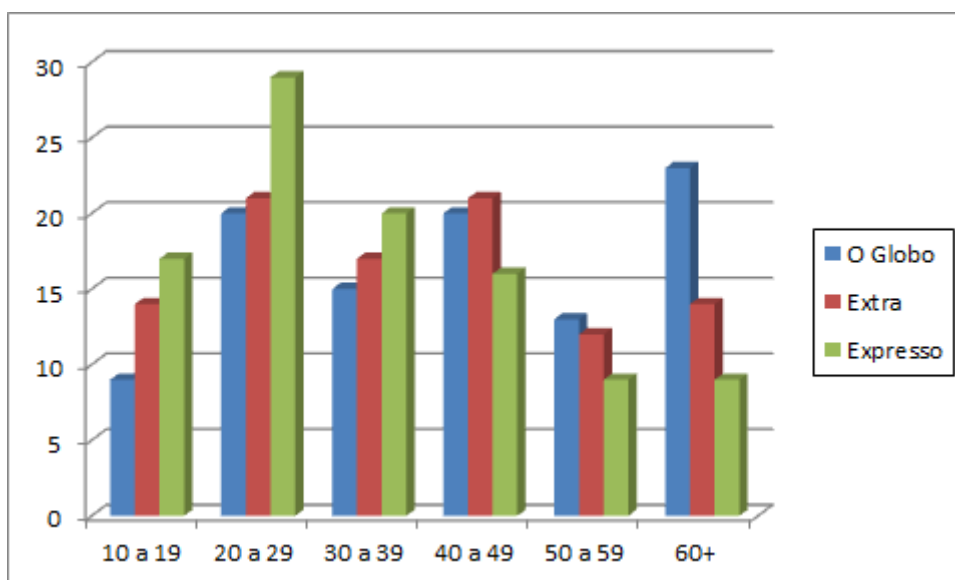


Gráfico 2: Perfil dos leitores dos jornais O Globo, Extra e Expresso por faixa etária no período de jul. 2010 a jun. 2011. Fonte: Infoglobo, 2011a, 2011b, 2011c

Juntos, os três jornais têm mais leitoras do que leitores (Gráfico 3), sendo que no *Extra* o percentual feminino é o maior (55%), seguido de *O Globo* (54%) e do *Expresso* (51%).

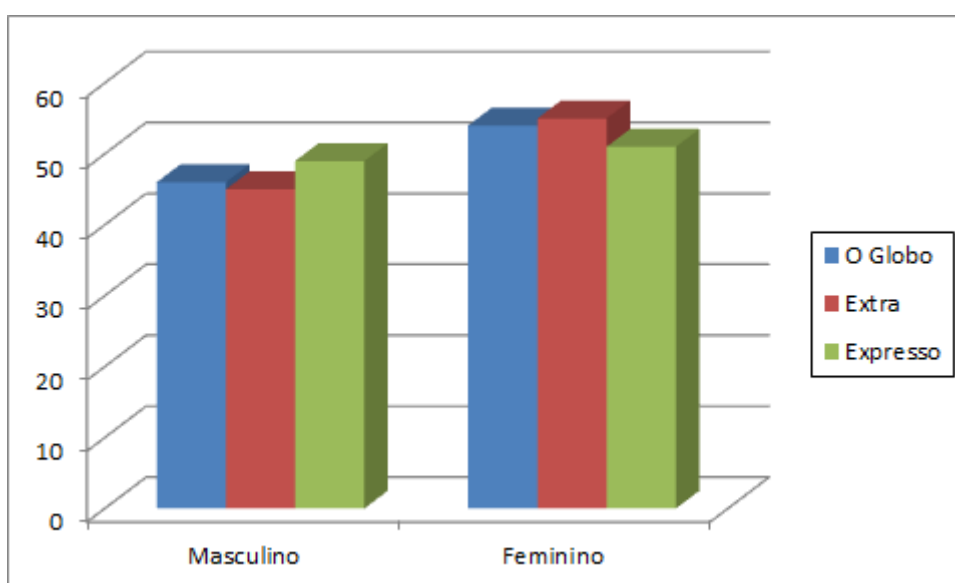


Gráfico 3: Perfil dos leitores dos jornais O Globo, Extra e Expresso por sexo no período de jul. 2010 a jun. 2011. Fonte: Infoglobo, 2011a, 2011b, 2011c

Mas é no grau de escolaridade (Gráfico 4) que o público dos veículos mais se diferencia: *O Globo* tem 55% de leitores com curso superior, número que cai para 18% no *Extra* e 9% no *Expresso*. Os leitores com ensino médio completo são 30% em *O Globo*, 44% no *Extra* e 45% no *Expresso*. Já os de menor escolaridade são minoria em *O Globo* (15%), mais numerosos no *Extra* (38%) e maioria no *Expresso* (46%). *O Globo*, portanto, é o jornal nitidamente preferido pelo (e voltado para) o público mais letrado, em oposição ao *Expresso*, dirigido aos grupos com pouca escolaridade. O *Extra* fica em um certo meio termo, mais próximo do *Expresso* do que de *O Globo*.

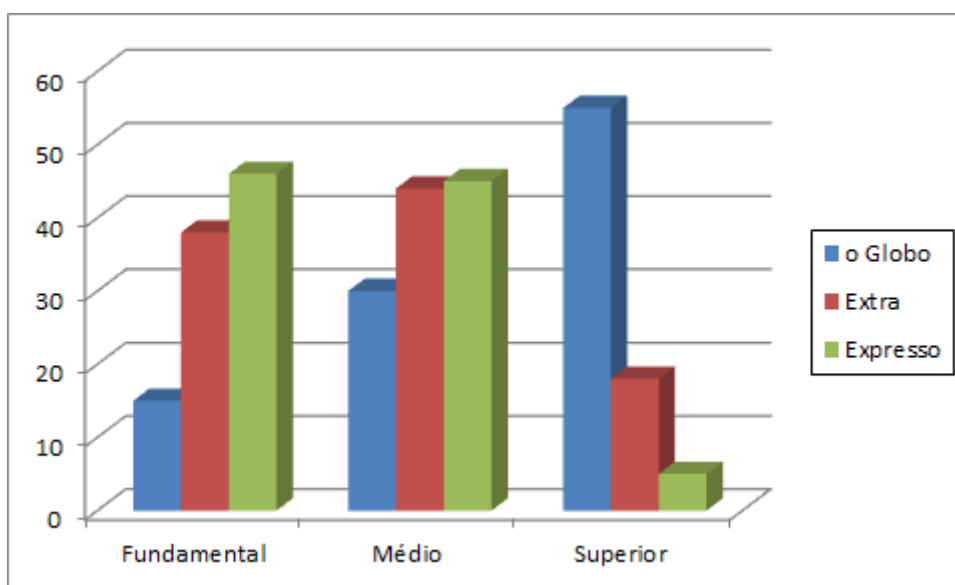


Gráfico 4: Perfil dos leitores dos jornais *O Globo*, *Extra* e *Expresso* por escolaridade no período de jul. 2010 a jun. 2011. Fonte: Infoglobo, 2011a, 2011b, 2011c

Outro dado da pesquisa de perfil dos leitores que merece ser citado é o interesse que eles demonstram pelos assuntos ligados a saúde, bem-estar e qualidade de vida: nos três jornais, entre os itens pesquisados, esse é o conjunto de temas que mais atrai a atenção, conquistando 87% dos leitores de *O Globo* e do *Extra*, e 84% do público do *Expresso*. A pesquisa revela ainda que 61% dos leitores de *O Globo* e 26% dos leitores do *Expresso* têm plano de saúde, mas não fornece tal informação sobre os leitores do *Extra*.

Quanto ao sistema de produção jornalística nos veículos impressos da Infoglobo, este é pautado por uma sinergia<sup>7</sup> que envolve, na elaboração de conteúdos, mais diretamente os jornais *O Globo* e *Extra*, sendo o *Expresso* apenas usuário desses conteúdos. Os dois

<sup>7</sup> No mercado da mídia, trata-se da otimização da produção e do uso dos conteúdos produzidos por equipes diversas de um mesmo veículo ou veículos diversos de um mesmo grupo editorial no intuito de reduzir custos e aumentar lucros (Cf. CRISTOFOLETTI, 2008).

primeiros atuam individualmente em algumas áreas (*O Globo* em sucursais de outros estados e no exterior, e o *Extra* cobrindo mais a Zona Oeste do Rio, por exemplo) e trocam material entre si, além de abastecerem os portais de internet. Por isso, muitas vezes, as notícias veiculadas em um e outro jornais têm textos muito semelhantes, as diferenças ficando por conta de títulos, tamanho e diagramação. No documentário “Notícias da Redação” – lançado em novembro de 2011 na página de *O Globo* na internet – o diretor de redação do jornal, Ascânio Seleme, narra a rotina de trabalho dos jornalistas e assim define a estrutura da empresa e a lógica da informação:

O Globo tem mais de 430 jornalistas em suas redações do Rio, Brasília e São Paulo. Há também correspondentes em Washington, Nova York, Paris, Londres e Buenos Aires, além de dúzias de colaboradores em cidades de portes diferentes: de Tóquio a Volta Redonda, de Tel Aviv a Belo Horizonte, de Madri a Recife, ou de Berlim a Porto Alegre. Toda nossa equipe trabalha para que a notícia chegue ao leitor rapidamente. É como numa fábrica: a informação surge, o repórter a processa, o editor a embala e o produto segue seu rumo. Mas entre uma redação e uma fábrica, a diferença é que informação não tem hora certa pra chegar, não tem um padrão comum para ser processada, e muito menos um modelo de embalagem onde seja inserida. Pode ser publicada imediatamente, nas plataformas digitais, ou aguardar o jornal do dia seguinte (NOTÍCIAS, 2011).

Analisando o funcionamento de modelos de convergência de mídia em empresas do setor na Espanha e no Brasil, Micó, Masip e Barbosa (2009) lembram que a sinergia entre os jornais impressos da Infoglobo se iniciou em 1999, muito antes do anúncio das ações de integração com os sítios do grupo na internet, em 2008, que se fez conduzir pela campanha “Muito além do papel de um jornal”. Sobre tais modelos de convergência e sinergia, os autores sustentam que certos empresários veem neles uma possibilidade de salvar os meios impressos, pressionados pela queda de audiência e cada vez mais tendo que dividir os aportes publicitários com os novos meios que surgem. Mas as vantagens iriam além disso – por exemplo, com a fidelização de leitores que se habituariam a circular entre as diversas plataformas do mesmo grupo e com a redução de gastos com pessoal, mediante a construção da figura do jornalista polivalente, aquele que produz para vários meios.

Segundo os autores, os que apoiam esse processo sustentam que a tecnologia daria a esses profissionais mais capacidade de abordar todo tipo de assunto, sem contar que os produtos jornalísticos divulgados nos diversos suportes teriam mais coerência por serem oriundos de um mesmo autor. Os críticos, porém, também têm bons argumentos para condenar a prática:

Para eles, a convergência comporta a homogeneização dos discursos e a consequente perda de pluralismo. Ademais, quando não se respeitam as especificidades da linguagem de cada suporte e o imediatismo prevalece sobre a análise, a qualidade também baixa. Eles também sustentam que o jornalista polivalente seria a justificativa perfeita para reduzir as equipes. A sobrecarga de tarefas para este profissional lhe obriga, por outro lado, a investir menos tempo na criação de cada peça. Consequentemente, as notícias serão superficiais ou incompletas (MICÓ; MASIP; BARBOSA, 2009, s/p).

O resultado dessa sinergia praticada nas redações da Infoglobo será bem visível na análise que se seguirá dos textos dos três jornais, nos quais se poderá observar, muitas vezes, a utilização de trechos inteiros com a mesma redação, e em outras com adaptações de linguagem e/ou adequações para espaços editoriais menores.



### 3. MARCOS DE UMA EPIDEMIA NAS PÁGINAS

#### 3.1 – Caracterização geral do *corpus* ampliado

De 25 de abril de 2009, quando os três jornais aqui analisados publicaram as primeiras notícias sobre o surto da nova gripe que surgira no México, até 18 de agosto daquele ano, quando os mesmos veículos reportaram que os casos de contaminação pelo vírus da influenza H1N1 já estariam em declínio no Brasil, 116 dias transcorreram, período no qual se produziu uma das mais alentadas e contínuas coberturas jornalísticas de um agravo de saúde nos últimos tempos. Nesse espaço de 116 dias corridos, *O Globo* noticiou o tema em 101 dias, enquanto o *Extra* o fez em 95 e o *Expresso*, em 74.

Em número de páginas (contando as capas quando houve chamadas e mesmo as páginas que continham apenas notas), foram 766 nos três jornais ao longo de todo o período (Quadro 1), sendo 391 em *O Globo*, 260 no *Extra* e 115 no *Expresso*. Contabilizando por número de textos, *O Globo* publicou 687 textos, o *Extra* 513 e o *Expresso* 123, somando 1.323 textos em toda a extensão do recorte temporal. Considerei como texto tudo aquilo que não era imagem (foto, ilustração e charge) – ou seja: matérias, *boxes*<sup>8</sup>, entrevistas, artigos, editoriais e cartas de leitores, assim como os infográficos<sup>9</sup>, por eles serem predominantemente compostos por textos, além das imagens.

**Quadro 1: Total de páginas e textos publicados pelos três jornais no período pesquisado**

	<i>O Globo</i>	<i>Extra</i>	<i>Expresso</i>	Total
<b>Páginas</b>	391	260	115	<b>766</b>
<b>Textos</b>	687	513	123	<b>1.323</b>

Os 687 textos (Quadro 2) de *O Globo* foram veiculados nas seguintes editoriais: 287 em Rio, espaço reservado aos assuntos relativos à rotina da cidade e do estado onde o jornal tem sua sede; 135 na editoria de Opinião, que reúne editoriais (opinião do jornal), cartas de leitores e artigos assinados; 93 em O Mundo, que traz o panorama dos acontecimentos

<sup>8</sup> Espaço delimitado graficamente por fio ou cor diferenciada, geralmente destacando algum elemento ou contendo explicações adicionais sobre a matéria principal à qual está ligado.

<sup>9</sup>Arte gráfica que combina elementos visuais (fotos, ilustrações, gráficos, tabelas etc.) e texto para a apresentação mais objetiva de dados e informações de uma matéria.

internacionais; 26 no Segundo Caderno, reservado à cultura e ao entretenimento; 22 em Economia, que aborda o mundo das finanças, das empresas e do consumo; 13 em Esportes; 13 em Ciência/Saúde, página que aborda pesquisa científica, saúde e bem-estar, e é publicada sem periodicidade certa; 9 na seção *Por Dentro do Globo*, que traz notícias referentes ao processo produtivo do jornal; 7 em O País, onde se concentra o noticiário de política e dos temas de interesse nacional; 3 no Boa Chance, suplemento de empregos; 3 no Globinho, suplemento infantil; 2 no Megazine, suplemento para jovens; e 1 no Prosa & Verso, suplemento literário; além de 56 chamadas de primeira página e 17 chamadas internas.

**Quadro 2: O Globo - Textos por editorias publicados ao longo do período pesquisado**

Rio	287
Opinião	135
O Mundo	93
Primeira página	56
Segundo Caderno	26
Economia	22
Página 2	17
Ciência/Saúde	13
Esportes	13
Por dentro do Globo	9
O País	7
Boa Chance	3
Globinho	3
Megazine	2
Prosa & Verso	1
<b>Total</b>	<b>687</b>

No *Extra*, a distribuição dos 513 textos (Quadro 3) foi feita da seguinte maneira: 219 na editoria Geral, de assuntos da cidade e de polícia; 168 em Viva Mais, que aborda saúde e bem-estar; 22 em Jogo Extra, que trata de esportes; 16 no Extraonline.com.br, seção que traz os destaques da página do jornal na internet; 9 em Opinião; 7 em Economia; 4 em Sessão Extra, caderno de entretenimento e cultura; 1 em Internacional e 1 em O País; além de 66 chamadas de primeira página.

**Quadro 3: Extra - Textos por editorias publicados ao longo do período pesquisado**

Geral	219
Viva Mais	168
Primeira página	66
Jogo Extra	22
Extraonline.com.br	16
Opinião	9
Economia	7
Sessão Extra	4
Internacional	1
O País	1
<b>Total</b>	<b>513</b>

O *Expresso* publicou seus 123 textos (Quadro 4) nas editorias Geral (70); Esporte (7); Saúde (6); e nas seções *Direto ao que interessa* (23), que apresenta um noticiário compacto; *Página 2* (2), que aos domingos traz os destaques da semana; e *Fique de Olho* (2), que reúne matérias de serviço e cartas dos leitores; além de 13 chamadas na primeira página.

**Quadro 4: Expresso - Textos por editorias publicados ao longo do período pesquisado**

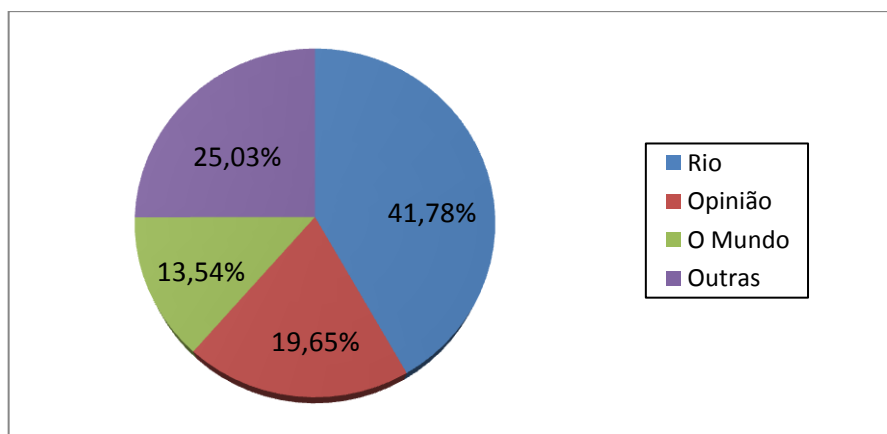
Geral	70
Direto ao que interessa	23
Primeira página	13
Esporte	7
Saúde	6
Fique de Olho	2
Página 2	2
<b>Total</b>	<b>123</b>

Em *O Globo*, o local preferencial do noticiário da influenza H1N1 foi a editoria de assuntos de cidade (Gráfico 5), e o segundo maior número de textos foi publicado pela editoria Opinião – a maioria (93,3%) no formato de cartas de leitores. Como se pode observar no quadro de dispersão dos textos<sup>10</sup> ao longo dos 116 dias, o tema da influenza H1N1 começou a ser tratado na seção internacional, pois inicialmente era um acontecimento localizado no exterior, com casos confirmados em vários países mundo afora e nenhum ainda no Brasil. No dia seguinte (9 de maio) à confirmação da existência dos primeiros casos de contaminação no país, e com o anúncio de que o Rio registrara o primeiro episódio de

<sup>10</sup> Cf. Anexo 2.

contágio ocorrido no Brasil (um paciente que não estivera no exterior, como os demais), o noticiário se transferiu para a editoria Rio, onde ficou por mais de um mês, primeiramente monitorando a situação desse paciente, seus familiares e vizinhos, paralelamente a outros episódios no Brasil e no mundo, e depois registrando novos casos surgidos.

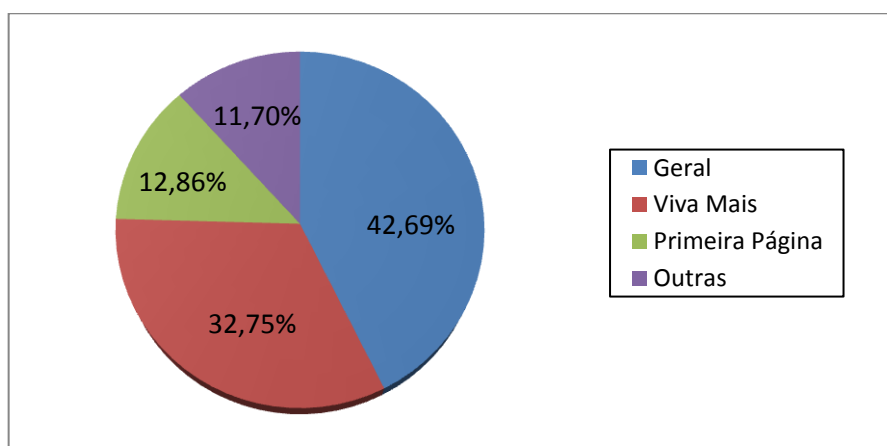
Nesta etapa da cobertura, houve uma grande redução das matérias, com a influenza H1N1 praticamente sumindo das páginas nos 11 primeiros dias de junho (houve registros em apenas dois desses dias, e nenhuma chamada de capa). No dia 12 de junho o tema foi retomado, fazendo breve retorno às páginas de assuntos internacionais, no momento em que a Organização Mundial de Saúde decretava o alerta de pandemia, e permaneceu naquela editoria por uma semana, período no qual o foco principal do noticiário foi o anúncio pelo laboratório suíço Novartis de que tinha desenvolvido uma vacina contra a gripe, seguido de repercussões sobre como se daria a produção e a distribuição do imunizante pelo mundo. O tema voltou para o noticiário local com a publicação (20 de junho) da suspeita de que o secretário estadual de Saúde do Rio, Sérgio Côrtes, pudesse ter contraído a gripe, e permaneceu na editoria Rio com registros de novos casos confirmados, do fechamento de escolas, das primeiras mortes, da antecipação e depois o alargamento das férias escolares, até o anúncio de que os casos de contaminação estavam em declínio, em 18 de agosto, momento limite do nosso recorte. De 23 de junho a 18 de agosto, não houve um dia sequer sem notícia sobre a influenza H1N1 nas páginas de *O Globo*. Nos últimos 11 dias de julho e nos 18 primeiros dias de agosto, o aumento do número de textos contabilizados se deu muito em função da grande presença de cartas de leitores em quase todos os dias: das 126 existentes no corte temporal desta pesquisa, 84 foram publicadas neste período final.



**Gráfico 5: Total de textos publicados por editorias no jornal O Globo, com destaque para as três com maior número de textos nos 7 dias do corpus reduzido, entre 25 abr. 2009 e 18 ago. 2009**

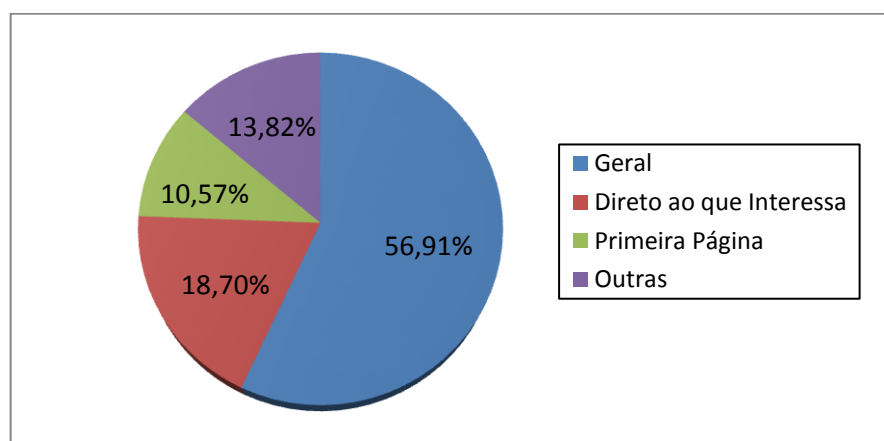
No *Extra*, a maior parte dos textos se concentrou na editoria Geral (Gráfico 6), e em segundo lugar, bem próximo, na Viva Mais. Ao longo da cobertura, houve intercalação e às vezes simultaneidade das publicações entre essas duas editorias, sem que se pudesse perceber uma razão específica que explicasse tal configuração. Pensando com base na lógica das rotinas de produção das redações, especialmente com relação à paginação dos jornais, uma hipótese que se pode levantar é que a escolha sobre onde publicar (Geral ou Viva Mais) tenha sido feita a cada dia em função da quantidade de outras matérias a editar nas respectivas editorias: quando havia muitos outros assuntos de cidade, para evitar o inchaço da Geral, a influenza H1N1 era transferida para a Viva Mais; do mesmo modo, quando a editoria Viva Mais já tinha seu espaço comprometido com outras matérias abordando saúde e bem-estar, a influenza H1N1 passava para a Geral, se esta estivesse mais folgada; ou mesmo o noticiário era dividido entre as duas, como se observou em alguns dias, para compor a paginação de ambas. Mas seriam necessários estudos mais específicos para comprovar ou refutar esta tese.

A primeira notícia sobre o surto da nova gripe, no dia 25 de abril, foi publicada em O País, e foi a única nesta editoria durante todo o período pesquisado. A editoria Internacional teve também um único registro, em 29 de junho, tratando sobre as eleições na Argentina, quando os cidadãos compareceram às seções eleitorais usando máscaras. Mesmo quando o tema das matérias eram somente os países estrangeiros, o *Extra* as publicava nas páginas de assuntos de cidade ou de saúde e bem-estar. Nos últimos 8 dias de julho e nos 18 primeiros dias de agosto, com uma única exceção, a Geral tratou continuamente do tema, com raras publicações paralelas em Viva Mais e outras editorias. Assim como *O Globo*, de 23 de junho a 18 de agosto o *Extra* não deixou de abordar a influenza H1N1 um dia sequer.



**Gráfico 6: Total de textos publicados por editorias no jornal Extra, com destaque para as três com maior número de textos nos 7 dias do corpus reduzido, entre 25 abr. 2009 e 18 ago. 2009**

A editoria Geral do *Expresso* acolheu mais da metade das publicações sobre a influenza H1N1 no período pesquisado (Gráfico 7), e a segunda com mais textos foi a seção *Direto ao que interessa*, onde as notícias são mais curtas, a maioria resumida em título e uma frase. De modo geral, a cobertura do jornal se restringiu a uma ou duas matérias por edição nos dias em que abordou o tema, raríssimas vezes chegando a publicar três matérias em um mesmo dia. Contando apenas a cobertura principal na Geral e na seção *Direto ao que interessa* (fora notinhas em outras editorias e chamadas de capa), o *Expresso* publicou texto único em 51 dos 74 dias de sua cobertura, e em 20 dias publicou dois textos – sendo o segundo, invariavelmente, um *box* de serviço, com informações sobre como evitar a doença, como reconhecer os sintomas ou onde buscar atendimento.



**Gráfico 7: Total de textos publicados por editorias no jornal Expresso, com destaque para as três com maior número de textos nos 7 dias do corpus reduzido, entre 25 abr. 2009 e 18 ago. 2009**

Embora os três jornais tenham editorias ou páginas específicas para assuntos de saúde, este não foi o local preferencial da cobertura da influenza H1N1 para nenhum deles. O jornal que mais enquadrou a influenza H1N1 na editoria de temas de saúde foi o *Extra*, com 32,75% das publicações na Viva Mais. A editoria Saúde do *Expresso* recebeu 4,88% das matérias do jornal sobre o tema. E em *O Globo*, somente 1,89% do noticiário sobre a pandemia foi editado sob a chancela de Ciência/Saúde. A influenza H1N1 foi investida nos três veículos como um assunto tipicamente de cidade.

Outra informação que também chama a atenção é a quantidade de chamadas de primeira página que o tema mereceu ao longo do período pesquisado, sobretudo em *O Globo* e no *Extra*. Este último destacou a H1N1 na primeira página em 54 dos 95 dias em que noticiou a pandemia, com um total de 66 chamadas, pois houve vários dias em que fez

menção dupla e até tripla ao tema na capa. Já *O Globo*, em seus 101 dias de noticiário, publicou chamadas em 52 deles, com uma menção tripla e duas duplas, somando 56 destaques de primeira página. Por qualquer critério (o número de dias com chamadas ou o número total de chamadas) o *Extra* ultrapassa *O Globo* no quesito chamada de primeira página, mas este último jornal publicou 17 chamadas de segunda página – uma modalidade secundária de destaque do noticiário que os outros dois jornais não têm. Por sua vez, o *Expresso* viu poucos atrativos na pandemia para alçá-la a assunto de capa: publicou chamadas somente em 13 dos 74 dias de sua cobertura – e ainda assim esta foi sua seção que recebeu o terceiro maior número de publicações durante o período, o que demonstra que o tema ficou quase que circunscrito à editoria Geral. Das 13 chamadas de primeira página do *Expresso* sobre a pandemia de H1N1, 4 envolviam celebridades contaminadas, com suspeita de contaminação ou simplesmente com medo.

Um último aspecto que gostaria de destacar com relação ao *corpus* ampliado é a dimensão opinativa da cobertura de *O Globo*, com 135 textos (19,65%) publicados na editoria de opinião, sendo 126 deles no formato de cartas de leitores, e os demais divididos entre artigos assinados e editoriais. Uma vez que no *corpus* reduzido desta pesquisa (o qual detalharei em seguida) não há significativa presença de cartas, optei por não explorar em profundidade essa questão, mas reconheço que existe aí um dado precioso de pesquisa a merecer abordagem cuidadosa em um trabalho futuro.

### **3.2 – Caracterização do *corpus* reduzido**

Conforme dito anteriormente, o *corpus* reduzido desta pesquisa é composto por 7 dias de noticiário dos três jornais, representando 7 momentos que considereí marcantes durante a cobertura: a primeira notícia sobre a existência do surto da nova gripe no México (25/04), o registro da ocorrência dos primeiros casos suspeitos no Brasil (27/04), a confirmação dos primeiros casos no país (08/05), a decretação de pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (12/06), o anúncio da primeira morte no Brasil (29/06), o registro da primeira morte no Rio de Janeiro (17/07) e a menção de que começava o declínio dos casos de contaminação (18/08). Embora, ao longo dos 116 dias corridos do recorte, nem todos os dias os três jornais tenham abordado o tema da H1N1, nesses 7 momentos selecionados houve coincidência de todos terem publicado alguma matéria, de forma que os três estão representados em todos os dias deste *corpus* reduzido. No presente recorte foram encontradas

um total de 57 páginas (Quadro 5), sendo 30 de *O Globo*, 18 do *Extra* e 9 do *Expresso*. O primeiro jornal publicou um total de 52 textos; o segundo, 41; e o terceiro, 13 – incluídas aí as chamadas de capa, que foram 2 no *Expresso*, 6 no *Extra* e 6 em *O Globo*, sendo que este último publicou uma chamada de segunda página no dia em que não destacou o assunto na capa. Com o objetivo de dar ao leitor mais um instrumento para visualização e comparação do espaço destinado pelos três jornais à cobertura da pandemia de influenza H1N1 no presente recorte – uma vez que o número de páginas e o número de textos não dão uma visão completa, pois os textos têm tamanhos variados e há páginas em que foram publicadas apenas notinhas – measurei a cobertura também em centimetragem<sup>11</sup>, e apresento no Quadro 5 o comparativo dessas três medidas nos três jornais:

**Quadro 5: Páginas, textos e centimetragem dos três jornais presentes no corpus reduzido**

	<i>O Globo</i>	<i>Extra</i>	<i>Expresso</i>	Total
Centimetragem (cm <sup>2</sup> )	14.160	8.336	2.092	<b>24.588</b>
Número de Páginas	30	18	9	<b>57</b>
Textos	52	41	13	<b>106</b>

Para medir a centimetragem, utilizei como parâmetro o centímetro quadrado (a altura em centímetros do espaço ocupado pela matéria multiplicada pela largura também em centímetros desse mesmo espaço) e não o centímetro por coluna (altura da matéria em centímetros multiplicada pela quantidade de colunas presentes no espaço ocupado), posto que a divisão das páginas desses jornais em colunas não é fixa, variando o número de colunas e a largura dessas conforme a diagramação das matérias. Conta-se como espaço ocupado pela matéria a área total incluindo os títulos, os textos e as imagens, assim com as chamadas de primeira página, quando houver. A centimetragem total das matérias de *O Globo* incluídas neste corpus reduzido foi de 14.160 cm<sup>2</sup>; a do *Extra* foi de 8.336 cm<sup>2</sup> e a do *Expresso* foi de 2.092 cm<sup>2</sup>. Passo agora a uma descrição geral do que os três jornais apresentaram em cada um desses 7 momentos.

<sup>11</sup> Modo de calcular o espaço ocupado por um anúncio ou texto publicado em mídia impressa, que pode ser expresso em centímetros quadrados (altura x largura) ou centímetros/coluna (altura x quantidade de colunas).



## 25 de abril – Primeira notícia

*O Globo* inicia sua cobertura da influenza H1N1 publicando uma matéria com uma foto e um *box* com uma ilustração, no alto de duas páginas conjugadas da editoria O Mundo (ocupando cerca de  $\frac{1}{4}$  do espaço total dessa página dupla), além de chamada de capa com uma grande foto de mexicanos numa fila de hospital, com os rostos protegidos por máscaras. A centimetragem total desse dia (matérias internas e a chamada de capa) foi de 788 cm<sup>2</sup>. Já o *Extra* fez um registro bem sucinto (70 cm<sup>2</sup>), de 27 linhas em uma coluna de largura, no pé<sup>12</sup> de uma página na editoria O País, sem chamada de capa. O *Expresso* reservou ao tema uma área ainda menor: uma nota de 25 cm<sup>2</sup> na seção *Direto ao que interessa*, e também não remeteu o assunto à sua primeira página.

O que marcou o noticiário de *O Globo* neste primeiro dia foi o tom de alarme pelo temor de uma “epidemia mundial” e a tradução em números do que tratou ora como um surto localizado na América do Norte, ora como epidemia: o jornal lançou na chamada de capa a existência de 21 mortos no México, e no título interno elevou a cifra para 61 (incorporando as mortes ainda sob investigação), destacando também a quantidade de infectados naquele país e nos Estados Unidos. O tom de alarme foi justificado pelo fato de ser aquela uma doença ainda pouco conhecida da comunidade científica. Já no primeiro dia, *O Globo* falou simultaneamente em surto, epidemia e epidemia mundial (pandemia) – e esta última só seria decretada pela OMS quase 50 dias depois. O *Extra* destacou no título apenas o temor de uma epidemia, mas no texto – praticamente uma réplica do lide<sup>13</sup> de *O Globo* – manteve a mesma prática de valorizar o número de mortos e infectados. Já o *Expresso* teve como origem de seu noticiário não a matéria de *O Globo*, mas outra fonte que ele indica no nome da própria subseção em que publica o relato: *Deu no Jornal Nacional* (em referência ao telejornal da TV Globo, emissora do mesmo grupo de comunicação dos três jornais). O enfoque do curto texto foi igualmente o número de mortes registradas no México e a possibilidade de haver uma epidemia.

<sup>12</sup> Jargão jornalístico: significa a parte de baixo da página, área menos nobre.

<sup>13</sup> Genericamente, o primeiro parágrafo de um texto jornalístico, onde recomenda a técnica que se disponham os elementos da notícia em ordem decrescente de importância, respondendo às questões “o que”, “quem”, “como”, “onde” e “por que”.

## 27 de abril – Primeiros casos suspeitos

Neste segundo momento, ainda na editoria O Mundo, *O Globo* ocupou duas páginas inteiras com o noticiário da H1N1, publicando 6 matérias, 3 fotos e um grande infográfico. Abordou o assunto ainda na página 2, na seção *Por dentro do Globo*, em uma nota com foto, e deu chamada de capa também com foto. A centimetragem total dos 7 textos e mais a chamada de primeira página foi de 3.358 cm<sup>2</sup>. O *Extra* publicou na editoria Viva Mais uma matéria com foto e o mesmo infográfico de *O Globo*, além de chamada na primeira página, somando 1.076 cm<sup>2</sup>. O *Expresso* também deu chamada de capa para a H1N1 neste dia e ocupou uma página inteira da Geral com uma matéria e uma parte do infográfico de *O Globo*, com centimetragem total de 768 cm<sup>2</sup>.

O eixo temático deste dia em *O Globo* foi a constatação de que a doença se espalhava pelo mundo e já poderia estar entre nós: a detenção do vírus, com a vigilância das fronteiras e o monitoramento da circulação de pessoas, foi apresentada como a tarefa que cabia às autoridades, corroborada pelas recomendações de especialistas ouvidos. Não por acaso o jornal abriu seu noticiário com matéria sobre os Estados Unidos, que decretaram estado de alerta, e somente na segunda página da cobertura falou dos casos suspeitos no Brasil, incluindo um texto em que denunciava haver falhas na vigilância de aeroportos brasileiros. O jornal inaugurou neste dia o chapéu<sup>14</sup> “Alerta na saúde”, com o qual identificaria a cobertura na maior parte dos dias daí para adiante. O *Extra* centralizou sua narrativa nos dois casos suspeitos de contaminação no Brasil, dando mais informações do que *O Globo* sobre o estado dos pacientes e as ações das autoridades sanitárias, e apenas citou discretamente a existência de outros infectados mundo afora. Já o *Expresso* adotou uma narrativa plena de termos fortes e populares (“gripe do mal”, “espalha terror”) para descrever um cenário assustador “no mundo todo”, antes de relatar os casos suspeitos no país e as ações das autoridades.

## 8 de maio – Primeiros casos confirmados

*O Globo* manteve neste dia o noticiário sobre a H1N1 na editoria O Mundo, em uma página com 3 matérias ilustradas por uma foto e um infográfico. O tema apareceu ainda em 2 cartas de leitores na editoria Opinião, uma nota na editoria Esportes, outra nota com fotos no

---

<sup>14</sup> Palavra ou expressão curta usada acima do título (ou do antetítulo, quando houver), uma espécie de palavra-chave usada para classificar uma notícia ou nomear uma cobertura especial. Também chamado de cartola.

Segundo Caderno e chamada de capa. Tudo somado: 2.268 cm<sup>2</sup>. No *Extra*, a cobertura se concentrou em uma página inteira da editoria Geral, com 3 matérias, um *box* e 3 fotos. Uma nota na seção Extraonline.com.br e 2 notas na editoria Esportes completaram a edição, que somou 1.856 cm<sup>2</sup>, incluindo também a chamada de capa. Desta vez na editoria Saúde, o *Expresso* cedeu meia página ao tema, publicando uma matéria com foto e um *box* explicativo, totalizando 391 cm<sup>2</sup>.

A narrativa de *O Globo* se construiu em torno de como os quatro pacientes se contaminaram (em viagens ao exterior), a descrição dos cuidados que envolviam seu tratamento (isolamento, exames, quarentena) e as providências que as autoridades sanitárias anunciaram para controlar o risco de epidemia. Nas cartas, um leitor do Rio contestava a competência das autoridades locais para lidar com o agravo, comparando com a dengue, e uma leitora de São Paulo acusava o ministro da Saúde de esconder informações sobre a real situação de contaminação no país. O *Extra*, por sua vez, deu destaque maior ao caso suspeito do Rio, inclusive dedicando integralmente a ele uma das matérias vinculadas da edição, com dados a mais do que os que *O Globo* apresentou, obtidos por um de seus repórteres numa entrevista com a chefe do Departamento de Doenças Infecciosas e Parasitárias do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, onde o paciente estava internado. Neste dia, o *Extra* publicou no pé da matéria principal os créditos dos repórteres que participaram da cobertura (os cinco que assinaram as matérias de *O Globo* e mais o seu repórter). O jornal só voltará a publicar matérias assinadas no último dia deste recorte, quando novamente será nítida a presença de seus repórteres na cobertura. A segunda matéria vinculada da edição foi dedicada à gripe no mundo, com ênfase na situação da América Latina. No *Expresso*, o paciente carioca também foi o centro da cobertura, com o detalhamento de como ele se contaminou e qual o seu estado de saúde; os demais casos de São Paulo e Minas Gerais foram apenas citados numa parte do texto, sem qualquer destaque no título ou no antetítulo, como fizeram os outros jornais. O *Expresso* não dedicou uma linha sequer para falar sobre os casos de contaminação em outros países.

## **12 de junho – Decretação de pandemia**

Neste quarto momento, 12 de junho de 2009, a cobertura de *O Globo* foi novamente localizada na editoria O Mundo, em uma página inteira com 2 matérias, 2 *boxes* e 2 fotos, além de manchete na primeira página. A centimetragem total foi de 1.726 cm<sup>2</sup>. No *Extra*, o

noticiário voltou à editoria Viva Mais, com uma matéria, um *box* e uma foto, além de notinha em coluna de variedades da Geral e chamada de capa, somando 589 cm<sup>2</sup>. E o *Expresso* optou novamente por sintetizar as novidades sobre a H1N1 em uma nota na seção *Direto ao que interessa*, com 25 cm<sup>2</sup>.

O que estruturou a cobertura de *O Globo* neste dia foi a descrição dos cenários possíveis que espreitavam o Brasil e o mundo após a elevação do nível de alerta e a decretação de pandemia, a partir da presença confirmada da doença em todos os continentes. O jornal destacou os riscos no caso de a pandemia se tornar severa e especulou sobre gastos que poderiam chegar à ordem de US\$ 3 trilhões (por causa da paralisação da força de trabalho e da necessidade de investir em vacinas e tratamento – que os laboratórios farmacêuticos multinacionais informavam já estar providenciando) caso o panorama se confirmasse. A expectativa de o México sofrer uma segunda e mais grave onda de gripe também foi destaque. O *Extra* abordou quase que os mesmos aspectos destacados em *O Globo*, mas deixou de lado a questão dos laboratórios e do custo estimado da pandemia e foi menos enfático no desenho dos cenários futuros de extrema gravidade. O *Expresso*, mais uma vez apresentando como fonte o *Jornal Nacional*, deu destaque à elevação do alerta para o nível máximo e atualizou os números de mortos e contaminados e a extensão dos países afetados.

## **29 de junho – Primeira morte no Brasil**

O noticiário de *O Globo* sobre a pandemia se transferiu para a editoria Rio neste momento de anúncio da primeira morte no Brasil e ocupou duas páginas com 5 matérias, um *box* e 4 fotos. Uma nota em coluna social da mesma editoria, outra nota com foto na seção *Por dentro do Globo*, na página 2, e chamada de primeira página completaram a cobertura, que somou 2.679 cm<sup>2</sup>. O *Extra* trouxe o assunto em dois registros numa página compartilhada pelas editorias Viva Mais e Internacional. Na primeira editoria, publicou 2 matérias e 2 fotos; na segunda, apenas uma nota. A centimetragem total deste dia, incluindo também uma chamada de capa, foi de 576 cm<sup>2</sup>. O *Expresso* publicou apenas uma matéria e uma foto na editoria Geral, somando 316 cm<sup>2</sup>.

Dois aspectos se destacaram na cobertura de *O Globo* neste dia: a reiteração de que o governo federal não mudaria sua estratégia de combate à doença, apesar da primeira morte, e o registro de que as autoridades sanitárias federais, estaduais e municipais garantiam ter a situação sob controle e recomendavam que a população evitasse pânico – tudo isso

emoldurado por números (crescentes e atualizados) de mortos e contaminados mundo afora. Foi destaque também a situação na Argentina, que estava para decidir sobre decretar ou não emergência sanitária. Na capa, a manchete rivalizava no alto da página com a seleção brasileira tricampeã da Copa das Confederações, esta destacada por conta das fotos e do espaço maior que ocupava. O *Extra* dedicou toda a matéria principal ao relato da trajetória da primeira vítima fatal da gripe e às considerações das autoridades sobre o ocorrido, e registrou na matéria vinculada as recomendações antipânico das autoridades sanitárias do Rio e do prefeito da cidade. O tom do *Expresso* foi o exatamente o mesmo do *Extra*.

### **17 de julho – Primeira morte no Rio de Janeiro**

Novamente na editoria Rio, o noticiário de *O Globo* ocupou o espaço de uma página inteira e um terço de outra, com 3 matérias, um *box*, um infográfico, um artiguete<sup>15</sup> e 2 fotos. Também foram publicadas 2 cartas de leitores na editoria Opinião e 2 notas, uma em coluna social da mesma editoria Rio e uma em coluna social do Segundo Caderno. Ao todo, a cobertura deste dia mediu 2.242 cm<sup>2</sup>, incluindo a chamada de capa. O *Extra* voltou a abordar a pandemia na editoria Geral, dessa vez destinando uma página inteira na qual publicou 3 matérias, 2 *boxes* e 2 fotos. No total, os 5 textos e a chamada de capa ocuparam 2.447 cm<sup>2</sup>. A cobertura do *Expresso* continuou na Geral, com uma matéria e um *box* medindo juntos 240 cm<sup>2</sup>.

Dois aspectos chamaram a atenção nesta edição de *O Globo*: o detalhamento da vida pessoal da vítima, identificada como uma mulher de 37 anos que morava em uma comunidade de Del Castilho, e uma matéria vinculada abordando a redução do fluxo de turistas argentinos e chilenos em Búzios por causa da gripe. Das 3 matérias que compunham sua edição deste dia sobre a pandemia, o *Extra* dedicou parte de duas delas a falar sobre a vítima do Rio de Janeiro, e publicou ainda o maior *boxe* explicativo de todo o período do recorte, com informações sobre a doença e os meios e locais de tratamento. O *Expresso* deu matéria bem curta, sintetizando bastante a história da paciente que os outros dois jornais detalharam, e também publicou um *boxe* explicativo sobre a gripe e seus sintomas e modo de prevenção. Algo interessante neste dia em que se noticiou a primeira morte no Rio de Janeiro foi a inversão de posição das chamadas de capa do *Extra* e de *O Globo* com relação ao momento

---

<sup>15</sup> É como os jornalistas de *O Globo* chamam os pequenos textos de opinião, com tom de editorial, que costumam ser publicados em outras editorias que não a de Opinião, sempre abordando temas específicos da editoria onde se encontram.

anterior, da primeira morte no Brasil: a de *O Globo* foi para a parte de baixo da página e a do *Extra* para o alto, reafirmando a preferência do primeiro jornal pelos aspectos mais nacionais e globais da pandemia e o segundo mais interessado na perspectiva local.

### **18 de agosto – Início do declínio dos casos de contaminação**

No sétimo e último momento, 18 de agosto de 2009, o noticiário da H1N1 em *O Globo* ocupou cerca de  $\frac{2}{3}$  de uma página na editoria Rio com 2 matérias e 3 fotos. A edição do dia trouxe ainda uma carta de leitor na editoria Opinião, 2 notas – sendo uma na editoria Economia e uma no Segundo Caderno – e uma chamada na página 2, perfazendo um total de 1.099 cm<sup>2</sup>. O *Extra* dedicou uma página inteira e mais  $\frac{2}{3}$  de outra para acomodar 7 matérias, um *box* e 7 fotos, na cobertura mais extensa que produziu no período englobado no *corpus* reduzido, e que ainda contou com 6 cartas de leitores na página de Opinião e chamada de capa, pela primeira vez incluindo foto. A centimetragem total foi de 2.447 cm<sup>2</sup>. O *Expresso* neste último dia publicou mais uma vez na Geral a cobertura quase padrão de uma matéria com foto e um *box* explicativo sobre a doença.

O tema explorado neste último dia do recorte na cobertura de *O Globo* foi a volta às aulas nas escolas do Rio, depois do alargamento das férias na tentativa de barrar a disseminação do vírus H1N1, e os novos hábitos desenvolvidos pelos alunos para evitar o contágio. A matéria principal fala mais da volta às aulas – incluindo questões de trânsito – do que da gripe, abordada mais pelo lado comportamental. Uma notícia importante do dia é que os serviços públicos de saúde registram queda no atendimento de casos da gripe, o que coincide com a divulgação do Ministério da Saúde de que a curva de contaminação já entrara em sua fase descendente. *O Globo* publicou a informação somente na matéria vinculada, enquanto o *Extra* deu ao assunto uma chamada de capa com foto. O jornal também valorizou o aspecto comportamental dos alunos na volta às aulas, publicando a esse respeito 6 matérias (três delas assinadas por repórteres seus), recheadas de personagens do povo, já que visitou mais escolas públicas do que as particulares que foram alvo de *O Globo*. Foi, do período analisado, a cobertura em que o *Extra* teve os textos mais diferenciados com relação ao principal jornal da Infoglobo. Por sua vez, o *Expresso* nesse último dia adaptou uma parte reduzida do noticiário do *Extra* para também anunciar os cuidados preventivos dos alunos na volta às aulas, para evitar o contágio pelo vírus H1N1.

### Algumas observações sobre o aspecto quantitativo da cobertura

Embora este trabalho de pesquisa se proponha a empreender um estudo qualitativo da cobertura dos três jornais sobre a pandemia de influenza H1N1 em 2009, considero que traçar um breve panorama do aspecto quantitativo desse material é importante para subsidiar algumas problematizações que serão feitas em momentos posteriores. Então passemos ao panorama:

Contabilizadas as páginas com os textos e as centimetragens incluídas neste *corpus* reduzido, nota-se que o volume maior de material publicado sobre a influenza H1N1 no período encontra-se no jornal *O Globo* (14.160 cm<sup>2</sup> em 30 páginas e 52 textos), ficando o *Extra* em segundo lugar (8.336 cm<sup>2</sup> em 18 páginas e 41 textos) e o *Expresso* em terceiro (2.092 cm<sup>2</sup> em 9 páginas e 13 textos). Já havia sido percebida no *corpus* ampliado essa configuração de *O Globo* com mais registros sobre a influenza H1N1, seguido pelo *Extra* e depois pelo *Expresso*, diferença que se justificava também pelo número de dias que cada jornal dedicou ao noticiário (respectivamente 101, 95 e 74 dias), mas, sobretudo, pela quantidade de matérias publicadas e o espaço reservado nas edições de cada um deles para o tema a cada dia. No *corpus* reduzido, temos 7 dias em que os três jornais publicaram notícias sobre a pandemia de influenza H1N1 em todos os dias, mas produzindo coberturas de tamanhos diferenciados. Os Gráficos 8, 9 e 10 mostram essa correlação:

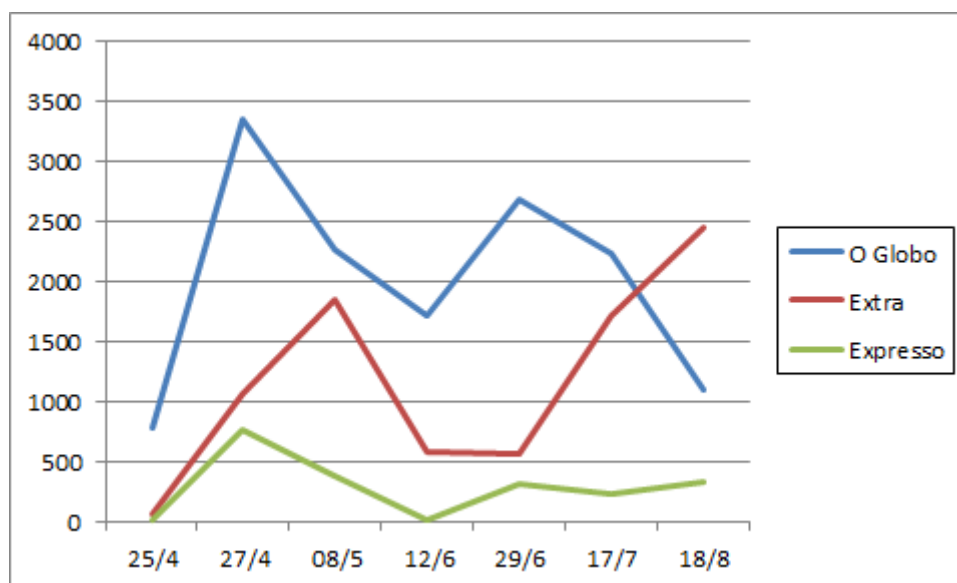


Gráfico 8: Total da centimetragem (cm<sup>2</sup>) dos jornais O Globo, Extra e Expresso ao longo dos 7 dias do corpus reduzido, entre 25 abr. 2009 e 18 ago. 2009

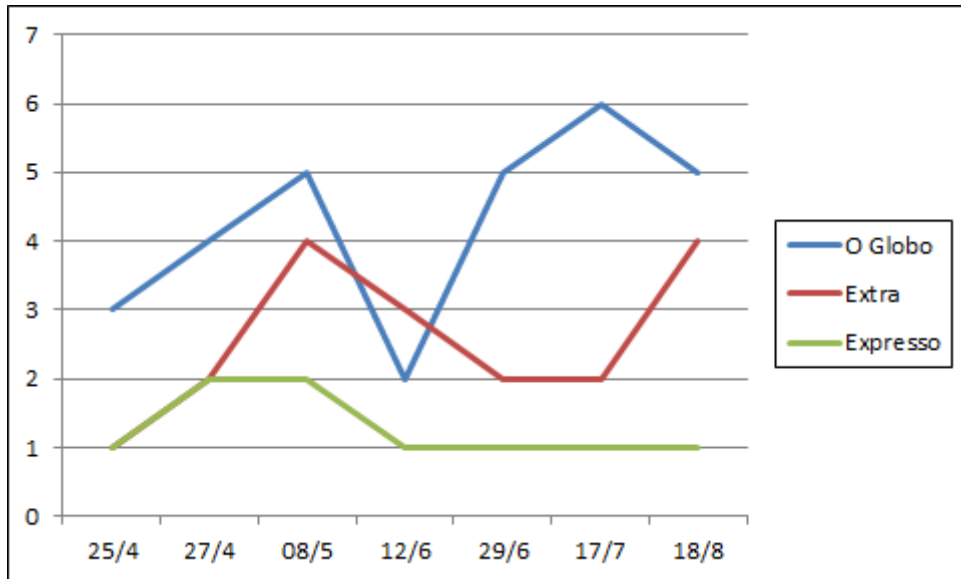


Gráfico 9: Total do número de páginas dos jornais O Globo, Extra e Expresso ao longo dos 7 dias do corpus reduzido, entre 25 abr. 2009 e 18 ago. 2009

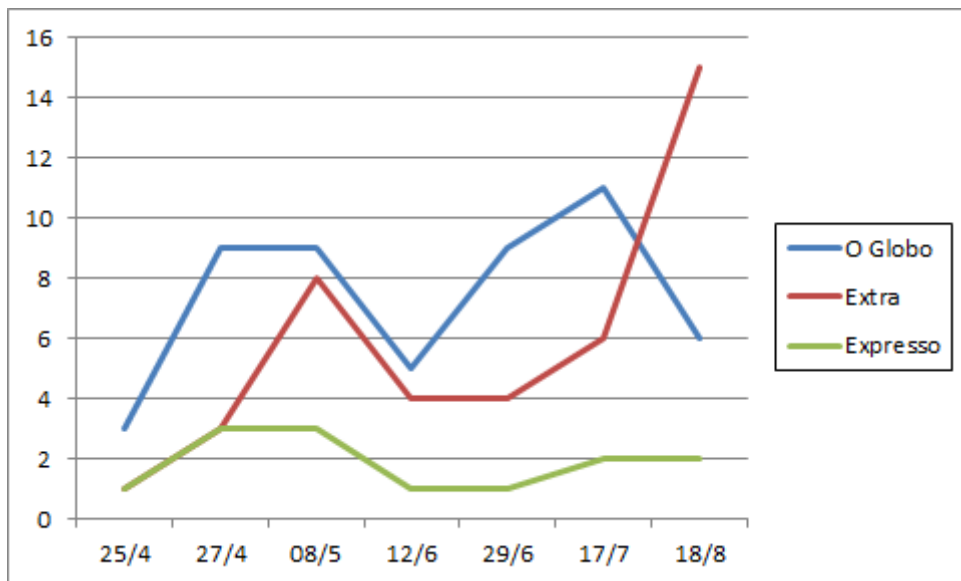


Gráfico 10: Total do número de textos dos jornais O Globo, Extra e Expresso ao longo dos 7 dias do corpus reduzido, entre 25 abr. 2009 e 18 ago. 2009

Avaliando a centimetragem obtida – que reflete com mais precisão o volume total do noticiário – observa-se que *O Globo* teve no primeiro momento (surgimento da doença) a sua menor cobertura, com 788 cm<sup>2</sup>, passando no segundo momento (primeiros casos suspeitos) para a maior cobertura, com 3.358 cm<sup>2</sup>. Esse volume caiu no terceiro momento (primeiros casos confirmados) para 2.268 cm<sup>2</sup> e regrediu ainda mais no quarto momento (anúncio de pandemia) para 1.726 cm<sup>2</sup>. No quinto momento (primeira morte no Brasil) ele voltou a subir para 2.679 cm<sup>2</sup>, tornando a cair no sexto (primeira morte no Rio) para 2.242 cm<sup>2</sup> e acentuando a queda no último momento (declínio dos casos de contaminação), para 1.099 cm<sup>2</sup> – o



segundo menor volume, perdendo apenas para o momento inicial do noticiário sobre a influenza H1N1. Percebe-se, portanto, que o que mais mobilizou o interesse do jornal foram os momentos da confirmação dos primeiros casos de contaminação e da primeira morte, e o que menos mobilizou foi o surgimento da doença e a ocasião que marca o início do declínio dos casos de contaminação.

O *Extra* iniciou do mesmo jeito, com a menor centimetragem (70 cm<sup>2</sup>) na primeira menção à doença, subindo para 1.076 cm<sup>2</sup> no segundo momento e tornando a subir no terceiro para 1.856 cm<sup>2</sup>. No momento seguinte, a centimetragem caiu para 589 cm<sup>2</sup> e em seguida caiu novamente para 576 cm<sup>2</sup>, voltando a subir nos dois últimos momentos, primeiro para 1.723 cm<sup>2</sup> e depois para 2.447 cm<sup>2</sup>, seu recorde. Fica evidente que o *Extra* valorizou mais o momento em que noticiou que a epidemia estava arrefecendo, e o segundo maior interesse foi quando se confirmaram os primeiros casos. O que menos teve espaço foi o surgimento da doença, seguido da primeira morte no Brasil.

O *Expresso* começou a cobertura também com a menor centimetragem (25 cm<sup>2</sup>), passando no segundo momento para a maior (768 cm<sup>2</sup>). No terceiro momento caiu para 391 cm<sup>2</sup> e no quarto momento igualou os 25 cm<sup>2</sup> do dia inaugural. No quinto momento tornou a subir, chegando a 316 cm<sup>2</sup>, depois caiu para 240 cm<sup>2</sup> no sexto momento e subiu outra vez para 327 cm<sup>2</sup> no último momento. O máximo interesse do *Expresso*, portanto, deu-se no dia das primeiras suspeitas de contaminação, seguido dos primeiros casos confirmados. O interesse menor ficou, como os outros três jornais, com a notícia do surgimento da doença, e o segundo menor interesse com a primeira morte no Brasil, coincidindo com o *Extra*.

Em número de textos e de páginas, o panorama muda um pouco. Por exemplo, *O Globo* teve recorde tanto de textos (11) quanto de páginas (6) no sexto momento (primeira morte no Rio), isso porque, além da grande cobertura na editoria Rio, o tema pulverizou-se em cartas de leitores e notas de colunas em outras partes do jornal, mas a soma de centimetragem não foi tão alta quanto a do segundo momento. O *Expresso* teve seu recorde de textos (3) e páginas (2) em dois momentos: no segundo, coincidindo com o recorde de centimetragem; e no terceiro, em que se confirmaram os primeiros casos de contaminação. O *Extra* coincidiu no mesmo dia da maior centimetragem os seus recordes de textos (15) e páginas (4): quando noticiou que a doença já estava em declínio.

Quanto às editorias pelas quais o assunto passou, no *Globo* foram seis: O Mundo, Rio, Esportes, Segundo Caderno, Economia e Opinião, além da capa, página 2 (chamadas internas) e a seção *Por dentro do Globo*. A cobertura se iniciou na primeira editoria citada, onde ficou até o quarto momento, e depois se transferiu para a segunda; nas demais houve apenas

publicações esporádicas e paralelas. No *Extra* o assunto também alcançou seis editorias: O País, Viva Mais, Geral, Jogo Extra, Internacional e Opinião, além da capa e da seção ExtraOnLine.com.br. A cobertura se iniciou na primeira e depois se intercalou entre as duas seguintes, havendo nas demais apenas publicações esporádicas e paralelas. No *Expresso*, o noticiário se iniciou no *Direto ao que interessa*, passou por Geral e Saúde, voltou ao *Direto* e nos últimos três momentos permaneceu na Geral.

## 4. ANÁLISE DA PRODUÇÃO DISCURSIVA SOBRE A H1N1

A partir de uma leitura preliminar dos 106 textos encontrados nos sete momentos da cobertura da pandemia de influenza H1N1 que compõem este *corpus* reduzido, alguns temas se destacaram, pela recorrência, e por esse motivo foram escolhidos para serem problematizados nas seções deste capítulo. O primeiro deles é o medo, que esteve presente desde a notícia inaugural: era inicialmente o medo de que o surto de uma nova gripe identificada no México se configurasse uma epidemia, sensação que continuou sendo estimulada a cada dia e transformou-se no medo de que o vírus chegasse no Brasil, depois medo de que as mortes se multiplicassem. O fator estimulador desse sentimento pareceu ser o modo como as informações sobre a epidemia foram sendo traduzidas insistentemente a partir de termos como contaminação, alastramento, morte, suspeito, pânico etc. Outro destaque foi o lugar de narrativa de cada um dos jornais frente à pandemia: *O Globo* abarcava as notícias de todo o mundo e se colocava no centro deste para se dirigir a seu leitor, o *Extra* fez uma opção pelo regional tendendo para o local, e o *Expresso* se voltou quase que totalmente para o local, poucas vezes abrindo mais o foco. Outro tema, a estigmatização do estrangeiro como o portador do vírus, que parece remeter à memória de outros eventos epidêmicos recentes e distantes, também esteve presente. O apelo constante às sensações do público despertou o questionamento sobre se tivemos uma cobertura sensacionalista, e isso também será problematizado aqui. O modo como fontes e vozes foram articuladas para dar e retirar legitimidade dos discursos sobre a pandemia também se destacou: das falas oficiais contestadas às impressões dos especialistas anônimos, muito presentes, à voz dos pacientes, praticamente ausente. Foi possível observar ainda a construção da imagem do coenunciador como a de vítima virtual da pandemia, indicando que todos, sem exceção, estavam em perigo. Por fim, veremos que a notícia do início do declínio dos casos de contaminação pelo vírus H1N1 foi minimizada, diluída em outro noticiário. Para fechar o capítulo, uma análise comparativa das semelhanças e diferenças entre as coberturas dos três jornais.

### 4.1 – A construção do medo

Desde o primeiro dia de noticiário no Brasil sobre a influenza H1N1, já estavam presentes nos textos dos três jornais alguns elementos semânticos que ajudariam a construir,

ao longo da epidemia, um cenário de terror e medo: de acordo com as matérias, tratava-se de uma doença pouco conhecida, com forte poder de alastramento, que já ameaçava a maior potência mundial (EUA) e poderia chegar aqui a qualquer momento. Observemos no Quadro 6 tais elementos semânticos nos títulos e nos textos deste primeiro dia (os grifos são meus):

**Quadro 6: Elementos semânticos indicativos de gravidade no primeiro momento**

<b>Data</b>	<b>Jornal</b>	<b>Título na capa</b>	<b>Título da matéria na página e trechos dos textos</b>
	<b><i>O Globo</i></b>	México em <i>alerta</i>	<p><b>Gripe suína mata 61 no México e especialistas temem epidemia mundial</b></p> <p>Um <i>surto letal</i> de uma variação da gripe suína <i>nunca vista</i> anteriormente <i>se espalhou com rapidez alarmante</i> pelo México nos últimos dias, deixando <i>até 61 mortos</i> no país e <i>se alastrando</i> também pelos Estados Unidos, onde oito pessoas se infectaram, <i>embora tenham conseguido se recuperar</i>.</p> <p>[...] Autoridades <i>ainda têm poucas informações</i> sobre a epidemia, detectada em <i>pelo menos três locais</i> [...].</p> <p>[...] A ONU informou que <i>ainda não há necessidade de fechar fronteiras</i> ou <i>desaconselhar o tráfego</i> nas áreas atingidas (GRIPE, 2009a).</p> <p><b>Veja as medidas que o Brasil vai tomar</b></p> <p>A Agência Nacional de Vigilância Sanitária diz que [...] intensificará as ações de <i>vigilância</i> em saúde e o <i>controle</i> sanitário [...]. Haverá inclusive <i>inspeção</i> de cargas e bagagens [...] (VEJA, 2009).</p>
	<b><i>Extra</i></b>		<p><b>Gripe suína: especialistas temem uma epidemia</b></p> <p>Um <i>surto letal</i> de uma variação da gripe suína <i>nunca vista</i> anteriormente <i>se espalhou com rapidez alarmante</i> pelo México nos últimos dias, deixando <i>até 61 mortos</i> no país e <i>se alastrando</i> também pelos Estados Unidos, onde oito pessoas se infectaram, <i>embora tenham conseguido se recuperar</i> [...] (GRIPE, 2009b).</p>
	<b><i>Expresso</i></b>		<p><b>Novo tipo de vírus mata 61 no México e pode se espalhar</b></p> <p>Organização Mundial de Saúde convocou reunião de <i>emergência</i> para discutir surto da chamada Gripe Suína (NOVO, 2009).</p>

Em seu livro “Comunicação e mídia impressa”, no qual aborda o modo como os jornais brasileiros construíram os sentidos sobre a aids nos anos 80 e 90 do século passado, Fausto Neto (1999) demonstrou que a elaboração de um ambiente de pânico e terror em torno

daquela doença se deu a partir de recorrentes operações enunciativas que “traduziam” os acontecimentos de modo nitidamente negativo: a contabilidade frequente do número de mortos e infectados (“já matou 10 em SP”, “já contamina 500 mil”), as previsões (“até o fim do ano o Brasil terá mil doentes”) e o uso insistente de termos como “vítima”, “doente”, “morte”, “contaminação”, “devastar”, “alastrar”, “fim”, “pânico”, por exemplo. Naquela ocasião, segundo Fausto Neto, os jornais não somente informavam sobre a doença, mas também avaliavam, comparavam, faziam prognósticos de crescimento do número de vítimas, sempre semantizando seu discurso por meio de operadores de quantidade, temporalidade e localização, para indicar ao leitor o quanto a doença poderia ser devastadora e estar próxima dele, ameaçando-o. O mesmo tipo de operação se pode observar neste início de noticiário sobre a influenza H1N1 em 2009. As construções discursivas escolhidas para situar a gripe e seu impacto naquele primeiro momento são bem fortes: “surto letal”, “nunca vista”, “se espalhou com rapidez alarmante”, “até 61 mortos”, “se alastrando”.

Ao frisar que esta é uma doença mortal, e que é ela a responsável pelas 61 mortes no México, os jornais insinuam uma relação causal: doença = morte. É a doença que mata, e não outra circunstância qualquer – logo, se a gripe aqui chegar, se ela “se alastrar” para o Brasil, a morte virá necessariamente junto com ela. Boa parte dos termos utilizados indica que o perigo, que já é grande, tende a piorar (grifos meus): se nos Estados Unidos “oito pessoas se infectaram, *embora tenham conseguido se recuperar*”, esse “embora” sugere que se recuperar é a exceção e não a regra; se “a ONU informou que *ainda não há necessidade de fechar fronteiras ou desaconselhar o tráfego nas áreas atingidas*”, o “ainda não há necessidade” dá a impressão de que mais cedo ou mais tarde as fronteiras entre os países serão fechadas e as pessoas serão impedidas de ir e vir livremente. Ou seja: apesar de que “as autoridades *ainda têm poucas informações* sobre a epidemia”, os jornais organizam essa pouca informação de modo a ressaltar o que há de mais alarmante, especulando, por meio de determinadas operações enunciativas, cenários de perigo crescente. Como disse Fausto Neto (1999) ao analisar o modo como a aids foi sendo anunciada pelos jornais nos anos 80 e 90:

O que podemos tirar das descrições dessas operações enunciativas é reconhecer a capacidade da economia discursiva das mídias de produzir sentidos sobre os fatos, angulando-os e contextualizando-os, em suma, dando-lhes um grau de inteligibilidade que se ancora sempre na reserva dos imaginários e nas pautas morais, geográficas, culturais e políticas da sociedade trabalhada por eles (FAUSTO NETO, 1999, p. 51-52).

Nos lides de *O Globo* e do *Extra* do dia 25 de abril – absolutamente idênticos – foram feitas escolhas lexicais específicas que acabaram dando ao acontecimento um caráter de excepcionalidade que, pelo menos aqui no Brasil, ainda não estava presente naquele momento. O emissor elegeu termos fortes, de valor argumentativo, para intensificar os efeitos (VAN DIJK, 1996) daquilo que estava descrevendo: uma nova doença, pouco conhecida, que causava muitas mortes e que naquele momento atingia outros países, mas que se alastra e, portanto, poderia chegar aqui. Quando escolhe uma palavra, e não outra, a intencionalidade do enunciador é enfatizar ideias que, ditas de outro modo, poderiam não chamar a atenção do leitor – neste caso, o que se pretendeu enfatizar foi o risco, o índice de letalidade, o poder de alastramento, a previsão de muitas mortes. Fiorin (2011) defende que todo ato de comunicação é, no fundo, um ato de persuasão. Afinal, mais do que informar algo ao outro, o enunciador tem a intenção de fazer com que o enunciatário (ou coenunciador) aceite aquilo que está sendo comunicado. Para tanto, ele lança mão de estratégias argumentativas que levem o enunciatário a tomar como válido e verdadeiro aquele sentido produzido pelo enunciador. Desta maneira, já no primeiro dia de noticiário sobre a influenza H1N1, mesmo com a ressalva feita pelos próprios jornais de que se conhecia pouco sobre a doença, a imagem construída foi a de um perigo iminente: o ineditismo da doença foi usado pelos veículos para reforçar o seu grau de periculosidade.

Nos títulos dos três jornais se encontram os primeiros de uma série de elementos que pareceram conduzir o percurso da epidemia: a morte, o temor, a contagem do número de vítimas e o poder da ciência. Ao recorrer aos “especialistas”, os emissores procuram dar a seu discurso um efeito de verdade, garantida pela voz da competência. Afinal, se os especialistas temem a epidemia, é porque de fato há o risco de epidemia. Mas esse discurso da autoridade dos especialistas não é algo natural, dado. Trata-se de um discurso hegemônico que assim se fez ao longo do tempo, no embate com outros discursos pela primazia de representar o que representa: o saber científico, que neste caso constrange todas as outras possibilidades de saber (FOUCAULT, 1982). Em outros tempos, poderia ser a palavra religiosa a explicar por que uma epidemia surge e dizima pessoas. Hoje é a ciência, o discurso científico – do qual o discurso midiático faz uso, frequentemente, para dar efeito de verdade aos seus enunciados. Ao convocar os especialistas para falar, e revelando-se o discurso desses especialistas um discurso de temor pelo que poderia vir a acontecer, os jornais convidaram seus leitores a partilhar desse temor – e assim o temor foi sendo cevado.

*O Globo*, ao juntar no título a letalidade da doença (*gripe suína mata*), o número de mortos que ela já fez (*mata 61*), a localização geográfica dela (*no México*) e o temor dos

especialistas de que ela vá avançar mundo afora (*temem epidemia mundial*), pinta um panorama muito mais assustador do que o *Extra*, que reduz seu enunciado à identificação da doença (*gripe suína*) e ao temor dos especialistas de que haja uma epidemia (*temem epidemia*), não necessariamente mundial. Tomando como base as considerações de Ducrot (1987) de que é a descrição dos sentidos de um enunciado que revela a sua enunciação, é possível inferir, pela presença de numerosos elementos semânticos indicadores de gravidade, temor e globalização no enunciado de *O Globo*, que o jornal conduz para esse entendimento.

Ainda sobre os títulos desse primeiro dia, é interessante observar que o *Expresso* não se remete aos “especialistas” para validar seu enunciado (“Novo tipo de vírus mata 61 no México e pode se espalhar”), mas também não o assume exclusivamente como discurso próprio, pois enquadrou a notícia em uma subseção intitulada *Deu no Jornal Nacional*: o efeito de verdade aqui é produzido pela referência à fonte da notícia que o jornal republica, o *Jornal Nacional*, da coirmã TV Globo. Ao apagar de sua enunciação a referência ao enunciador que diz que a doença pode se espalhar (os especialistas?), e ao mesmo tempo atribuir ao *Jornal Nacional* a origem da notícia, o *Expresso* valida o discurso do telejornal (e da TV Globo; e, por conseguinte, de todo o grupo de mídia em que se incluem) como sendo o discurso da verdade, o único possível.

No *Expresso*, a subseção *Deu no Jornal Nacional* está incluída na seção *Direto ao que interessa*, que ocupa toda a página 2 do jornal e tem como título o próprio *slogan* do veículo. Entre notícias curtas, fotos curiosas, frases de celebridades e testes de conhecimentos sobre novelas, a página traz quatro subseções fixas, três delas autorreferentes à mídia: *Deu no Jornal Nacional*, *Deu na Rádio Globo*, *Deu na internet* e *Deu nos jogos da Caixa*. Esta última subseção apresenta os resultados dos jogos da Caixa Econômica Federal sorteados na véspera ou antevéspera, enquanto as duas primeiras resumem notícias originalmente veiculadas no *Jornal Nacional*, da TV Globo, e nos programas da Rádio Globo (empresas do mesmo grupo de comunicação), e a outra traz notícias retiradas da internet. Cada subseção costuma ter de duas a quatro notícias “rápidas”, resumidas em uma ou duas linhas de título e uma ou duas linhas de texto, nunca mais do que isso. Como os títulos de duas das subseções indicam, as notícias são garimpadas na edição do principal telejornal da TV Globo e nos programas jornalísticos, esportivos e de entretenimento da Rádio Globo.

A otimização de custos, com o aproveitamento do material produzido pelas outras empresas do grupo, é uma das intenções desse tipo de configuração do *Expresso*, mas não é só isso – até porque *O Globo* e o *Extra* também adotam a chamada sinergia de conteúdos e não têm seções explicitamente referentes a outro produto de mídia do grupo Globo como essas.

Ou seja: a sinergia pode acontecer sem tal recurso. O *Extra*, em alguns momentos, até se refere ao *Globo*, mas o contrário raramente acontece. A explicação, segundo Amaral (2010) residiria nas diferentes visadas de captação (CHARAUDEAU, 2006) de leitores empregadas pelos jornais ditos de referência e os jornais populares. Enquanto os primeiros levariam essas duas visadas (o *fazer saber* e o *fazer sentir*) a coincidir num propósito maior de “conhecer o mundo”, os outros as canalizariam para encenar “o mundo do leitor”. Dito de outro modo, enquanto os jornais de referência procuram oferecer a seus leitores a notícia exclusiva, aquela garimpada por seus repórteres especialmente para atender a este público distinto, que quer ser informado sobre o que ninguém antes sabia – e ele será, preferencialmente, o primeiro a saber – aos leitores dos jornais populares a boa informação é associada ao “estar por dentro do que todo mundo está sabendo”. Ou seja: ao primeiro se oferece a valorização da alteridade, a distinção; ao outro, o pertencimento ao grupo, a possibilidade de não estar deslocado. Neste sentido, ao trazer a seu leitor o que o *Jornal Nacional* veiculou na véspera, o *Expresso* se propõe a pôr este leitor a par do que “todos estão sabendo”, e atende àquilo que o próprio jornal estipulou como a expectativa de informação de seu público. Completa Amaral (2010, p. 352): “Os valores jornalísticos são desestabilizados e naturalizam-se os limites do que o leitor classe C precisa saber. Para alguns, a promessa do conhecer o mundo, para outros, a promessa de se manter no mesmo mundo que seus semelhantes”.

Quanto à destinação de espaço na edição – que também é um dos modos de produzir significações –, os três jornais imprimiram peso consideravelmente diferente ao assunto neste primeiro dia. Dos três, *O Globo* foi o único a dar chamada de capa, e o fez ocupando 189 cm<sup>2</sup> de área<sup>16</sup>, na qual estampou uma grande foto de 13 centímetros de altura por cinco colunas de largura (o jornal tem seis colunas), tornando esta chamada a segunda mais importante do dia, perdendo apenas para a manchete (por ser manchete e estar no alto, embora ocupando área menor). A foto, que mostra mexicanos protegidos por máscaras numa fila de hospital na Cidade do México, representa bem o que Charaudeau (2006) chama de imagem-sintoma: uma imagem plena de carga semântica porque se remete interdiscursivamente a outras que já vimos um dia, que estão inscritas em nossa memória discursiva – a gripe aviária, que em 2006 ameaçou chegar por aqui, é uma delas. Tais imagens, segundo o autor, são capazes de acessar imaginários profundos da vida de cada um ou da coletividade, e têm esse poder de mobilizar o leitor porque atualizam sentidos latentes, medos que estavam adormecidos e só precisavam de uma lembrança para voltarem a habitar o presente.

---

<sup>16</sup> Quase três vezes maior do que todo o noticiário do *Extra* no dia, de 70 cm<sup>2</sup>, e quase oito vezes maior do que todo o noticiário do *Expresso* no dia, de 25 cm<sup>2</sup>.



A não ser em comparação com os outros dois jornais no mesmo dia, o noticiário de *O Globo* não chegou a ser extenso (para seus próprios padrões ao longo da cobertura) – apenas uma matéria e um *box*, a primeira ilustrada por uma fotografia e o segundo por um desenho – mas o espaço que ocupou foi nobre. Como neste caso não importa somente o que é dito, mas sim (e principalmente) como é dito (VERÓN, 2004), torna-se relevante observar a disposição gráfica deste material no veículo:



Figura 1: Capa de *O Globo* no dia da primeira notícia sobre o surto da nova gripe no México. Fonte: *O Globo*, 25 abr. 2009, p. 1

Figura 2: Página dupla de *O Globo* na editoria *O Mundo* com primeira notícia sobre a nova gripe. Fonte: *O Globo*, 25 abr. 2009, p. 28-29

*O Globo* transformou um relato com poucas informações em matéria de destaque, com manchete em página dupla, algo pouco habitual na diagramação do jornal. A matéria e o *box* foram dispostos no alto de duas páginas espelhadas<sup>17</sup>, com a manchete abarcando quase toda a extensão das duas páginas e destacando ainda mais os elementos semânticos de morte (quantificada) e temor. Ou seja: embora naquele momento se tivesse pouco o que reportar sobre o evento, houve um investimento em sua magnitude, o que se traduziu na destinação desse espaço editorial mais nobre (o alto) e no artifício da página dupla. Tal opção, somada ao que já se havia observado anteriormente sobre as escolhas lexicais feitas para reforçar os

<sup>17</sup> Duas páginas contíguas diagramadas de forma a criar uma unidade, quase sempre em função de algum anúncio de grande proporção que ocupa parte de cada página

sentidos de emergência e perigo, pode sugerir minimamente uma aposta do jornal em um tema que mobilizaria seus leitores e alavancaria a audiência do veículo.

O *Extra* e o *Expresso* optaram por fazer registros curtos, mas a ausência do destaque volumétrico foi em parte compensada pela presença dos mesmos elementos semânticos de gravidade: o *Extra* repetiu o lide de *O Globo* (onde se lê o “surto letal”, o “se espalhou com rapidez alarmante” etc.), e o *Expresso* conseguiu condensar em suas duas minúsculas linhas de título o potencial de morte e de alastramento do novo vírus.



Figura 3: Notícia sobre a nova gripe no Extra, na editoria O País. Fonte: Extra, 25 abr. 2009, p. 8



Figura 4: Página 2 do Expresso, com o registro sobre a nova doença na seção Deu no Jornal Nacional. Fonte: Expresso, 25 abr. 2009, p. 2

No segundo e terceiro momentos do noticiário (27 de abril e 8 de maio), aos elementos semânticos já citados se juntaram outros, como é possível observar no Quadro7 (grifos meus):

Quadro 7: Elementos semânticos indicativos de gravidade no segundo e terceiro momentos

Data	Jornal e título da primeira página	Título da matéria na página interna e trechos dos textos
27/04	<i>O Globo</i> Gripe suína já deixa em estado de alerta 9 países	<p><b>Gripe põe EUA em emergência</b> A Casa Branca decretou estado de emergência na saúde por causa da <i>confirmação</i> de 20 casos de gripe suína nos Estados Unidos (...). A secretária de Segurança Interna, Janet Napolitano, disse que viajantes que chegarem do México serão <i>interrogados</i> [...] e [...] <i>isolados</i> [...] (MARTINS e SCOFIELD JR, 2009).</p> <p><b>Cresce a lista de países com casos suspeitos</b> [...] Nove países, inclusive Espanha, Colômbia e Brasil, já <i>investigam</i> casos de <i>suspeita</i> da doença [...] (CRESCER, 2009).</p> <p><b>Brasil investiga 2 casos suspeitos da doença</b> [...] A internação no setor de <i>isolamento</i> é uma <i>medida preventiva</i>, segundo médicos [...] (GOMES e CARVALHO, 2009).</p>
	<i>Extra</i> Alerta contra a gripe suína	<p><b>Suspeita de gripe suína em SP</b> [...] Foi registrado na cidade de São Paulo o primeiro caso no país de <i>suspeita</i> da doença [...]. [...] – O momento é de atenção, mas ainda não temos nenhuma <i>confirmação</i> – disse o infectologista Edenilson Calore [...] (SUSPEITA, 2009).</p>
	<i>Expresso</i> Rio já se protege da gripe mortal	<p><b>Gripe do mal espalha terror no mundo todo</b> [...] A doença [...] já estaria <i>rondando</i> o Brasil. [...] Em São Paulo, um homem está internado em <i>isolamento</i> total [...]. [...] O Ministério da Saúde informou [...] que está <i>monitorando</i> todos os viajantes que vêm de áreas afetadas [...] (GRIPE, 2009c).</p>
08/05	<i>O Globo</i> Brasil confirma 4 casos de gripe suína, um no Rio	<p><b>Gripe suína chega ao Brasil</b> O Brasil <i>confirmou</i> ontem os quatro primeiros casos de gripe suína no país [...]. Ele [o paciente] ainda está em <i>isolamento</i> em casa, segundo a Anvisa, e pode transmitir a doença [...] (ALENCASTRO et al., 2009).</p> <p><b>Argentina confirma caso e nos EUA número cresce 40% num só dia</b> [...] A Argentina confirmou ontem seu primeiro caso e informou que analisa outros 58 <i>suspeitos</i> [...]. [...] O maior aumento [...] aconteceu ontem nos Estados Unidos, onde os casos <i>confirmados</i> subiram 40% [...] (ARGENTINA, 2009).</p>
	<i>Extra</i> Rio tem 1º caso de gripe suína	<p><b>Brasil tem quatro casos de gripe suína confirmados</b> [...] Novas <i>confirmações</i> da doença podem surgir hoje, já que 15 pacientes <i>suspeitos</i> aguardam o diagnóstico [...] (BRASIL, 2009b).</p> <p><b>Unidade monitora mais um doente</b> [...] o paciente está em <i>isolamento</i> e sendo <i>monitorado</i> pelos médicos [...] (UNIDADE, 2009).</p> <p><b>Primeiro infectado na Argentina</b> [...] A Argentina confirmou ontem seu primeiro caso e informou que analisa outros 45 <i>suspeitos</i> [...] (PRIMEIRO, 2009).</p>
	<i>Expresso</i> Aparece 1º caso da gripe suína no Rio	<p><b>Rio tem caso de gripe suína confirmada</b> O Ministério da Saúde <i>confirmou</i>, ontem, quatro pessoas <i>contaminadas</i> [...] no Brasil. [...] O hospital informou que o paciente está internado em um quarto de <i>isolamento</i> [...] (RIO, 2009).</p>

Depois de *temor*, *epidemia*, *espalhamento*, *alastramento*, *morte*, *surto letal*, *pânico*, *emergência*, aparecem *suspeita* e *confirmação*; *infecção* e *contaminação*; *vigilância*,

*monitoramento e investigação; interrogatório e isolamento*: novos elementos semânticos que se juntam aos primeiros para reforçar o clima de medo e perigo em face da presença do vírus da influenza H1N1 no Brasil. Examinemos mais detidamente alguns trechos da matéria em que *O Globo* trata dos casos suspeitos de contaminação no Brasil (o primeiro bloco de texto traz respectivamente o antetítulo, o título e o subtítulo):

***Diretor da Anvisa afirma que autoridades estão atentas e pede que população evite pânico***

**Brasil investiga dois casos suspeitos da doença**

Homem procedente do México está internado no Instituto Emílio Ribas, e ministério intensifica a vigilância

Um homem que chegou recentemente do México foi internado no último sábado no Instituto de Infectologia Emílio Ribas, em São Paulo, com sintomas de gripe. Ele é brasileiro e tem 30 anos. Segundo o médico Edenilson Calore, o paciente está clinicamente bem, mas permanecerá isolado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) até que todas as evidências da doença da gripe suína sejam descartadas.

[...]

Em nota oficial, o Ministério da Saúde duvida da contaminação, afirmando que os dois casos tratados inicialmente como suspeitos estão descartados. “Os dois casos estão sendo investigados para identificar a causa do quadro clínico, mas não atendem à definição de caso suspeito de influenza suína por não apresentarem sinais e sintomas compatíveis com a doença: febre acima de 39 graus Celsius, acompanhada de tosse e/ou dores de cabeça, musculares e nas articulações”, diz o documento divulgado no início da noite.

Também em nota, a Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo diz que o homem foi internado no hospital com tosse e dores no corpo. De acordo com a secretaria, o quadro clínico dele, no entanto, não cumpre os critérios do Ministério da Saúde para a definição de caso suspeito de gripe suína, uma vez que ele não apresenta febre.

**Anvisa pede que brasileiros evitem entrar em pânico**

O diretor da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), José Agenor Álvares, afirmou ontem que as autoridades sanitárias estão em alerta para o avanço da gripe suína em alguns países, mas a população brasileira não deve deixar se levar pelo medo.

[...]

— Tem que ter cuidado para que a gente não se deixe levar pelo pânico. [...] — afirmou Agenor.

[...]

Para o infectologista David Uip, a não ser pelo fato de o paciente internado no Emílio Ribas ter vindo do México, ele não apresenta sintomas que possam ser atribuídos à gripe suína.

— É preciso ter cautela para não criar pânico, mas a preocupação com uma epidemia existe, já que a transmissão entre seres humanos se dá pela respiração e há dificuldade para contê-la — comentou o infectologista (GOMES; CARVALHO, 2009).

Em seu relato, o locutor cita que o jornal recebeu no início da noite uma nota oficial do Ministério da Saúde descartando esses casos que durante o dia haviam emergido como suspeitos de contaminação pela influenza H1N1, mas já não eram mais assim considerados pelo órgão. Não obstante serem o Ministério da Saúde e a Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo as principais fontes da matéria, e ambas não considerarem aqueles casos como suspeitos de contaminação pelo vírus H1N1, o jornal parece ter decidido não modificar a edição planejada e manter a ênfase na afirmação de que o país tinha dois casos suspeitos da doença. Tal comportamento se pode explicar, em parte, pelo que Traquina (2005a) chama de “constrangimentos organizacionais” inerentes à prática do jornalismo num veículo de circulação diária – e um desses constrangimentos seria justamente a pressão do tempo: ao receber, no início da noite, uma nota oficial que derrubava a versão dos dois casos suspeitos de influenza H1N1, e que anulava o material produzido pelos jornalistas durante o dia, o jornal optou por manter a matéria, embora acrescentando a versão oficial do Ministério da Saúde, que descartava tais casos como suspeitos. Mas em parte também pode refletir o que Kucinski (2000, p. 185) identificou como “o potencial de contradição e até mesmo antagonismo entre a ética jornalística e a ética referencial das ações do poder público”, que conduz a uma certa desconfiança do jornalista com relação às versões oficiais, como se aceitá-las sem qualquer contraponto significasse a abdicação de exercer seu papel crítico.

Por uma razão ou por outra, o jornal passa a trabalhar aquele material a partir do estabelecimento de uma contradição: apresenta os tais casos como suspeitos e acrescenta a versão do ministério de que eles não são mais suspeitos. Charaudeau (2006) registra o uso da contradição como uma estratégia deliberada do jornalista para pôr o seu leitor diante de dois ou mais caminhos que o impulsionem a um movimento de reflexão:

A contradição é uma forma de enunciação interativa que consiste em trazer um ponto de vista contrário a um outro já exposto. Tem como efeito colocar em causa o outro ponto de vista, atenuar o valor de evidência que este poderia ter se fosse único e mostrar que a verdade a respeito do tema tratado é fragmentada, parcial, deixando, para aquele que é testemunha exterior à troca, o cuidado de utilizá-la para a sua própria busca da verdade, e a construção de sua opinião (CHARAUDEAU, 2006, p. 225).

Retomando, porém, o texto da matéria, pode-se notar que o enunciador pende para um lado ao apresentar esses dois caminhos de interpretação: ao dizer que “[...] o Ministério da Saúde duvida da contaminação”, ele ao mesmo tempo afirma a existência da contaminação e põe o ministério na posição de quem duvida do que o jornal apresenta como um fato real. É

um modo de desqualificar a fala oficial do ministério, que apontara os casos como não suspeitos de contaminação pelo vírus H1N1, e também de conduzir o leitor a compartilhar da tese do jornal.

Observe-se também que aquela não é a única contradição na matéria. A associação da vinheta “*Alerta na saúde*” e o antetítulo “Diretor da Anvisa afirma que autoridades estão atentas e pede que população *evite pânico*” (grifos meus) também traz interessantes antagonismos: ao mesmo tempo em que lança o estado de alerta, o jornal reitera as recomendações das autoridades sanitárias para evitar o pânico. Além do destaque no antetítulo da matéria principal da página, a recomendação antipânico reaparece mais quatro vezes ao longo daquele texto (grifos meus): no entretítulo “Anvisa pede que brasileiros *evitem entrar em pânico*”; no discurso relatado dos repórteres sobre as afirmações do diretor da Anvisa, José Agenor Álvares, de que a população “não deve deixar *se levar pelo medo*”; na declaração de Álvares “Tem que ter cuidado para que a gente não se deixe *levar pelo pânico*”; e também na declaração de um especialista, o infectologista David Uip, “É preciso ter cautela para *não criar pânico*”.

Ora, imaginar que recomendações para que não se entre em pânico possam ter algum efeito tranquilizador sobre quem lê a notícia e recebe tais recomendações é não levar em conta o caráter muitas vezes involuntário e inexplicável do estado de pânico. A rigor, ninguém entra em um estado de pânico devido a uma decisão consciente de fazê-lo, assim como é provável que não consiga evitar entrar em pânico simplesmente porque alguém está recomendando este comportamento. Em todos os enunciados em que aparece na matéria de *O Globo* anteriormente transcrita, o “pânico” na verdade tem um caráter de pressuposto (FAIRCLOUGH, 2001). Quando o enunciador fala em “evitar o pânico”, “não se deixar levar pelo pânico” e “não criar pânico”, ele primeiramente pressupõe o pânico, e a seguida afirmação de que não há razão para isso só faz reforçar a ideia inicial do pânico. Segundo o autor, a pressuposição é uma forma de incorporar outros textos ao texto que é contestado: “em muitos casos de pressuposição, o ‘outro texto’ não é um texto especificado ou identificável, mas um ‘texto’ mais nebuloso correspondendo à opinião geral (o que as pessoas tendem a dizer, experiência textual acumulada)” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 156).

Ainda com relação a esse ponto, a repetição dessa pressuposição em diversas partes da matéria reforça sobremaneira a perspectiva de que o pânico é tomado como algo tácito: diante de tanta insistência para que não se desespere por causa da nova gripe – ao mesmo tempo em que digere um noticiário de duas páginas inteiras sobre a doença, no qual o jornal afirma haver dois casos suspeitos e o Ministério da Saúde nega que os tais pacientes estejam



contaminados – o que resta ao leitor? Acreditar que não há mesmo razões para entrar em pânico ou ler nas entrelinhas da notícia que provavelmente estão tentando esconder algo dele? Ao analisarem a cobertura da epidemia de influenza H1N1 pelo *Fantástico*, da TV Globo, Medeiros e Massarani (2011) observaram um movimento semelhante com relação ao modo como as recomendações antipânico pareceram surtir efeitos contrários. As autoras acreditam que, ao eleger como foco principal das reportagens e notícias o alastramento da doença, o programa acabou por levar a população a perceber a magnitude do risco como sendo muito maior, o que levou a um aumento da ansiedade com relação à gripe:

Nesse contexto, as palavras e imagens por vezes utilizadas para tranquilizar as audiências podem não ter bastado para reduzir a ansiedade na população. As medidas de contenção podem ter sido recebidas com ceticismo: afinal, se as medidas adequadas estavam sendo tomadas, por que a doença continuou a se espalhar, lotando hospitais e postos de saúde? (MEDEIROS e MASSARANI, p. 56-57).

Nos três momentos seguintes (Quadro 8), os títulos das matérias principais dos três jornais seguem destacando o medo e a morte, e antecipando os acontecimentos futuros, sempre pela ótica de que a progressão da epidemia – agora finalmente declarada pandemia, como *O Globo* e os especialistas já “temiam” 49 dias antes – é irreversível:

Quadro 8: Títulos completos<sup>18</sup> das matérias de abertura<sup>19</sup> de cada jornal no quarto, quinto e sexto momentos

Data	<i>O Globo</i>	<i>Extra</i>	<i>Expresso</i>
12/06	<b>A 1ª pandemia do século XXI</b> OMS eleva alerta da gripe suína para o nível mais alto e adverte países a reforçarem defesas (A 1ª PANDEMIA, 2009)	<b>Mundo vive pandemia de gripe</b> OMS eleva alerta para o nível mais alto e adverte para uma segunda onda de surtos ainda mais graves (MUNDO, 2009)	<b>Alerta para gripe suína é elevado ao nível máximo</b> Desde que foi detectada no México em abril, já foram registrados 30 mil casos em 74 países e 144 mortes (ALERTA, 2009)
29/06	<b>A 1ª morte por gripe no Brasil</b> Ministério da Saúde afirma que nada muda na estratégia do governo de combate à doença (ALENCASTRO e SOUZA, 2009)	<b>Gripe suína mata no Brasil</b> Gaúcho que adoeceu na Argentina foi o primeiro no país a morrer por causa do vírus (GRIPE, 2009d)	<i>Gaúcho de 29 anos pegou a doença na Argentina, família dele não está doente</i> <b>Brasil tem primeira morte por gripe suína</b> (BRASIL, 2009a)
17/07	<b>A primeira morte no Rio</b> Estado registra óbito por causa da gripe suína, que em todo país já matou 11 pessoas (ROCHA et al.)	<b>Gripe mata mulher no Rio</b> Ministério da Saúde afirma que no Rio Grande do Sul foram registradas sete mortes e, em São Paulo, três (GRIPE, 2009e)	<i>Primeira morte confirmada no estado</i> <b>Gripe suína mata dona de casa no Rio</b> (GRIPE, 2009f)

Os elementos semânticos que mais se destacam aqui são *morte/mata*, *primeiro*, *já* – empregados sozinhos ou em conjunto para produzir os sentidos de uma situação (*morte/mata*) que está começando (*primeiro/a*) ou continuando (*já*) e que seguirá crescendo. Ao marcar em cada uma dessas três manchetes o caráter inicial dos eventos noticiados (*primeira* pandemia, *primeira* morte no Brasil, *primeira* morte no Rio) *O Globo* já indica que haverá o segundo e o terceiro e outros mais, ele se antecipa aos acontecimentos futuros deixando claro que o crescimento (da epidemia, dos números) acontecerá, é inevitável. Logo, à contabilidade dos infectados e mortos no México e em outros países será somada a contabilidade local: o primeiro morto no Brasil, o primeiro morto no Rio de Janeiro; o segundo morto no Brasil, o

<sup>18</sup> Estou chamando de títulos completos o eventual conjunto de antetítulo, título e subtítulo. Dependendo do tamanho ou posição da matéria na página, do projeto gráfico de cada jornal, ou mesmo de outras razões de ordem editorial, alguns textos são apresentados com título simples ou com a combinação de dois elementos de titulação (antetítulo e título; título e subtítulo) ou três (antetítulo, título e subtítulo). Como esses elementos costumam se articular nos enunciados, formando encadeamentos de sentidos, optei por transcrever no quadro sempre o conjunto completo. Para ajudar na identificação, estou grafando os antetítulos (quando houver) em itálico, os títulos em negrito e os subtítulos (quando houver) em letra comum, e nesta ordem.

<sup>19</sup> Quando o noticiário contava com mais de uma matéria, a escolhida foi sempre a de abertura ou a que correspondia à eventual chamada de capa.



segundo morto no Rio de Janeiro, e depois as somas sempre atualizadas a cada edição. Analisando como se construíram as representações sobre a aids em jornais franceses na década de 80, Herzlich e Pierret (2005, p. 94) observaram que um dos aspectos que contribuíram para transformar a doença em fenômeno social e midiático foi o fato de o noticiário se apoiar na divulgação de um número sempre crescente de vítimas a ser atualizado, o que colaborava para preencher um dos principais critérios da noticiabilidade jornalística, que é a novidade: “sua adequação às exigências da informação – ter alguma coisa de ‘novo’ a dizer – teve papel importante”, afirmam as autoras.

Também se repete nas fotos o mesmo elemento que desde o começo da epidemia se colocou a ela como a melhor tradução visual do risco e da necessidade de proteção individual: a máscara cirúrgica (Figuras 5, 6 e 7). Curiosamente, não é a máscara sendo usada pelo profissional de saúde – situação em que ela mais acalma do que intranquiliza, por demonstrar cuidado e adequação no atendimento – mas sim pelo cidadão comum, o que traduz o recurso de autoproteção contra um inimigo que está no ar.



Figura 5: Página de O Globo na editoria O Mundo no dia da decretação de pandemia. Fonte: O Globo, 12 jun. 2009, p. 22



Figura 6: Página de abertura da editoria Rio no dia em que O Globo noticiou a primeira morte pelo vírus H1N1 no país. Fonte: O Globo, 29 jun. 2009, p. 8



Figura 7: Página de O Globo na abertura da editoria Rio com a notícia da primeira morte no estado do Rio. Fonte: O Globo, 17 jul. 2009, p. 12

Em todas as fotos publicadas de pessoas usando máscaras, percebe-se uma aura de fragilidade do ser humano diante do mal que ele não pode evitar. Na primeira foto (Figura 5),

as crianças indefesas com máscara, a professora sem máscara. No exemplo seguinte (Figura 6), o ar desolado da mulher no velório da primeira vítima brasileira; abaixo, na mesma página, o “constrangimento” do eleitor que teve que se arriscar indo às urnas na Argentina (o enunciador informa no texto que o governo não atendeu às recomendações dos “especialistas” para suspender o pleito). No terceiro exemplo (Figura 7), a apreensão de pacientes aguardando atendimento em um hospital do Rio Grande do Sul e o cuidado de um pai em Niterói (RJ) protegendo o filho antes de entrar no hospital para visitar parente internado. Essas imagens se tornam recorrentes devido a seu poder de evocação, de dar acesso imediato à memória discursiva de outras epidemias ou outros agravos ameaçadores. São escolhidas, portanto, pelo impacto que podem causar na audiência. O medo das epidemias, como lembram França, Abreu e Siqueira (2004, p. 1.339), desperta o interesse da mídia por se tratar de fato extraordinário com grande poder de despertar elementos do imaginário e desorganizar a esfera social: “A prioridade na cobertura das epidemias atende a atributos fundamentais da notícia jornalística – a abrangência e atualidade desses acontecimentos, isto é, o potencial de o agravo atingir indistintamente um grande número de pessoas, aqui e agora”.

Em artigo no qual defende que a influenza H1N1 desde o começo mostrou-se como uma gripe menos grave que a gripe sazonal comum, Gérvas (2009, p. 438) sugeriu que o comportamento geral com relação à enfermidade fosse de prudência e tranquilidade, “similar ao que temos com a gripe sazonal”. E criticou a prática que identificou na mídia de trabalhar constantemente com projeções dos danos que a doença poderia causar:

A projecção para surtos de gravidade progressiva é uma fantasia, não é uma inferência a partir da realidade. A fantasia está a introduzir o pânico na população quer através da utilização de grandes números (“centenas, milhões de pessoas afectadas”) quer da descrição de relatos emocionantes quase ao vivo e em directo de cada morte. Estes dois elementos levam o leitor/telespectador a ver-se e aos seus familiares próximos afectados pela doença ou mortos. Este é um exercício clássico de “invenção de doença” (“disease mongering”) de transformação mental de uma gripe A contagiosa e não grave numa gripe A virulenta e letal. (GERVAS, 2009, p. 439)

Algo semelhante – a transformação de um agravo de saúde em um acontecimento de proporções muito maiores do que ele de fato representaria – também foi observado por Malinverni (2011) na cobertura feita pelo jornal *Folha de S.Paulo* dos episódios de febre amarela ocorridos no Brasil no verão de 2007-2008. Segundo a autora, ao interpretar as ocorrências da doença em sua forma silvestre como podendo significar uma epidemia da

enfermidade em sua forma urbana, a despeito dos esclarecimentos sobre essa diferença prestados pelo Ministério da Saúde à época, o jornal acabou por construir uma falsa realidade epidêmica, que conduziu ao pânico. A *Folha* incentivou a população a buscar vacinação em massa, omitindo dos leitores os riscos inerentes à vacinação indiscriminada, o que acabou resultando em 8 casos de reação grave à vacina, com 6 mortes.

Apoiando-se fortemente em fontes contrárias às postulações de normalidade da febre amarela sustentadas pelos gestores da saúde pública, as matérias produzidas pela redação do jornal deram intensa visibilidade (saliência) às informações que visavam relativizar a instância discursiva oficial. Esta, por sua vez, embora tenha realizado, ao longo de todo o período estudado, esforços permanentes de comunicação, a fim de minimizar os efeitos que deslocavam a doença para uma forma epidêmica, não conseguiu impor-se ao fluxo discursivo midiático (MALINVERNI, 2011, p. 135).

Cabe aqui ressaltar que tais escolhas refletem as estratégias discursivas dos jornais, e não algum tipo de desconhecimento ou suposto erro na apuração dos fatos – até porque, em caso de erro, haveria sempre e a qualquer momento a possibilidade de correção, o que não se observou nem na cobertura dos episódios de febre amarela pela *Folha* nem na cobertura da pandemia de influenza H1N1 pelos três jornais aqui analisados.

#### **4.2 – Falando para quem? Uma gripe para cada leitor**

No primeiro dia de noticiário sobre a H1N1 nos jornais selecionados, as principais informações eram de origem internacional – sobre o México, onde já havia registros de morte pela doença; sobre os Estados Unidos, onde o vírus também fora detectado; e sobre o posicionamento oficial da OMS. Do Brasil, o que havia a reportar é que não tínhamos casos da doença, e que as autoridades sanitárias diziam estar tomando as medidas necessárias para enfrentar o problema. A cobertura de *O Globo* refletiu tal proporção, com espaço maior para o panorama internacional e menor para o Brasil. O *Extra*, que deu uma nota de dois parágrafos, dedicou um parágrafo ao mundo e outro ao Brasil. E o *Expresso*, no título e na única frase que publicou sobre ao tema, retratou apenas as mortes no México e o empenho da OMS no caso.

No segundo e terceiro momentos do noticiário (primeiros casos suspeitos e primeiros casos confirmados) se pode observar que cada um dos três jornais passou a adotar uma “posição geográfica” diferente, a partir da qual narrou a chegada da influenza H1N1: *O Globo* se pôs no centro do planeta e apresentou a seu leitor um relato que privilegiou a gripe no

mundo, com o Brasil e o Rio de Janeiro vindo em plano secundário; o *Extra* tomou como referência primeiramente os acontecimentos no país e depois no Rio de Janeiro, não deixando de contextualizar a gripe no mundo; o *Expresso* focou em primeiro lugar na cidade e depois no país, e por último no mundo. No decorrer da cobertura, quando os casos confirmados começaram a se multiplicar, o panorama do Rio de Janeiro foi igualmente destacado nos três jornais, mas se manteve em parte aquela lógica dos primeiros dias, com *O Globo* dando ampla cobertura à gripe no mundo e no Brasil, o *Expresso* centrando-se nas questões do Rio de Janeiro e seus bairros e o *Extra* procurando equilibrar o regional com o local, sempre com foco maior neste, e não deixando de fazer menções à gripe no mundo. Tal lógica corrobora o que fora constatado no levantamento qualitativo deste trabalho e já apresentado no capítulo anterior, sobre a distribuição dos textos pelas editorias dos três jornais: em *O Globo*, a editoria O Mundo foi a que recebeu o segundo maior volume de textos noticiosos (13,54%), depois da editoria Rio (41,78%); o *Extra* teve um único texto publicado na editoria Internacional ao longo de toda a pandemia (sobre a ida dos eleitores às urnas na Argentina, usando máscaras), e a maior parte de suas publicações concentrou-se nas editorias Geral (42,69%) e Viva Mais (32,75%). O *Expresso* fez uma cobertura ainda mais tipicamente de cidade, com 56,91% dos textos na editoria Geral.

Embora o 27 de abril seja o primeiro dia em que se noticia a existência de casos suspeitos de influenza H1N1 no Brasil, não foi com esta informação que *O Globo* abriu sua cobertura – e nem mesmo com o panorama no México, país que àquela altura somava 1.300 pessoas infectadas pelo vírus e 22 mortes comprovadas pela doença –, mas sim com o que se passava nos Estados Unidos, em matéria assinada por seus então correspondentes em Nova York e Washington, Marília Martins e Gilberto Scofield Jr. Somente na segunda página da cobertura foram abordados os casos brasileiros, junto com a situação no México.

Já o *Extra* concentrou seu noticiário – não assinado – nos casos brasileiros, dando ênfase a um paciente internado no Instituto Emílio Ribas, em São Paulo, com suspeita da doença, e mostrando passageiros brasileiros que chegavam do México, lembrando que naquele país já havia 22 mortes confirmadas pela doença e outras 64 sendo investigadas. O parágrafo final registrou as providências que as autoridades do Rio de Janeiro estavam tomando e resumiu o panorama da doença nos EUA.

O *Expresso* também abriu sua matéria falando do mundo, como *O Globo*, e no parágrafo seguinte entrou nos casos brasileiros, para depois tornar a citar o exterior e encerrar com as recomendações de alerta do Ministério da Saúde e de um especialista. Mas houve uma diferença substancial: o tablóide em nenhum momento aprofundou as informações

internacionais como *O Globo*, e o que produziu foi um tipo de “crônica do perigo mundial iminente”. O *Extra* citou apenas a decretação do estado de emergência nos EUA, e nada mais falou sobre o mundo. Comparemos trechos de matérias dos três jornais em que se referem ao mundo e aos países. As matérias de *O Globo* e do *Extra* têm título e subtítulo; a do *Expresso* tem antetítulo seguido de título (a caixa alta no antetítulo é do próprio *Expresso*; grifos meus):

**Quadro 9: O mundo de cada jornal na edição de 27 de abril de 2009**

Jornal	Título na página e trechos das matérias
<i>O Globo</i>	<p><b>Gripe põe EUA em emergência</b>  <b>Governo aumenta vigilância na fronteira com o México e espera novos casos em 48 horas</b>  A Casa Branca decretou estado de emergência na saúde por causa da confirmação de 20 casos de gripe suína nos <i>Estados Unidos</i>: oito em <i>Nova York</i>, sete na <i>Califórnia</i>, dois no <i>Kansas</i>, dois no <i>Texas</i> e um em <i>Ohio</i>. [...] (MARTINS e SCOFIELD JR, 2009).</p> <p><b>Crece a lista de países com casos suspeitos</b>  <b>Autoridades estudam elevar o nível de alerta contra o vírus e pedem cooperação global</b>  [...] Nove países, inclusive <i>Espanha</i>, <i>Colômbia</i> e Brasil, já investigam casos de suspeita da doença, todos envolvendo pessoas que estiveram no México há pouco tempo. [...].  [...] No <i>Canadá</i>, já foram confirmados seis casos, todos brandos, de acordo com as autoridades de saúde do país. Na América Latina, alguns países, ativaram planos de vigilância sanitária. No <i>Peru</i>, a vigilância dos turistas provenientes do México e dos EUA foi intensificada, enquanto no <i>Chile</i> equipes da área de saúde e a opinião pública foram alertados. No <i>Equador</i>, medidas de prevenção e controle foram adotadas nos portos e aeroportos. Na <i>Colômbia</i>, que tem 12 casos não confirmados, as autoridades foram convocadas para adotar um plano de prevenção. [...].  [...] Na <i>Espanha</i>, que tem três casos de suspeita de gripe, as autoridades recomendaram prudência àqueles que pretendem viajar ao México. Na <i>França</i>, há quatro suspeitas, sendo uma família de três pessoas da região nordeste e uma mulher de <i>Paris</i>. [...]. Na <i>China</i>, as autoridades indicaram que estão estudando medidas de inspeção e quarentena para se precaver diante do risco de pandemia. No <i>Japão</i> e na <i>Coreia</i>, foram reforçados os controles nos aeroportos com os passageiros procedentes do México.  Em <i>Israel</i>, um homem que voltou do México com sintomas de gripe foi internado num hospital em <i>Netânia</i>, a norte de Tel Aviv. Na <i>Nova Zelândia</i>, um grupo de 22 estudantes e três professores está mantido sob observação [...] (CRESCER, 2009).</p>
<i>Extra</i>	<p><b>Suspeita de gripe suína em SP</b>  <b>Paciente está isolado em UTI para realização de exames. Ele tem sintomas de um resfriado comum</b>  [...] Os Estados Unidos decretaram estado de emergência ontem por causa da confirmação de 20 casos no país. Os governadores estão pedindo à população que não visite o México (SUSPEITA, 2009).</p>
<i>Expresso</i>	<p><b>GRIPES SUÍNAS JÁ MATOU 22 NO MÉXICO. NO BRASIL, UM HOMEM ESTÁ INTERNADO COM SUSPEITA DA DOENÇA</b>  <b>Gripe do mal espalha terror no mundo todo</b>  <i>O mundo inteiro</i> está em alerta por conta de um vírus do mal que já teria matado mais de 80 pessoas [...] e agora já estaria rondando o Brasil. [...]  [...] Os <i>Estados Unidos</i> confirmam ter 20 doentes, e o <i>Canadá</i>, quatro. Outros 16 casos de suspeita da gripe suína estão sendo analisados no <i> restante do mundo</i>. [...] (GRIPES, 2009c).</p>

O mundo a que o *Expresso* se refere primeiramente, no título e no parágrafo inicial da matéria (“mundo todo”, “mundo inteiro”), parece ser um mundo abstrato: significa todos os outros lugares que não o lugar de seu leitor, que até então poderia estar fora dessa área de perigo. A construção discursiva do jornal deixa ver que é neste mundo distante que o perigo se encontra, mas ele “agora já estaria rondando o Brasil” – e por este motivo o leitor deve ficar atento, pois sua tranquilidade pode acabar. Na continuação da matéria, quando volta a falar do mundo, o tablóide trata então de um mundo concreto, no qual estão o Brasil e os outros países. Mas a impressão é de que continua sendo um mundo conceitual, pois é reduzido ao “eles, nós e os outros”: são citados somente Estados Unidos e Canadá, que juntos têm 24 pessoas infectadas, ficando todos os outros países implícitos na categoria “restante do mundo”. O México, que contabiliza 22 mortes pela doença, merece do *Expresso* apenas uma citação no antetítulo da matéria, e nada mais. Tudo isso corrobora um sentido de mundo baseado no senso comum de que há uma parte do mundo que é mais conhecida, merece ser citada (países ricos, desenvolvidos), e outra parte que pode ficar em segundo plano: sabe-se que existe, e não é preciso saber mais nada. É interessante observar que, no *Expresso*, o México só é citado no antetítulo da matéria, como a origem da gripe e o detentor de 22 mortes; no texto, nem uma linha é dedicada a falar sobre este país.

*O Globo*, por sua vez, além das referências ao México (cuja situação é abordada em outra matéria na mesma edição) cita nominalmente 12 países, e de alguns deles chega a mencionar cidades ou estados (Paris, na França; Tel Aviv, em Israel; Nova York, Califórnia, Kansas, Texas e Ohio, nos Estados Unidos). Descreve, portanto, um mundo amplo e conhecido de seu leitor, e privilegia países que sabe serem foco de um interesse maior por parte de seu público.

Como já citado anteriormente, *O Globo* abre sua cobertura desse dia com uma matéria sobre a situação da gripe nos Estados Unidos. Pela lógica da cultura jornalística, a matéria principal de uma cobertura é aquela que traz as informações consideradas pelos jornalistas envolvidos no processo de produção como as mais importantes ou mais impactantes. Para *O Globo*, portanto, o mais importante deste dia é o que acontece nos EUA. O critério de noticiabilidade levado em consideração neste momento certamente não é o número de casos de contaminação (20 nos EUA, contra 1.300 no México) ou de mortes (nenhuma nos EUA, contra 22 confirmadas e 64 sob investigação no México), mas sim outros aspectos do acontecimento como, por exemplo, o fato de aquele ser o país mais rico do mundo, ou de seu público leitor ter mais afinidade com tal país do que com o México.

É, porém, no modo como foi editado o infográfico que acompanha o noticiário do dia nos três jornais que mais se percebe a diferenciação “geográfica” da cobertura (Figuras 8, 9 e 10). Tanto *O Globo* quanto o *Extra* publicaram as duas partes do infográfico: o “Mapa da infecção”, mostrando quais os países do mundo que têm casos da doença, e o “Saiba mais sobre a gripe suína” (“Saiba mais sobre a doença”, no caso do *Extra*), com perguntas e respostas abarcando as principais informações sobre o novo agravo. Mas os dois jornais inverteram as posições do “Mapa” e do “Saiba mais”: em *O Globo* (Figura 8), o panorama com a situação mundial ficou no alto, e as dicas sobre a doença na parte de baixo; no *Extra* (Figura 9) as dicas ganharam o espaço principal (no alto) e o mapa mundial foi publicado na parte inferior. O *Expresso* (Figura 10), por sua vez, publicou apenas a parte dedicada a tirar as dúvidas dos leitores sobre a doença, e ainda eliminou a pergunta “Qual é o risco de ocorrer uma pandemia?”.

De novo, a diagramação dos espaços revela os sentidos que brotam da arquitetura discursiva dos veículos, como se pode observar:

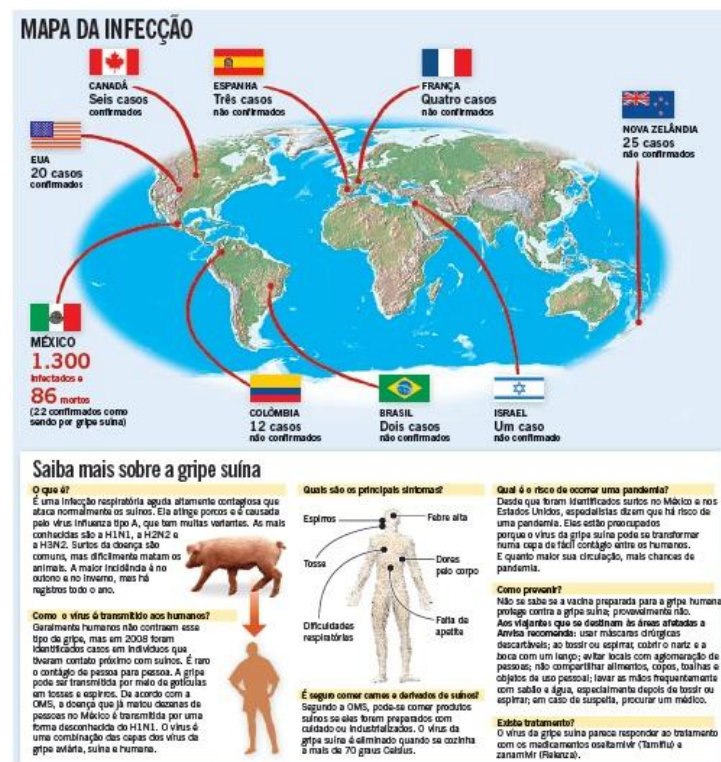


Figura 8: O infográfico publicado no jornal *O Globo*. Fonte: *O Globo*, 27 abr. 2009, p. 18

*O Globo* ofereceu em destaque a seu leitor das camadas sociais mais influentes as informações relativas aos países também mais influentes, pois acredita que este leitor tem

interesse em saber mais sobre o que acontece no mundo – seja por ter negócios que poderão ser afetados pela conjuntura mundial, seja por ser potencialmente um viajante, um cosmopolita. O jornal constrói seu coenunciador como um cidadão que conhece o mundo, tem interesses globais e precisa de informações variadas para se movimentar nesse seu mundo (literal e metaforicamente). E, por esse motivo, é uma vítima potencial do vírus H1N1, então precisa de informações sobre como evitá-lo.

O *Extra* não deixou de publicar o “Mapa”, mas priorizou espacialmente as perguntas e respostas sobre a doença, dando-lhes destaque no alto da página e deslocando o mapa-múndi para a parte de baixo: seu leitor pode ter curiosidade sobre o mundo, mas de fato precisa saber mais sobre uma doença que pode afetá-lo. O jornal desenha seu público como um grupo que tem interesses mais locais, não viaja para o exterior, não tem interesses empresariais fora do Brasil. Mas, mesmo que não viaje para se pôr em risco, poderá ser afetado pela doença em casa, e por isso precisa de informações sobre os modos de transmissão e prevenção:



## Saiba mais sobre a doença

### ■ O que é?

É uma infecção respiratória aguda altamente contagiosa que ataca normalmente os suínos. Ela atinge porcos e é causada pelo vírus influenza tipo A, que tem muitas variantes. As mais conhecidas são a H1N1, a H2N2 e a H3N2. Surtos da doença são comuns, mas dificilmente matam os animais. A maior incidência é no outono e no inverno, mas há registros todo o ano.



### ■ Como o vírus é transmitido aos humanos?

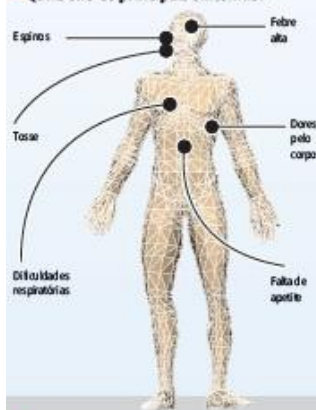
Geralmente humanos não contraem esse tipo de gripe, mas em 2008 foram identificados casos em indivíduos que tiveram contato próximo com suínos. É raro o contato de pessoa para pessoa. A gripe pode ser transmitida por meio de gotículas em tosse e espirros. De acordo com a OMS, trata-se de uma forma desconhecida de uma variedade de H1N1. O vírus é uma combinação das cepas dos vírus da gripe aviária, suína e humana.



### ■ É seguro comer carnes e derivados de suínos?

Segundo a OMS, pode-se comer produtos suínos se eles forem preparados com cuidado ou industrializados. O vírus da gripe suína é eliminado quando se cozinha a mais de 70 graus Celsius.

### ■ Quais são os principais sintomas?



### ■ Como prevenir?

Não se sabe se a vacina preparada para a gripe humana protege contra a gripe suína; provavelmente não.

Aos viajantes que se destinam às áreas afetadas a Anvisa recomenda: usar máscaras cirúrgicas descartáveis; ao tossir ou espirrar, cobrir o nariz e a boca com um lenço; evitar locais com aglomeração de pessoas; não compartilhar alimentos, copos, toalhas e objetos de uso pessoal; lavar as mãos frequentemente com sabão e água, especialmente depois de tossir ou espirrar; em caso de suspeita, procurar um médico.

### ■ Existe tratamento?

O vírus da gripe suína parece responder ao tratamento com os medicamentos oseltamivir (Tamiflu) e zanamivir (Relenza).

### ■ Qual é o risco de ocorrer uma pandemia?

Desde que foram identificados surtos no México e nos Estados Unidos, especialistas dizem que há risco de uma pandemia. Eles estão preocupados porque o vírus da gripe suína pode se transformar numa cepa de fácil contágio entre os humanos. É quanto maior sua circulação, mais chances de pandemia.

## MAPA DA INFECÇÃO



Figura 9: O infográfico publicado no jornal Extra. Fonte: Extra, 27 abr. 2009, p. 12

## Saiba mais sobre a doença

### ■ O que é?

É uma infecção respiratória aguda altamente contagiosa que ataca normalmente os suínos. Ela atinge porcos e é causada pelo vírus influenza tipo A, que tem muitas variantes. As mais conhecidas são a H1N1, a H2N2 e a H3N2. Surtos da doença são comuns, mas dificilmente matam os animais. A maior incidência é no outono e no inverno, mas há registros todo o ano.



### ■ Como o vírus é transmitido aos humanos?

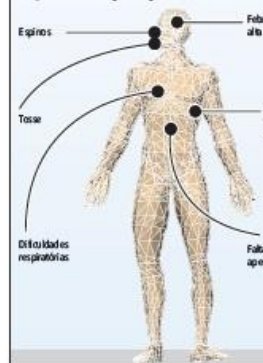
Geralmente humanos não contraem esse tipo de gripe, mas em 2008 foram identificados casos em indivíduos que tiveram contato próximo com suínos. É raro o contato de pessoa para pessoa. A gripe pode ser transmitida por meio de gotículas em tosse e espirros. De acordo com a OMS, trata-se de uma forma desconhecida de uma variedade de H1N1. O vírus é uma combinação das cepas dos vírus da gripe aviária, suína e humana.



### ■ É seguro comer carnes e derivados de suínos?

Segundo a OMS, pode-se comer produtos suínos se eles forem preparados com cuidado ou industrializados. O vírus da gripe suína é eliminado quando se cozinha a mais de 70 graus Celsius.

### ■ Quais são os principais sintomas?



### ■ Como prevenir?

Não se sabe se a vacina preparada para a gripe humana protege contra a gripe suína; provavelmente não.

Aos viajantes que se destinam às áreas afetadas a Anvisa recomenda: usar máscaras cirúrgicas descartáveis; ao tossir ou espirrar, cobrir o nariz e a boca com um lenço; evitar locais com aglomeração de pessoas; não compartilhar alimentos, copos, toalhas e objetos de uso pessoal; lavar as mãos frequentemente com sabão e água, especialmente depois de tossir ou espirrar; em caso de suspeita, procurar um médico.

### ■ Existe tratamento?

O vírus da gripe suína parece responder ao tratamento com os medicamentos oseltamivir (Tamiflu) e zanamivir (Relenza).

Figura 10: O infográfico publicado no jornal Expresso. Fonte: Expresso, 27 abr. 2009, p. 3

Já o *Expresso*, ao optar por publicar apenas as perguntas e respostas sobre a gripe, eliminando o mapa com a distribuição dos casos pelo mundo, julga que o limite do interesse

de seu leitor é apenas seu entorno imediato, a cidade, o aqui e agora. Até mesmo a pergunta sobre qual o risco de ocorrer uma pandemia foi retirada, como se nem este dado fosse relevante para ele: o que importa é se a gripe vai chegar ao seu quintal e não se vai dominar o mundo, que para ele seria mais uma abstração do que propriamente uma realidade.

Há aqui uma questão de contrato de leitura (VERÓN, 2004) e de endereçamento (BAKHTIN, 2010), que veremos a seguir, mas especialmente com relação à cobertura de *O Globo* emergem também indícios de que o modo de os Estados Unidos enfrentarem o risco da epidemia está sendo apresentado pelos enunciadores como um exemplo a ser seguido por nossas autoridades: a efetividade da vigilância, a adoção de medidas coercitivas, a força do governo central daquele país nesse processo. Por este motivo, a situação nos EUA ganha destaque na matéria de abertura da cobertura: tem a força de exemplo de como se faz (a ser confrontado com nosso exemplo, de como não fazer). Note-se que em *O Globo* a frase é “A Casa Branca decretou estado de emergência na saúde por causa da confirmação de 20 casos de gripe suína nos Estados Unidos”, enquanto no *Extra* é “Os Estados Unidos decretaram estado de emergência ontem por causa da confirmação de 20 casos no país” e no *Expresso* é “Os Estados Unidos confirmam ter 20 doentes”. O enunciado dos dois primeiros jornais é praticamente o mesmo, mas a enunciação é bem diferente: o enunciador de *O Globo* frisa que esta é uma ação do poder central: a Casa Branca. Isto traz o efeito de sentido de que o presidente dos Estados Unidos está diretamente envolvido com a questão, pois é do seu local de trabalho que partem as ordens. O *Extra* atribui a ação ao país, marcando que o que importa é a ação oficial e não quem a determinou. O *Expresso* nem toca na ação, apenas registra que o país tem doentes. Sobressai aqui o discurso político de *O Globo* versus o discurso informativo do *Extra* e o discurso excessivamente simplificado do *Expresso*.

É, portanto, adequando-se às expectativas que julga que seus públicos preferenciais depositam no jornal (ou estabelecendo em contrato tácito com seu leitor quais seriam essas expectativas) que cada um dos três veículos constrói suas narrativas elegendo não somente os aspectos do noticiário que privilegiará, em detrimento de outros, como também o tipo de linguagem que empregará, tendendo mais para o formal e erudito ou mais para o popular e descontraído, como podemos observar nos seguintes exemplos:

Quadro 10: Narrativas que variam conforme os contratos tácitos de leitura

Jornal	Data e trechos das matérias
<i>O Globo</i>	<p><b>27/04</b> A gripe suína se transformou no principal assunto do Congresso Panamericano de Infectologia realizado no fim de semana em Campos do Jordão (SP). Os médicos mudaram a agenda do evento e realizaram uma mesa específica para debater o assunto. As principais conclusões são a necessidade de mudar o alerta do nível 3 para 4, numa escala que vai a 6, e de uma ação conjunta internacional. Do contrário, há o risco de uma epidemia em escala mundial, segundo o presidente da comissão científica do congresso, André Lomar, especialista em gripe do hospital Emílio Ribas. A convicção pessoal de Lomar é que o Brasil ainda não foi afetado pela doença, apesar do risco. [...] (GALHARDO, 2009).</p> <p><b>08/05</b> [...] O paciente ficará internado por até dez dias, tempo que dura o ciclo do vírus. Ele está num quarto com sistema de ventilação próprio e pressão negativa. [...] (ALENCASTRO et al., 2009).</p>
<i>Extra</i>	<p><b>27/04</b> Com sintomas semelhantes aos de um resfriado comum, a gripe suína pode estar rondando o Brasil. [...] (SUSPEITA, 2009).</p> <p><b>08/05</b> A direção do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho também confirmou ontem que mais uma pessoa, com suspeita de ter contraído a gripe suína, está internada da unidade. Segundo a chefe do Departamento de Doenças Infecciosas e Parasitárias do hospital, Regina Barbosa Moreira, o paciente está em isolamento e sendo monitorado pelos médicos. [...] (UNIDADE, 2009).</p>
<i>Expresso</i>	<p><b>27/04</b> O mundo inteiro está em alerta por conta de um vírus do mal que já teria matado mais de 80 pessoas, sendo que 22 casos já foram confirmados oficialmente. A doença, chamada de gripe suína, apresenta sintomas parecidos com os da gripe comum, e agora já estaria rondando o Brasil. [...] (GRIPE, 2009c).</p> <p><b>08/05</b> [...] O hospital informou que o paciente está internado em um quarto de isolamento respiratório completo e permanecerá internado em observação por até dez dias. [...] O ministro da Saúde garantiu que o vírus não está circulando no país e que ainda não há necessidade de a galera sair na rua usando máscara (RIO, 2009).</p>

No primeiro trecho de *O Globo*, temos um exemplo claro do contrato de leitura (VERÓN, 2004) em vigor: o enunciador se apresenta como aquele que domina as regras de divulgação do saber científico e privou do ambiente em que médicos importantes (participantes de um congresso internacional) debateram o tema da epidemia de influenza H1N1, para levantar informações de qualidade para seu leitor – leitor este cuja imagem o

enunciador constrói como a de um sujeito interessado nas opiniões dos especialistas e capaz de compreender esse discurso, além de que valorizará o fato de seu interlocutor ter acesso direto a fontes médicas e científicas de alto nível, e por isso o enunciador se preocupa em detalhar a circunstância na qual foi feita a entrevista com o especialista.

Os trechos selecionados do noticiário do dia 8 de maio dos três jornais se prestam a uma proveitosa comparação. Os veículos estão se referindo ao paciente carioca contaminado pelo vírus H1N1 e que está internado no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho. Diz *O Globo*: “O paciente ficará internado por até dez dias, tempo que dura o ciclo do vírus. Ele está num quarto com sistema de ventilação próprio e pressão negativa”; o *Extra*: “o paciente está em isolamento e sendo monitorado pelos médicos”; o *Expresso*: “o paciente está internado em um quarto de isolamento respiratório completo e permanecerá internado em observação por até dez dias”. Aqui, o que se destaca é a diferença de linguagem empregada pelos veículos para dizer exatamente a mesma coisa. No primeiro caso, mais rebuscado e com termos técnicos (“sistema de ventilação próprio e pressão negativa”); no segundo, com simplicidade, mas de forma clara e completa (“em isolamento e sendo monitorado”); no terceiro, também simples e claro, mas mais repetitivo (“internado em um quarto de isolamento respiratório completo e permanecerá internado em observação”). “Quarto com ventilação própria e pressão negativa” é o mesmo que “isolamento” e igual a “quarto de isolamento respiratório completo” – mas o primeiro emprega os termos do jargão médico-hospitalar, enquanto o segundo o traduz para um modo sintético e já do senso comum, e o terceiro evita sintetizar, para não perder a clareza, mas retira os jargões, e com isso torna a explicação repetitiva. É constitutivo de cada um desses enunciados, portanto, o seu direcionamento, seu endereçamento a alguém (BAKHTIN, 2010) – no primeiro caso, a um leitor mais letrado e que aprecia a complexidade no linguajar; no segundo, a um leitor menos letrado, mas habituado a certas leituras (convém lembrar que 87% dos leitores do *Extra* se interessam por temas de saúde); no terceiro, a um leitor pouquíssimo letrado e ainda sem hábito de leitura.

### **4.3 – O mal que vem de fora, do estrangeiro**

Desde os primeiros dias do noticiário sobre a influenza H1N1, a origem mexicana da doença é dita e repetida pelos jornais. Observa-se também a estreita relação estabelecida pelos veículos entre o risco da chegada do vírus por aqui e a entrada de estrangeiros no país ou a volta de brasileiros que estiveram no exterior – naquele momento, os países com focos de

contaminação conhecidos eram México e Estados Unidos, mas as referências dos jornais sobre perigo miravam o México. No dia 27 de abril, quando se noticia a existência dos primeiros pacientes suspeitos de estarem infectados – que não viriam a se confirmar como tais – *O Globo* se refere desta maneira a um dos pacientes (grifos meus): “Para o infectologista David Uip, *a não ser pelo fato de o paciente internado no Emílio Ribas ter vindo do México*, ele não apresenta sintomas que possam ser atribuídos à gripe suína”. Ou seja: antes e acima de qualquer evidência clínica, ter vindo do México era quase uma garantia de estar contaminado pela doença. Na mesma edição, uma reportagem sobre a gripe nos Estados Unidos traz o trecho (grifos meus) “A secretária de Segurança Interna, Janet Napolitano, disse que viajantes que chegarem do México serão *interrogados* pelas autoridades alfandegárias e aqueles que apresentarem sintomas de gripe serão *imediatamente isolados* e postos em quarentena”, numa clara descrição de quais devem ser os métodos empregados contra os “suspeitos”: interrogatório e reclusão. É importante frisar que, embora os Estados Unidos já tivessem alguns pacientes contaminados pelo H1N1 e vários casos suspeitos, neste momento inicial não se falou do perigo de viajantes vindos do Texas ou da Califórnia, mas apenas de Cancún e da Cidade do México. Ou seja: embora México e Estados Unidos tivessem focos de contaminação, os mexicanos eram apresentados como perigo para os EUA e também para nós, mas os americanos não receberam a mesma pecha.

É, porém, no momento posterior aos primeiros casos confirmados por aqui, e mais intensamente com o anúncio da primeira morte, que o perigo dos estrangeiros passa a ser mais realçado no noticiário – talvez porque a primeira morte tenha sido a de um caminhoneiro que estivera na Argentina, e estivesse se aproximando o período de férias escolares e as eventuais viagens das famílias, em especial de classe média alta, para Argentina e Chile.

Na cobertura do dia 29 de junho, o *Extra* e o *Expresso* puxaram para os subtítulos de suas matérias a informação de que o paciente morto era um gaúcho que se contaminara na Argentina, mas no texto das matérias os dois jornais não chegaram a insistir na exploração dessa questão geográfica e de fronteira. Já *O Globo*, que optou por aludir no subtítulo de sua matéria principal a outro tema (a afirmação do Ministério da Saúde de que não mudaria a estratégia de combate à doença), usou o espaço da legenda da foto para registrar a naturalidade da vítima e o país de contaminação, e além disso recheou o texto da matéria com referências ao “perigo” representado pelos outros países, pelos estrangeiros e pelos viajantes (os grifos são meus):

[...] O Brasil ainda não entrou para a lista porque a maioria dos casos é *importada* (cerca de 65%) ou com forte vinculação epidemiológica com *pacientes que trouxeram o vírus de outros países* [...].

[...] O fluxo de veículos entre o Brasil e a *Argentina* é intenso. Motoristas estimam que cerca de 15 mil caminhões *circulem* mensalmente apenas na *ponte entre Uruguaiana e Pasos de Los Libres, um dos principais pontos de ligação entre os dois países* [...].

[...] Temporão reforçou as recomendações para *quem volta de países mais afetados pela doença*. Se apresentar sintomas, o *viajante* deve procurar o serviço de saúde [...] (ALENCASTRO; SOUZA, 2009).

Doença importada, pacientes que trazem o vírus de outras localidades, espaço de fronteira (ponte, pontos de ligação) entre países e cidades marcados como lugar de perigo – as referências à origem da doença e ao perigo que ela pode representar são sempre ancoradas no “outro” (o outro país, o viajante, o estrangeiro). E, como a transição de lá para cá só pode se dar por meio de um entrosamento, este desde já fica interditado: a circulação entre os países, o contato entre as pessoas, tudo isso se torna não recomendável. Porém, se vier a ocorrer, aqueles que atuarem fazendo esta “ponte” serão os culpados pela propagação da doença.

Nascimento e Gouvêa (2006), em estudo sobre o significado da culpa na história das doenças, demonstraram que é fato recorrente a busca por culpados quando uma população se percebe à mercê de uma doença contagiosa grave, incurável ou fatal: foi assim com as pestes dos séculos XIV a XIX, com a gripe espanhola e a cólera no começo do século passado, e mais recentemente com o surgimento da aids. Principalmente tratando-se de um surto que “viaja” de região a região, os habitantes das regiões onde a doença anteriormente se manifestou, ou o viajante que por lá esteve e retornou, serão imediatamente tomados como bodes expiatórios de tal culpa.

Ainda sobre estrangeiros, em outra matéria na mesma página o jornal informa que um engenheiro americano que morrera dias antes na cidade gaúcha de Montenegro, e que figurava como caso suspeito de influenza H1N1, não teve esse diagnóstico confirmado, e pode ter sido vítima de um problema bacteriano. O discurso direto do secretário de Saúde do Rio Grande do Sul, reproduzido pelo jornal, diz (grifos meus):

*Esse cidadão veio dos Estados Unidos. Ele esteve durante dois dias em Curitiba, depois viajou para Porto Alegre, onde ficou por mais dois dias. Então, ele começou a sentir dor de cabeça e febre baixa e se automedicou. O quadro de saúde agravou-se quando ele foi para Montenegro, a serviço.*

[...] Foram feitos todos os exames necessários no paciente, como aspiração nasofaríngeo e tecido dos pulmões. Tudo indica um problema bacteriano e não viral, o que descartaria, portanto, a Influenza A (SOUZA, 2009).

É interessante observar como o secretário, antes de falar propriamente sobre a morte do americano, recria a trajetória do sujeito começando bem longe de seu estado, como se o fundamental aqui fosse eximir o Rio Grande do Sul da culpa pela morte. E o modo de fazer isso é destacando o caráter de estrangeiro e viajante do homem. Quando o secretário diz “Esse cidadão veio dos Estados Unidos”, está deixando claro que o homem veio de um país onde circula o vírus H1N1 e – o mais importante – ele é um cidadão americano, não um brasileiro voltando de viagem. O secretário completa lembrando que ele passou por Curitiba e só então entrou no Rio Grande do Sul, e ainda por cima fez automedicação ao sentir dor e febre. Então é duplamente culpado: por ser estrangeiro e por se ter automedicado em vez de buscar atendimento médico.

O mais emblemático texto presente neste *corpus* associando estrangeiros ao perigo de contaminação pelo vírus H1N1, porém, é o que foi publicado na edição de 17 de julho de *O Globo*, dia que traz a notícia da primeira morte no Rio de Janeiro. Os escolhidos para representar o perigo, desta vez, foram os argentinos e chilenos – e muito mais os primeiros. A matéria, diagramada logo abaixo da reportagem principal, era assinada pela repórter Jacqueline Costa e abordava a redução do número de turistas argentinos e chilenos em Búzios, um balneário do litoral norte do estado conhecido pela massiva presença desses nossos vizinhos – sobretudo argentinos, que ao longo das últimas décadas se transformaram também em donos de pousadas e restaurantes. Observemos os trechos que relacionam nossos vizinhos com o risco de alastramento da gripe (grifos meus):

#### **Menos ‘hermanos’ passeando em Búzios**

##### **Para Abav, número de argentinos na cidade já caiu 40% em relação a julho do ano passado**

A gripe suína, somada à crise econômica, já está provocando reflexos no turismo de Búzios, um dos destinos preferidos dos argentinos no Brasil. [...]. Segundo o presidente da Associação Brasileira de Agências de Viagens (Abav-RJ), Luiz Strauss, o número de ‘hermanos’ que chegam a Búzios já caiu 40% em relação a julho do ano passado.[...].

Na opinião do presidente da Associação Comercial de Búzios, José Wilson Barbosa, *há um temor pairando no ar do balneário. Mesmo assim, os argentinos e chilenos continuam sendo tratados com hospitalidade.*

— A população buziana está apreensiva, já que o destino é muito procurado por argentinos e chilenos. *Não seria bom para a economia de uma cidade que vive exclusivamente do turismo ter algum cidadão que espalhe a*

*doença, mas não há ninguém temendo o contato com os argentinos* — disse o presidente da Associação Comercial de Búzios.

Segundo Osmani Simas, da Associação de Servidores e Funcionários Públicos de Armação dos Búzios (Asfab), há cerca de três semanas, *houve suspeita de gripe suína num chileno, o que causou temor em parte dos 900 associados*.

— Houve uma certa apreensão por parte das pessoas. *Como nada foi confirmado, está tudo tranquilo agora* — disse Osmani. O secretário de Planejamento de Búzios, Rui Borba, confirmou que houve queda no movimento de turistas. E acrescentou:

— *As pessoas estão com um certo cuidado em se tratando de argentinos e chilenos*. Os argentinos estão em número menor, mas não deixaram de viajar — disse Rui.

Nas ruas da cidade, *não há sinais de pânico* por causa da gripe suína. Nas praias do município, como Geribá e João Fernandes, *também não se veem pessoas usando máscaras* para evitar o contágio pelo vírus Influenza A (COSTA, 2009).

Já na titulação da matéria os argentinos são identificados pelo termo “hermanos”, que tem lá sua equivalência com “gringo”, modo preconceituoso de aludir a estrangeiros. Jacks et al. (2002, p. 7), ao analisarem como os jornais da região Sul do país retratam a presença de turistas argentinos em solo brasileiro, observaram que na maior parte das vezes o termo “hermanos” é usado de forma pejorativa, em frases que procuram definir nossos vizinhos como seres estranhos, indesejáveis, invasores: “A despeito do seu sentido em princípio ‘evidente’ – o de que somos irmãos –, parece difícil, ao jornalismo do Sul do país, associar os hermanos a situações que mereçam aprovação, admiração ou reconhecimento”. Embora a análise em questão retrate o contexto do Sul do país, cuja proximidade fronteira com a Argentina talvez represente fator de exacerbação de tais manifestações de hostilidade, e o Rio de Janeiro e seu balneário mais famoso sejam regiões bem mais cosmopolitas, o caráter de rivalidade entre os representantes das duas nacionalidades sempre aparece, mesmo que mais suave. No texto da matéria de *O Globo*, o emissor segue mobilizando uma série de elementos, de pistas que podem permitir ao leitor inferir que a presença de argentinos no país representa perigo de contaminação pelo vírus H1N1. Quando o presidente da Associação Comercial de Búzios, José Wilson Barbosa, relata a existência de um certo temor pairando no ar do balneário e completa seu raciocínio dizendo que (grifos meus) “*mesmo assim, os argentinos e chilenos continuam sendo tratados com hospitalidade*”, ele praticamente admite que o mais esperado era que não fosse assim.

Brito (1997), ao analisar os impactos sociais e psicológicos da gripe espanhola em 1918 sobre os habitantes da cidade do Rio de Janeiro, a partir dos registros da imprensa da época, observou que não apenas os doentes eram excluídos do convívio social, forçados pelas



medidas sanitárias de isolamento e quarentena impostas pelo governo. Outro grupo, mesmo gozando de plena saúde, era tratado com absoluta desconfiança: “O outro alvo são os estrangeiros, de imediato estigmatizados como semeadores voluntários da peste por não pertencerem à comunidade” (BRITO, 1997, p. 15). Nesta matéria sobre os argentinos em Búzios, parece vigir a mesma lógica do começo do século passado a respeito do perigo do estrangeiro: ele é perigoso apenas por ser estrangeiro. Afinal, se àquela altura o vírus H1N1 já estava disseminado no Brasil, por que o temor que “paira no ar do balneário” (temor da contaminação pela gripe) seria devido à presença de argentinos e chilenos?

A matéria segue com vários trechos plenos de sentidos de responsabilização dos argentinos e chilenos pelos eventuais casos de contaminação no balneário, mas ao mesmo tempo prega cautela com relação à demonstração pública desse receio. Isso porque, na mesma medida em que os “hermanos” representariam uma ameaça virtual à saúde de nossos cidadãos, eles são efetivamente uma garantia bem real da saúde econômica do balneário. Portanto, por mais que possam ser considerados como potenciais vetores da contaminação, algo em seu estatuto social e econômico os protege da explicitação desse eventual temor. Tal cuidado aqui observado corrobora a percepção de Nascimento e Gouvêa (2006) de que as respostas das coletividades na imputação de culpa a terceiros pela emergência de uma grave doença se diferenciam consideravelmente dependendo dos cenários sociais, históricos, culturais e ideológicos presentes (aspas do original):

Uma determinada população, ao procurar um culpado, vai sempre fazê-lo de forma atravessada com as contingências específicas representadas pelas ideologias vigentes. Este “culpado” será sempre aquele, que naquele preciso momento histórico, ocupará um lugar de sujeição, ou menos valia, num determinado contexto desenhado pelo espaço e pelo tempo (NASCIMENTO; GOUVÊA, 2006, p. 6).

No último parágrafo da matéria, a repórter descreve o que não existe na cidade: sinais de pânico e pessoas usando máscaras nas praias para evitar o contágio. Ao utilizar a negativa desta maneira, o enunciador mais afirma do que nega a proposição. É como um silenciamento ao contrário: para poder decretar que um determinado elemento não existe, foi necessário primeiramente afirmar esse elemento, constituí-lo. E é essa presença dele no texto, apesar da negativa que se segue, que o torna mais real do que nunca. O leitor passa a imaginar pessoas nas praias com máscara, e essa realidade, mesmo que não tenha sido constatada pela repórter naquele dia, torna-se uma realidade possível, que passa a fazer parte do jogo enunciativo.

#### 4.4 – O apelo às sensações... sensacionalismo?

A começar pelo título “Gripe do mal espalha terror no mundo todo”, o *Expresso* procurou com sua cobertura traduzir o noticiário sobre a influenza H1N1 para uma linguagem bem coloquial, popular. Termos como “vírus do mal”, “espalha terror”, “isolamento total”, “rondando o Brasil” e “temida gripe suína” dão à narrativa um tom mais íntimo, que aproxima o leitor do problema e simplifica ao máximo a mensagem, focando exclusivamente em alguns aspectos, sem se aprofundar nas questões mais estratégicas de controle e enfrentamento do agravo – neste caso, privilegiando a narrativa espetacular dos “horrores” de uma epidemia anunciada. Seria sensacionalismo? Oliveira et al. (2010) sustentam que, muitas vezes, para se aproximar mais de seu público, certas publicações tratam os temas científicos por meio de analogias e simplificações, não raramente empregando nos textos índices de ironia e humor. É o que o *Expresso* pareceu fazer neste primeiro dia em que noticiou o surto da gripe no México, escapando de esclarecer o leitor sobre as questões médico-científicas ligadas ao novo vírus e explorando seu potencial de perigo pelo viés do humor, já que até então ele ainda era uma realidade distante. Amaral (2006a, p. 22) acredita que “caracterizar um jornal como sensacionalista é afirmar, de maneira imprecisa, apenas que ele se dedica a provocar sensações”. Sodré (2009) desenvolve argumento na mesma direção, ressaltando que o “sensacional” é simplesmente uma das designações possíveis para um estilo jornalístico que explora, às vezes no limite do exagero, usos retóricos da linguagem com o objetivo de tocar as emoções e os sentidos do leitor, e com isso sequestrar-lhe a atenção – e disso, segundo o autor, nenhum estilo de jornalismo escaparia, mesmo aqueles pautados pela concisão e a síntese:

Nessa ênfase, podem acontecer os clichês (grandes condensadores de emoções), os títulos enganosos, a acentuação escandalosa das situações, as falsas declarações, mas igualmente o texto leve, de leitura agradável, próximo do coloquialismo das massas (SODRÉ, 2009, p. 222).

Insistindo nessa linha teórica, seria difícil apontar algum jornal (ou mesmo qualquer outro produto de mídia) que não fosse sensacionalista. Quando estampa na capa uma foto de grande proporção, sob o título “México em alerta”, mostrando uma fila de cidadãos mexicanos com semblantes contritos e usando máscara, e arremata com a legenda “O pavor de contrair o vírus da gripe suína se espalhou no país após 21 mortes e mais de mil casos da

doença, contra a qual o corpo humano tem poucas defesas”, será que *O Globo* não pretende causar nenhuma sensação em seu leitor? Mas alguém sustentará que *O Globo* é sensacionalista por causa disso?

Numa reflexão sobre os jornais populares e o interesse do público, Amaral (2006a, p. 58) comenta que “Se, em um primeiro movimento, os jornais são como são para agradar o público, é preciso ver que eles interpelam características culturais populares construídas ao longo da história”. Na obra em que abordou a cultura popular na Idade Média e no Renascimento a partir da produção literária do escritor François Rabelais, Bakhtin (2008) observou que, em etapas primitivas da civilização, quando não se conheciam a figura do Estado ou as divisões sociais por classes, os rituais sociais mesclavam tanto os aspectos sérios quanto os aspectos cômicos e burlescos da divindade, do mundo e do próprio homem: em cerimônias de triunfo no primitivo Estado romano, por exemplo, o vencedor poderia ser objeto tanto de celebração quanto de escárnio, assim como num funeral se poderia ao mesmo tempo prantear e ridicularizar o defunto. Ou seja, a seriedade e a comicidade faziam parte da vida de todos, em igualdade de representação. Mas, segundo o autor, quando se passa ao regime de classes e de Estado, na Idade Média, torna-se impossível manter a igualdade desses dois aspectos:

De modo que as formas cômicas – algumas mais cedo, outras mais tarde – adquirem um caráter não-oficial, seu sentido modifica-se, elas complicam-se e aprofundam-se, para transformarem-se finalmente nas formas fundamentais de expressão da sensação popular do mundo, da cultura popular (BAKHTIN, 2008, p. 5).

No caso dos jornais populares, portanto, uma acusação de sensacionalismo baseada exclusivamente na constatação de que há mescla dos aspectos de seriedade e comicidade na produção dos discursos poderia ser entendida como uma subestimação ou discriminação da cultura popular, na qual não se reconheceria a legitimidade da convivência desses dois aspectos em igualdade de condições, mas sim se decretaria que “algo está fora do lugar” – no caso, o modo “burlesco” de tratar um tema que deveria ser entendido dentro do estatuto da seriedade. Um argumento que se costuma usar é dizer que tais jornais populares apelam a uma linguagem mais chamativa para vender mais, que seriam produtos meramente mercadológicos. O que traria inevitavelmente a pergunta se os ditos jornais de referência também não implementam estratégias com vistas a estimular vendagem e audiência. Ora, em muitos aspectos, como já exemplifiquei anteriormente, a cobertura de *O Globo* lançou mão de

artifícios que tocam diretamente nas sensações, como o frequente uso nos títulos das matérias de termos como “morte”, “mata”, “pânico”, “medo”, “temor”, além do recurso à quantificação numérica diária das vítimas e as projeções de novos desdobramentos sempre mais graves. É fato que o jornal não usou analogias apelativas como “gripe mortal”, “espalha terror” – termos que dizem mais respeito a uma tradição do jornalismo popularesco –, adotando uma linguagem mais contida e formal, mas os elementos semânticos mobilizados nessa linguagem foram igualmente provocativos às sensações (especialmente à sensação de medo), algo não tão racional como se esperaria de um jornal de referência. Enfim, não se trata de condenar ou defender as diferentes linguagens e estratégias discursivas empregadas por cada um dos jornais para alcançar seus objetivos, mas reconhecer que elas existem e parecem estar a serviço de semelhantes propósitos.

Amaral (2006a) acredita que não apenas os jornais populares são “feitos para o mercado”, mas também os chamados jornais de referência o são: o mercado de qualquer jornal é aquele a quem ele se destina. Logo, por que acusar um veículo popular de só pensar nas vendagens quando faz matérias melodramáticas e não acusar um jornal de referência de só pensar nos cifrões quando produz um noticiário prioritariamente ancorado em política e economia? Ambos não estariam, neste caso, privilegiando interesses mercadológicos ao se fazerem ao gosto de seus leitores? A autora prossegue dizendo que:

Determinados jornais adotam uma estratégia de mercado voltada a um segmento mais habituado à leitura e interessado em “ler o que ocorre no mundo”, e outros, dirigidos às camadas mais amplas da população, preferem as informações mais ligadas ao cotidiano popular, à prestação de serviços e ao entretenimento, ou seja, ao “mundo do leitor” (AMARAL, 2006a, p. 52).

De fato, tal estratégia é assumida pelos responsáveis pelo *Expresso*. Na data em que o tablóide foi lançado, em 27 de março de 2006, seu então editor, Marcelo Senna, afirmou que a cobertura daria ênfase aos assuntos de cidade, polícia, economia popular, TV, lazer e esporte, e que o jornal teria como objetivo principal ser útil a seus leitores – por exemplo, informando sobre os melhores preços dos itens das feiras (‘EXPRESSO’, 2006). Ainda na ocasião do lançamento, o então diretor-executivo da Infoglobo, Agostinho Vieira, afirmou que a nova publicação da empresa era dirigida, sobretudo, a um público com pouca habilidade na leitura de jornais: “A maior parte dos leitores do *Expresso*, cerca de 70%, será formada entre pessoas que hoje não leem jornais” (OLIVEIRA, 2006).

Ao usar termos mais coloquiais e populares do que seus colegas dos dois outros veículos, o jornalista do *Expresso* busca estabelecer uma empatia com este leitor pouco tarimbado na leitura de jornais, e assim configura seu discurso com um tom quase que de “bate-papo” entre amigos. O que pode ser entendido como um socorro ao leitor pouco habituado com a leitura e o entendimento das notícias, mas também com uma tentativa de orientá-lo nesse entendimento. Mas não necessariamente a resposta se dará da forma planejada, pois, como nos lembra Thompson (2009, p. 42), “a recepção dos produtos da mídia é um processo mais ativo e criativo do que o mito do assistente passivo sugere”.

Por sua vez, nos jornais de referência, segundo Amaral (2006a), até mesmo por causa de seu público, o modo de alcançar a atratividade é outro:

Embora as estratégias de popularização possam ser observadas em todos os jornais, nos de referência ainda predomina uma lógica de tratar de assuntos publicamente mais relevantes do ponto de vista da política e da economia. Nos jornais populares, a lógica é dar destaque a notícias que interferem no cotidiano da população ou tenham características mais dramáticas (AMARAL, 2006a, p. 53).

#### 4.5 – Fontes e vozes convocadas para construção e desconstrução de legitimidades

As fontes citadas na cobertura jornalística da pandemia de influenza H1N1 dos três jornais pesquisados foram em sua maioria oficiais, ligadas a organismos internacionais de Saúde, Ministério da Saúde, secretarias estaduais e municipais de Saúde e a outras esferas de governos daqui e de outros países. Nos 7 dias de noticiário que compõem o *corpus* reduzido desta pesquisa, *O Globo* ouviu em média 7,85 fontes oficiais por edição, enquanto o *Extra* citou 3,42 e o *Expresso*, 1,71. Numa escala do máximo para o mínimo, *O Globo* variou de 13 fontes oficiais no dia 27 de abril, quando noticiou os primeiros casos suspeitos de contaminação, a uma única fonte oficial no dia 18 de agosto, quando registrou que os casos de infecção começavam a declinar. O *Extra* contabilizou seu maior número de fontes oficiais (6) na edição de 8 de maio (primeiros casos confirmados) e o menor (1) em 25 de abril (primeira notícia sobre a H1N1). Já o *Expresso* chegou a ter duas edições sem qualquer fonte oficial, e reuniu o maior número delas (4) em 27 de abril, como *O Globo*. Há outros dados sobre as fontes que chamam a atenção: os especialistas anônimos<sup>20</sup> foram citados 12 vezes em *O*

<sup>20</sup> Chamei de especialistas anônimos aqueles que são referidos pelos jornais apenas como ‘especialistas’, genericamente, sem nome ou qualquer indicação de pertencer a alguma instituição.

*Globo* ao longo desses 7 dias, enquanto o *Extra* citou 2 vezes e o *Expresso* nunca citou; já os especialistas ligados a alguma instituição de saúde foram 8 em *O Globo*, 3 no *Extra* e 1 no *Expresso*; *O Globo* teve mais cidadãos comuns anônimos (6) como fontes do que o *Extra* (4), e o *Expresso* não teve nenhum; por outro lado, tiveram voz no *Extra* 12 cidadãos comuns identificados (sendo 11 deles em uma mesma edição, a do dia 18 de agosto, quando o jornal noticiou que a gripe já estava em declínio), enquanto *O Globo* deu espaço para 9 e o *Expresso* para 2; em duas das edições do *Expresso*, a única fonte citada foi o *Jornal Nacional*; no *Extra* e em *O Globo* foi entrevistado um único parente de paciente, e nenhum paciente, ao tempo que nos 7 dias o *Expresso* não publicou relatos nem de pacientes nem de seus parentes.

Antes de trazer alguns exemplos de como essas fontes apareceram no noticiário, e também as vozes presentes na cobertura, para problematizar a questão “quem fala”, gostaria de fazer a necessária distinção entre o que estou considerando como fonte e como voz: associo a primeira com uma nomeação explícita e materialidade de informações e declarações (o ministro da Saúde que declara, a nota oficial que esclarece, o médico que explica, a representante da OMS que adverte, a vizinha sem nome que conta, o especialista não identificado que teme etc.) e localizo a segunda mais no âmbito do interdiscurso, ecoando por meio dos pré-construídos (PECHEUX, 2009) nas formulações dos enunciadores. Enfim, vozes que carregam os sentidos sedimentados e/ou autorizados da ciência, da burocracia, do senso comum etc., e que são trazidas para os enunciados não somente pelos locutores, mas também pelas fontes.

Começemos por um dos dois textos publicados em *O Globo* no primeiro dia de noticiário sobre a H1N1, em 25 de abril (grifos meus):

**Veja as medidas que o Brasil vai tomar**

*A Agência Nacional de Vigilância Sanitária diz que, por precaução e proteção da saúde da população, intensificará as ações de vigilância em saúde e o controle sanitário nos pontos de entrada do país para viajantes que se dirigem e procedem do México. Haverá inclusive inspeção de cargas e bagagens, na tentativa de prevenir a entrada do vírus da gripe suína.*

*Médicos brasileiros apoiam a medida. E apesar de a vacina contra a gripe comum — a Campanha Nacional de Vacinação para pessoas a partir de 60 anos começa hoje — não imunizar contra a infecção pelo vírus que infectou pelo menos mil pessoas no México e uma dezena nos Estados Unidos, ela é importante para evitar complicações por doenças pulmonares e cardíacas e afastar possíveis casos suspeitos.*

*“Se uma pessoa não se vacinou, vem de países com surto de gripe suína e manifesta sintomas da doença, ficamos sem saber por qual vírus ela foi infectada. Isso pode gerar pânico”, diz Edimilson Migowski, professor de infectologia pediátrica na UFRJ.*

Ele afirma que há risco de o vírus chegar ao Brasil e que *a melhor medida no momento é aumentar a vigilância sanitária em portos e aeroportos, como foi feito durante o surto de gripe asiática:*

“Pelos relatos, a gripe suína é mais fácil de se espalhar do que a aviária. O período de incubação do vírus é curto e muita gente pode se contaminar rapidamente.” (VEJA, 2009).

É interessante observar que neste primeiro momento do noticiário há total harmonia do locutor com as fontes oficiais convocadas e uma certa confluência entre as falas dessas fontes e o discurso de uma fonte médica especializada, também ouvida pelo jornal, na tarefa de explicar o acontecimento e dizer o que deve ser feito no enfrentamento do problema: a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) promete intensificar as ações de vigilância em saúde e o controle sanitário em pontos de entrada e saída de viajantes internacionais, e o professor de infectologia pediátrica da UFRJ Edimilson Migowski afirma que a melhor medida a adotar é a vigilância sanitária em portos e aeroportos. Em ambas as falas a voz da ciência prevalece, com a prescrição de vigilância em saúde e o controle sanitário no enfrentamento da questão. O médico e professor recorre ainda a um exemplo passado de aplicação dos preceitos da ciência (“como foi feito durante o surto de gripe aviária”) para embasar sua recomendação. E a Anvisa atribui à “precaução e proteção da saúde da população” as medidas previstas de “inspeção de cargas e bagagens”, dando voz ao discurso intervencionista que sempre ressurgue em momentos de surtos e epidemias. Na ratificação dessas falas, o locutor evoca ele também a voz autorizada da ciência, salientando que “médicos brasileiros apoiam” a medida. Ao não nomear, qualificar ou quantificar tais médicos, e silenciar sobre se há profissionais com opinião contrária, o jornal estende à classe médica brasileira como um todo a aprovação da medida, o que produz para o leitor um sentido de unanimidade: se todos os médicos apoiam a medida, então isto deve ser o certo a fazer.

Um aspecto que merece ser destacado aqui é o modo como o jornal põe em prática uma operação enunciativa de atualização seguida de uma operação de extração (PINTO, 1994) como estratégia para dar esse caráter pacificado a um tema que poderia suscitar outras interpretações – Kucinski (2000), por exemplo, lembra que campanhas sanitárias ou de vacinação muitas vezes podem ser entendidas não como a melhor forma de combater doenças, mas sim como a mais prática para não precisar intervir politicamente nas condições sociais e econômicas que produzem as doenças. Retomando o raciocínio inicial: ao atualizar o leitor com a informação de que “médicos brasileiros apoiam a medida” – convocando aqui a voz da autoridade médica – e em seguida trazer a palavra de um determinado médico brasileiro, o infectologista da UFRJ Edimilson Migowski, ratificando a adequação daquela prática médico-

sanitária prescrita, é como se esta manifestação do entrevistado bastasse para se concluir que em todo o conjunto de médicos brasileiros não há objeções ao proposto – ou, mais ainda, que não há outra possibilidade fora desta. Migowski foi a única fonte médica especializada ouvida pelo jornal neste dia, mas sua fala ecoou como sendo a voz autorizada da medicina.

Voltando à questão da confluência de propósitos de locutor e fontes neste primeiro momento, se retomarmos o enunciado do título, “Veja as medidas que o Brasil vai tomar”, fica ainda mais claro o modo como os dois enunciadores ali presentes (o próprio jornal e o poder público) harmonizam suas falas: o poder público (representado por “o Brasil”) afirma que tomará medidas, e o jornal (o locutor) mostra as medidas que serão tomadas. Ducrot (1987) descreve tal estratégia enunciativa como um tipo de argumentação por autoridade que ele chama de autoridade polifônica: o locutor mostra um enunciador que assevera algo – e, ao fazê-lo, imprime veracidade ao fato de que o enunciador assevera aquilo. Não necessariamente o locutor se compromete com o conteúdo do que é asseverado pelo outro, mas só o fato de mostrá-lo asseverando aquilo, sem contradizê-lo em outra enunciação, demonstra certa adesão àquilo que é asseverado. Neste caso, o jornal mostra as medidas de controle e intervenção que a Anvisa promete executar e adere à sua pertinência.

É importante marcar que, naquele momento inicial do noticiário sobre a influenza H1N1, essa argumentação por autoridade era aplicada no sentido de corroborar o que diziam os representantes do poder público, mas não será sempre assim no decorrer da cobertura: mais adiante ficará nítida a oposição entre diferentes enunciadores dentro dos enunciados, o que de modo geral acontecerá nos momentos em que os jornais – sobretudo *O Globo* – estiverem questionando as estratégias adotadas pelo governo no combate à epidemia. Tomemos como exemplo a edição de *O Globo* do dia 29 de junho, quando foi noticiada a primeira morte pela gripe no Brasil. Tanto a manchete de capa (“Primeira morte por gripe suína não faz Brasil mudar estratégia”) quanto o conjunto de título e subtítulo da matéria principal deste dia (“A 1ª morte por gripe no Brasil – Ministério da Saúde afirma que nada muda na estratégia do governo de combate à doença”) constituem expressivas evidências das estratégias enunciativas empregadas por *O Globo* para questionar a competência das autoridades sanitárias brasileiras. É possível ver na matéria um enunciador que contesta o governo e as autoridades de saúde, pois no título ele contrapõe a primeira morte à não mudança na estratégia de enfrentamento da doença, como se atribuísse a essa estratégia a morte ocorrida: opina de modo enviesado, construindo enunciados plenos que não trazem, cada um, separadamente, aquele sentido, mas que produzem o sentido da morte causada pela estratégia ruim ao se encadearem na narrativa. Em outras palavras, o enunciador constrói uma realidade



em que estabelece a incompetência das autoridades, ao constituir o dado (a relação de consequência entre a estratégia adotada pelo governo e a morte do paciente) por meio da enunciação (os novos sentidos produzidos pelo encadeamento de ideias na titulação).

O título da primeira matéria vinculada, “Argentina deve decretar, em breve, emergência sanitária”, conversa – ou melhor, duela – com o subtítulo da matéria principal da página, em que as autoridades brasileiras afirmam que não mudarão a estratégia adotada aqui no enfrentamento da doença. O “deve decretar” indica que não necessariamente decretará, mas o enunciador opta por esta modalização para produzir o sentido de que a Argentina está para tomar medidas que aqui as autoridades não acham necessárias. É interessante também pensar sobre a dubiedade do verbo escolhido: *deve* decretar porque é presumível que o faça ou porque está obrigada a fazê-lo? Mas o mais importante a registrar aqui é: se a decisão sobre a emergência sanitária virá de uma reunião ainda a ser realizada – portanto, a decisão pode ser sim ou não –, o título seria igualmente verdadeiro se grafasse “Argentina pode rejeitar hoje emergência sanitária”. Deste modo, estaria exprimindo a mesma condicionalidade do primeiro, já que tudo se encontra no campo das suposições. Quando o enunciador opta por realçar a possibilidade de decretar a emergência e não a possibilidade de rejeitar a emergência – poderia até, se quisesse, explicitar as duas possibilidades –, ele está conduzindo o leitor para aquele sentido que prefere. E por que o faz?

O conjunto encadeado de antetítulo, título e subtítulo da matéria principal talvez explique: “Alerta na saúde: A 1ª morte por gripe no Brasil – Ministério da Saúde afirma que nada muda na estratégia do governo de combate à doença”. Verón (2004, p.61) nos lembra que “os traços na superfície de um discurso dizem respeito a operações que não são redutíveis à soma das propriedades das unidades-enunciados que compõem o discurso”. E isto é bem visível na titulação desta matéria: há a intenção de criar um sentido global mais amplo do que a soma dos três elementos. O “Alerta na saúde” antecipa a gravidade de “A 1ª morte...”, enquanto “Ministério da Saúde afirma que nada muda...” usa o antagonismo para desqualificar a estratégia do ministério. Ou seja: não é apenas um encadeamento de sentidos com a intenção de mostrar que uma coisa é consequência da outra, mas principalmente que é uma consequência provocada pela incompetência das autoridades. Ao insinuar que a estratégia não é boa e que foi ela a causadora da morte, desqualifica-se a autoridade que ordenou a estratégia, uma vez que ela não soube fazer seu trabalho, que é cuidar da saúde da população. Cada enunciado se relaciona com o seguinte ou com o anterior para construir mais solidamente o sentido desejado, sem que o enunciador precise ser explícito e com isso fuja da objetividade que o discurso jornalístico advoga para si. Assim, o locutor prepara os

“encaixes” entre uns e outros enunciados e deixa ao leitor a tarefa de unir os pontos, de tirar suas conclusões – mas essa é uma conclusão direcionada, conduzida.

E então podemos voltar ao título da matéria vinculada (“Argentina deve decretar, em breve, emergência sanitária”) e ver de que maneira esse cotexto conversa com a titulação da matéria principal, criando uma cadeia associativa: se a Argentina decretará emergência sanitária, o Brasil também não deveria fazê-lo? Se a Argentina tivesse decretado emergência sanitária logo na primeira morte, não poderia ter conseguido evitar tantas outras? E nós, será que devemos acumular mais mortes para somente depois mudar a estratégia?

A matéria sobre os casos de H1N1 na Argentina retrata também o dia de eleição no país vizinho. O enunciador recorre a fontes “extra-oficiais” para dizer que as autoridades evitam tomar medidas drásticas (a suspensão das eleições seria a principal) para não prejudicar seus candidatos nas urnas – remetendo obviamente ao caso brasileiro: é possível então que a estratégia aqui não esteja sendo mudada para não haver prejuízo político, já estamos num período em que representantes da classe política começam a se movimentar em torno da formação de alianças para as eleições majoritárias de 2010.

É possível perceber, portanto, em *O Globo*, um enunciador que dá voz às autoridades para em seguida contrapor ideias e tentar desqualificar essa voz por meio das cadeias associativas que produzem sentidos outros, como quando destaca o número crescente de casos confirmados e frisa em seguida a não modificação da estratégia do governo de combate à doença, lançando suspeita sobre a correlação entre as duas ações. Esse clima de tensão entre o jornal e o poder público é constante. E não necessariamente se repete nos outros dois jornais, mesmo sendo o material produzido pelos jornalistas de *O Globo* a base do noticiário dos demais, pois se pode perceber uma certa “lapidação” dos textos na medida em que eles migram de *O Globo* para o *Extra*, e do *Extra* (ou do próprio *Globo*) para o *Expresso*, deixando pelo caminho primeiramente sua entonação mais política, e depois a complexidade linguística. Observemos no Quadro 11 como esse trecho acima citado aparece nos três jornais:

Quadro 11: Aspectos políticos dos enunciados de *O Globo* desaparecem na transição para os outros jornais

Data	<i>O Globo</i>	<i>Extra</i>	<i>Expresso</i>
29/06	[...] O Brasil já tem 627 casos confirmados da doença – 105 a mais do que os registrados na última sexta-feira. O ministro da Saúde, José Gomes Temporão, afirmou que nada muda na estratégia de combate à doença (ALENCASTRO; SOUZA, 2009).	[...] O Brasil já tem 627 casos confirmados da doença. O ministro da Saúde, José Gomes Temporão, lamentou a morte, mas, segundo ele, nada muda na estratégia brasileira de combate à doença (GRIPE, 2009d).	[...] O Brasil já tem 627 casos confirmados da doença (BRASIL, 2009a).

A dimensão política da cobertura de *O Globo* fica evidente na associação direta que faz entre o aumento dos casos de contaminação e a manutenção da estratégia do governo de combate à doença. Na transição para o *Extra*, quando o texto é reduzido para adequar-se à paginação deste jornal – como já vimos no começo deste capítulo, o espaço que *O Globo* dedica à cobertura é muito maior do que o dos outros dois jornais, portanto há sempre grandes “cortes” na transição dos textos de um para outro veículo – a primeira coisa que ele perde é o seu caráter político, as proposições analíticas introduzidas pelo enunciador de *O Globo* com a intenção de confrontar as autoridades. No *Expresso*, a redução ainda maior do texto tira dele não somente o componente político, mas boa parte também do teor informativo, restando apenas a menção ao número de casos, o aspecto quantitativo da pandemia.

Na página 13 desta edição, um artiguete reforçava a noção de incompetência das autoridades de saúde. Sob o título “Tudo errado”, diz o texto (as letras maiúsculas são do texto original, os grifos são meus):

FOTO PUBLICADA ontem no GLOBO *expõe uma preocupante evidência das falhas do sistema público de saúde do Rio no combate ao vírus H1N1*: na sala de espera da emergência do Hospital Salgado Filho dezenas de pessoas, com sintomas de gripe, amontoavam-se à espera de atendimento. *A IMAGEM não mostrava* qualquer procedimento que preservasse pacientes não contaminados do contato com possíveis vítimas de uma doença que tem alto potencial de infecção. *AGRAVAM* o quadro depoimentos de pacientes dando conta de que ficam agrupados por horas em filas de espera. *OU SEJA: tudo errado* (TUDO, 2009).

Aqui, o modo de expor a incompetência das autoridades passa por uma outra estratégia bastante utilizada pelo jornal, principalmente nos textos opinativos: a de analisar positiva ou

negativamente um cenário a partir da referência às suas próprias contribuições para o delineamento de tal cenário. No caso, o editorialista, que representa a voz do jornal, refere-se a uma fotografia publicada pelo próprio veículo e que traria as evidências das falhas do serviço público de saúde no atendimento aos pacientes. O chamado feito às autoridades se baseia nos efeitos de verdade produzidos por essa fotografia. Diz o locutor: “a imagem não mostra qualquer procedimento que preservasse pacientes...”: ou seja: o jornal assume que o que a imagem mostra é o real, ela possibilita a evidência do real a partir da qual o jornal poderá cobrar das autoridades o serviço não prestado ao cidadão, no papel de defensor do leitor. Em outras palavras, o jornal forja uma situação de transparência entre o enunciado (a foto) e aquilo que apresenta como fato (o mau atendimento ao cidadão), “como se a linguagem funcionasse ao modo de uma pintura realista do mundo” (SODRÉ, 2009, p. 49), e a partir dessa associação considera que flagrou as falhas do sistema público de saúde e, em defesa de seu leitor, exige correções para elas. Fausto Neto (1999) nos lembra que os dispositivos de enunciação habitualmente utilizados pelos jornais em seus editoriais servem para explicitar sua competência na avaliação das ações dos outros poderes:

Invocando-se portador de um discurso de autoridade, o jornal opera, através dessas enunciações, uma das características do seu discurso de competência: a de tomar partido dos fatos, solidarizando-se discursivamente com uma possível opinião que guarde uma contrariedade em relação ao ponto de vista das instituições, e que encontra no jornal o vetor de sua manifestação. Na verdade, essa operação procura mostrar que o jornal evoca a si esse lugar de mediação, para defender o leitor e atacar as posições e posturas que contrariam o (suposto) interesse coletivo (FAUSTO NETO, 1999, p. 81).

Retomando a argumentação de *O Globo* em seu artiguete, a respeito das falhas que critica no sistema público de saúde, isso nos remete a um termo habitual do jornalismo na cobertura de saúde pública: o chamado “caos na saúde”. Mendes (1996) observa que o termo é usado frequentemente pela mídia para identificar situações de atendimento desumanizado, filas, pacientes nos corredores, falta de profissionais, equipamentos e insumos, grevismo crônico e outras mazelas dos serviços de saúde, e que normalmente só é empregado para descrever a rotina das instituições públicas, embora esteja longe de ser exclusividade delas, ao menos em parte. Do mesmo modo, segundo o autor, embora tais questões digam respeito também à crise de financiamento do Estado brasileiro e ao esgotamento do modelo biomédico – realidade que se observa hoje em toda parte do mundo – esse contexto mais amplo dificilmente é explorado pela mídia, ficando no plano do silenciamento. Como pontua Orlandi

(1997), o silêncio na linguagem é algo estrutural: quando se diz uma determinada coisa, simultaneamente se está optando por silenciar outras. E, ao silenciá-las, é como se essas outras possibilidades de sentidos contidos nelas não existissem realmente. Ao optar repetidamente por denunciar o “caos na saúde” sem contextualizar e historicizar o surgimento de tal situação, a mídia silencia esses outros sentidos possíveis e identifica permanentemente o “caos na saúde” à incompetência da gestão pública – o que, em última instância, fortalece a defesa da gestão privada na saúde, um interesse caro a muitos setores políticos e econômicos. A isto podemos somar também a observação de Menegon (2008) de que, no cotidiano da mídia impressa, assim como a carência e a crise são grandes estimuladoras de pautas, o hospital e o médico são os dois atores mais valorizados na abordagem do tema saúde. Na medida em que, ao tratar de saúde pública, os jornais dão mais ênfase e visibilidade às notícias sobre atendimento hospitalar (ou falta de), a população acaba por associar a esse tipo de cuidado a única possibilidade de solução de seus problemas. No caso da epidemia de influenza H1N1, isso significou primeiramente uma corrida aos hospitais e a reivindicação crescente de antivirais para todos os pacientes com suspeita da doença (SOUZA, 2009b) e, num segundo momento (em 2010, fora do escopo desta pesquisa) uma pressão pela vacinação de mais grupos do que aqueles que o governo previa inicialmente, em consonância com as recomendações da Organização Mundial de Saúde (VACINAÇÃO, 2010).

Em pesquisa sobre as duas ondas de influenza H1N1 no País de Gales em 2009, na qual cruzaram dados da vigilância em saúde, estatísticas de atendimento em hospitais e levantamento da publicação de notícias sobre a pandemia na mídia, Keramarou et al. (2011) estabeleceram uma interessante relação entre o fluxo de notícias e a busca por atendimento. No auge do que os pesquisadores chamaram de primeira onda da gripe, em julho de 2009, 100 para cada 100 mil habitantes procuravam os hospitais queixando-se de sintomas, sendo que o índice de positividade para a doença era então de 25%, e houve apenas 44 hospitalizações e um óbito. Neste período, a cobertura midiática era intensa. No pico da segunda onda, em outubro do mesmo ano, o índice de positividade para a doença estava em 65%, com 379 internações e 26 mortes, mas a mídia já havia perdido parte do interesse pelo tema e publicava pouco – e a busca por consultas caiu para 65 pessoas para cada 100 mil habitantes. Os autores concluíram que o que incentivava a corrida da população aos hospitais era o noticiário e não a circulação do vírus.

Voltando à questão das fontes, outro grupo constantemente convocado para atuar no embate pela significação da pandemia foi o dos especialistas anônimos – e, de novo, sobretudo *O Globo* fez uso do artifício, e tais relatos também iam sendo eliminados ou

reduzidos na transição dos textos para os outros jornais. O dia do noticiário que melhor exemplifica essa constatação é aquele em que foi registrada a decretação de pandemia pela Organização Mundial de Saúde. Observemos, no Quadro 12<sup>21</sup>, alguns trechos das matérias publicadas neste dia:

**Quadro 12: Os especialistas anônimos dão o tom das consequências da pandemia**

Data	<i>O Globo</i>	<i>Extra</i>
12/06	<p><b>A 1ª pandemia do século XXI</b>            [...] A mudança para a fase 6 já era esperada há semanas, e <i>na opinião de alguns especialistas</i> veio com certo atraso. [...]            [...] Contribuiu o fato de o vírus ser menos letal do que <i>alguns especialistas previam</i>. [...]            [...] <i>Especialistas alertam</i> que os países pobres, especialmente no Hemisfério Sul com a chegada do inverno, enfrentam um grande risco. [...] (A 1ª PANDEMIA, 2009).</p> <p><b>Possíveis cenários e impactos</b>            [...] <i>Especialistas acreditam</i> que o número de mortes numa pandemia com a mesma virulência seria menor hoje, por causa da maior oferta de antivirais. [...]            [...] Mesmo assim, <i>especialistas preveem</i> que uma gripe semelhante poderia paralisar 40% da força de trabalho no mundo. [...]            [...] <i>Especialistas ficaram surpresos</i>, por exemplo, com a rapidez com que o H1N1 se disseminou na Austrália e entre esquimós canadenses. [...] (POSSÍVEIS, 2009).</p>	<p><b>Mundo vive pandemia de gripe</b>            [...] <i>Especialistas alertam</i> que os países pobres, especialmente no Hemisfério Sul com a chegada do inverno, enfrentam um grande risco. [...] (MUNDO, 2009).</p> <p><b>O impacto do novo vírus no país</b>            [...] <i>Especialistas acreditam</i> que uma pandemia com a mesma virulência teria um impacto menor hoje, devido aos antivirais. [...] (O IMPACTO, 2009).</p>

Em uma edição na qual recorreu a 13 diferentes fontes de informação, *O Globo* elegeu quase a metade delas (6) entre especialistas anônimos. As outras 7 fontes foram autoridades de saúde pública ligadas ao governo brasileiro ou a organismos internacionais. *O Extra*, ao reproduzir trechos das matérias de *O Globo*, manteve apenas dois dos especialistas – o que parece ser proporcional à quantidade de texto que utilizou (aproximadamente  $\frac{1}{3}$  do que *O Globo* veiculou). Voltando aos exemplos, as duas primeiras menções aos especialistas são

<sup>21</sup> O *Expresso* não foi incluído na comparação porque seu noticiário desse dia refere como fonte de informação o *Jornal Nacional*, e não cita especialistas.

feitas num contexto em que o jornal veladamente critica a Organização Mundial de Saúde pela demora na elevação do nível de alerta. Ao não nomear os especialistas que cita, ao dar a eles o conforto do anonimato para se contrapor à OMS, o jornal opera o apagamento das marcas de enunciação (PINTO, 1994) – que, se visíveis, colocariam esse enunciador em um determinado local de fala, comprometido com um contexto e forças específicas – e assume o conteúdo do discurso desses especialistas como informação e não como mera opinião, e com isso automaticamente faz circular os interesses que a fonte anônima investiu ao produzir o seu discurso. Tais interesses poderiam ser, por exemplo, os lucros da indústria multinacional farmacêutica, que a partir desse momento incrementou as vendas de antivirais encomendados às toneladas por países do mundo todo, inclusive o Brasil. A pista de que interesses da indústria poderiam estar por trás disso pode ser recolhida na intervenção de uma das fontes convocadas pelo jornal (grifos meus): “*Especialistas acreditam que o número de mortes numa pandemia com a mesma virulência seria menor hoje, por causa da maior oferta de antivirais*”. Fiorin (2004, p. 21) lembra que “Com o apagamento da enunciação, é como se as notícias se enunciassem a si mesmas, o que gera um efeito de sentido de verdade”. E a verdade neste caso, além de tudo, seria uma verdade conveniente: com o clima de pânico instaurado, a possibilidade de ter num antiviral a diferença entre a vida e a morte levaria a uma verdadeira campanha pela compra de grandes estoques do remédio Tamiflu pelo governo e a exigência de que ele fosse liberado a todos os pacientes com suspeita de gripe, conforme dito anteriormente, apesar de as autoridades sanitárias terem determinado sua prescrição apenas para os casos mais graves, alegando que o uso indiscriminado do antiviral poderia levar ao desenvolvimento de resistência ao medicamento na população, como já acontecera com outros países.

Uma questão que me parece relevante abordar, e que esta seção talvez seja a mais adequada para tal, é a autoria dos textos nos três jornais, sobretudo em *O Globo*, já que este é a origem da maioria dos textos reproduzidos nos outros dois veículos. Ao longo dos 7 dias de noticiário aqui analisados, aparecem nos textos publicados em *O Globo* as assinaturas de 21 repórteres diferentes, sendo 9 do Rio de Janeiro, 4 de Brasília, 3 de São Paulo, 3 correspondentes internacionais, um repórter de Porto Alegre e outro de Manaus. Dos 52 textos encontrados em *O Globo* no período, descontadas as chamadas de primeira página, as notas de colunas sociais ou pequenas notas de editoria, as cartas de leitores e os editoriais, sobram 24 textos noticiosos de maior destaque, dos quais 15 estavam assinados e 9 não. A maioria dos textos assinados tinha a participação de vários repórteres, de sucursais diferentes, o que indica que suas partes foram reunidas ou pelo repórter do Rio presente no grupo ou por algum

editor. Entre os repórteres do Rio que assinaram matérias no período, foi possível identificar apenas uma repórter ligada à editoria de Ciência/Saúde, sendo os demais todos eles repórteres da editoria Rio. O que se pode concluir deste levantamento é que, pelo menos na amostra com a qual trabalhei no *corpus* reduzido, a cobertura da pandemia de influenza H1N1 em *O Globo* foi produzida quase que exclusivamente por repórteres generalistas, com rara participação dos especializados em ciência e saúde. O *Extra* teve textos assinados (3) somente no último dia do recorte, por três diferentes repórteres também generalistas, da editoria Geral. O *Expresso* não apresentou qualquer texto assinado em toda a extensão da cobertura.

#### 4.6 – O coenunciador como vítima virtual

O coenunciador teve um papel bem marcado ao longo da cobertura da pandemia de influenza H1N1 em 2009 nos três jornais aqui pesquisados: ele foi conceitualmente construído pelos veículos como a vítima virtual de uma doença que poderia atingi-lo a qualquer momento, uma vez que ela era pouco conhecida (e, portanto, imprevisível) e – sobretudo nas enunciações do jornal *O Globo* – as autoridades públicas não demonstravam competência no seu papel de cuidar da saúde da população.

Em seus estudos sobre risco e violência, Vaz (2009) nos fala de como o modo das culturas ocidentais contemporâneas de atribuir sentido ao crime acabou gerando o conceito de vítima virtual na mídia: aquela pessoa que pode ser atingida pela violência a qualquer momento, sem que tenha em suas mãos o poder de evitá-lo. A condição de virtualidade, segundo o autor, explica-se pelo fato de que todo e qualquer cidadão poderia ser essa pessoa; e a de vítima, porque ela é imediatamente percebida como inocente, uma vez que não tem qualquer possibilidade de evitar a violência de que pode se tornar alvo. Numa sociedade que constantemente convive com o crime (que as forças policiais não conseguem coibir) e com as operações policiais que causam danos colaterais (balas perdidas, por exemplo), todo cidadão que cruza os caminhos dos criminosos ou da polícia seria uma vítima virtual. O conceito de vítima virtual, portanto, implica a possibilidade de um sofrimento ou de danos que podem ser provocados por outros a um inocente, este potencialmente qualquer cidadão. Logo, a responsabilidade deve recair sobre quem poderia evitar esse sofrimento ou esse dano, mas não o faz (por não ter tomado atitudes preventivas): o Estado. E como o modo de a vítima virtual construir responsabilidade é sempre pela associação de algum sofrimento seu a ações humanas (ou falta de) anteriores, notícias sobre desastres, catástrofes, atentados e epidemias,



por exemplo, são também perfeitas para a emergência desses sujeitos vitimizados. O convite para que os leitores se encaixem nesse papel, portanto, é genérico.

A generalidade também está relacionada ao lugar que o Estado ocupa na forma de atribuição de responsabilidade. Acredita-se que as instituições estatais de prevenção e regulação têm grande poder para evitar sofrimentos. Se a rotina segura do indivíduo qualquer se tornou um direito, as notícias sobre crimes, atentados terroristas e acidentes são ocasião para se questionar a legitimidade do Estado. A vítima virtual é o indivíduo qualquer que responsabiliza o Estado pelos sofrimentos existentes, não porque suas leis e práticas de prevenção favorecem determinados grupos sociais ou são modos de sustentar preconceitos, mas porque seus agentes são incompetentes e/ou corruptos (VAZ, 2009, p. 54).

Já no primeiro dia do noticiário sobre a influenza H1N1, a foto que *O Globo* estampou em sua primeira página pôs o leitor diretamente em contato com o perigo que poderia estar à espreita, se de fato viesse a se cumprir o temor que os especialistas consultados revelaram naquele momento, de haver uma epidemia mundial: cidadãos mexicanos com semblantes tensos, protegidos por máscara, numa fila de hospital na Cidade do México. Na legenda, o convite para o leitor se sentir o mexicano de amanhã (grifos meus): “[...] O *pavor* de contrair o vírus da gripe suína se *espalhou* no país após 21 *mortes* e mais de mil casos da doença, *contra a qual o corpo humano tem poucas defesas*. [...]”.



**Figura 11:** Foto da chamada de primeira página de *O Globo* no dia da primeira notícia sobre a H1N1. Fonte: *O Globo*, 25 abr. 2009, p. 1

Na matéria deste dia, os relatos sobre a situação no México descreviam um país à beira da paralisação total: creches, escolas, teatros e bibliotecas fechados, eventos públicos suspensos, ordem do presidente para que a população ficasse em casa e evitasse cumprimentos com aperto de mãos e beijos. E o detalhe que mais acendia o alerta de que todos eram vítimas potenciais: a maior parte dos 61 mortos (21 confirmados como vítimas da gripe e 40 sob investigação) tinha entre 25 e 45 anos. Ou seja: pessoas jovens, teoricamente mais fortes do que as crianças e os idosos, e que não são habitualmente os mais vulneráveis às enfermidades. Se até esses estavam perecendo mais facilmente com a gripe, então efetivamente todos estavam ameaçados. No dia 27, *O Globo* trouxe mais detalhes e, dessa vez, fotos sobre o esvaziamento da Cidade do México: uma fiel de máscara num banco de uma igreja totalmente deserta e um time de futebol se apresentando no gramado para a disputa de uma partida com os portões fechados e a arquibancada completamente vazia. No *Extra* e no *Expresso*, nesse dia, o modo de descrever a doença foi parecido (grifos meus): “Com sintomas semelhantes aos de um resfriado comum, a gripe suína pode estar *rondando* o Brasil”, registrou o primeiro; “A doença, chamada de gripe suína, apresenta sintomas parecidos com os da gripe comum, e agora já estaria *rondando* o Brasil”, grafou o segundo. O termo escolhido, *rondando*, evoca o sentido de algo que chega rodeando o alvo, circundando traiçoeiramente – e foi a partir dessa imagem que os jornais seguiram desde o início elaborando o perfil da influenza H1N1 como uma tragédia a se realizar, e convidando o coenunciador a partilhar dos sentimentos de expectativa e medo, pois ele era sem dúvida nenhuma um alvo provável.

Ainda sobre o conceito de vítima virtual, Vaz e Cardoso (2011) nos chamam a atenção para o fato de que, quando o sofrimento do cidadão é consequência das decisões ou da falta de ação dos políticos, a narrativa jornalística costuma individualizar os sofredores, tratá-los pelo próprio nome e detalhar ao máximo suas histórias de vida, mostrando que, antes do evento que os vitimou, eles tinham uma vida normal, até eram felizes:

A presença de detalhes insignificantes do ponto de vista da concepção tradicional de notícia tem a função de favorecer a identificação da audiência, convidada a ocupar o lugar de vítima virtual, a se conceber como também ameaçada por aquele tipo de evento em virtude de sua aleatoriedade e pela negligência dos governantes (VAZ; CARDOSO, 2011, p. 4).

Isso aconteceu com o primeiro carioca contaminado, apresentado em 8 de maio com muitos detalhes no texto de *O Globo*, com alguns detalhes no texto do *Extra* e com raros

detalhes no *Expresso*. Transcrevo aqui o texto de *O Globo*, mais rico em detalhes, inclusive com um entretítulo (que funcionou como título) para destacar este trecho do restante da matéria, intitulada “Gripe suína chega ao Brasil”, que se iniciava falando da confirmação dos primeiros quatro casos de H1N1 no Brasil, dois de São Paulo, um do Rio e outro de Minas:

**[...] Doente no Rio foi a festa e viu jogo com amigos**

- O caso do Rio é o de um morador do Jardim Guanabara, na Ilha do Governador, que passou uma semana em Cancún com amigos. Quando voltou, não sentia nada, foi a uma festa no sábado e assistiu, na casa de amigos, ao jogo do Flamengo, no domingo. Ele começou a ter febre e foi internado, terça-feira, no Hospital do Fundão, num quarto isolado. Os primeiros exames, feitos na Fundação Oswaldo Cruz, já apontavam como “altamente provável” que tivesse a gripe suína. Um segundo exame, com kit do Centro para Controle de Doenças dos EUA (CDC), confirmou o diagnóstico. Ontem, o jovem já estava sem febre, mas continuava isolado até da família.

— Ele estava com febre baixa, mas, como sabíamos da doença, resolvemos procurar o hospital. Ele agora está bem melhor e tranquilo — contou a mãe do paciente ao GLOBO, pedindo que os nomes não fossem divulgados (ALENCASTRO et al., 2009).

Os passos mais recentes da vida normal e feliz da vítima estão todos registrados ali: o jovem voltara de uma viagem a Cancún (México) com amigos; bem disposto, foi a uma festa e no dia seguinte assistiu a um jogo de futebol entre amigos – mas agora está internado em um hospital. E o pior: pode ter contaminado, sem querer, aqueles com quem conviveu nesses momentos de fruição. Mas, como a expectativa é de que supere o problema, o tom do texto é leve. Já não é o que acontece com a primeira vítima fatal do Rio de Janeiro, como podemos observar no Quadro 13. Aqui é interessante comparar os textos dos três jornais, que apresentam pequenas diferenças:

Quadro 13: A primeira pessoa a morrer de influenza H1N1 no Rio – de vítima virtual a vítima fatal

Jornal	Título da matéria e trechos dos textos
<i>O Globo</i>	<p><b>A primeira morte no Rio</b>  O Rio de Janeiro teve ontem confirmada a sua primeira morte por gripe suína, a de uma mulher de 37 anos, moradora de Del Castilho. [...].  [...] A mulher que morreu no Rio vivia numa comunidade conhecida como Pedrosa, às margens da Linha Amarela. O local tem cerca de 200 casas e mais de mil moradores. Vizinhos disseram ontem que ela não trabalhava fora e que adoeceu subitamente. Segundo eles, a dona de casa passava por muitas dificuldades. Evangélica, ela não tinha filhos e se dividia entre os trabalhos de casa e os cuidados com o marido, deficiente físico, que se locomove em cadeira de rodas.  — Ela estava boazinha, de repente, ficou doente. Em pouco tempo, morreu — disse uma vizinha.  No dia em que foi internada, a mulher esteve em busca de balas de hortelã no armazém de José Roberto Rocha, próximo à casa dela, para tentar aliviar a dor de garganta.  — Ela tossiu e pôs a mão nas costas em sinal de dor. Eu a aconselhei a procurar um hospital — disse José. [...] (ROCHA et al., 2009).</p>
<i>Extra</i>	<p><b>Gripe mata mulher no Rio</b>  O Rio de Janeiro teve ontem confirmada a sua primeira morte por gripe suína, a de uma mulher de 37 anos, moradora de Del Castilho. [...]  [...] o secretário municipal de Saúde, Hans Dohmann, disse que a mulher que morreu teve os primeiros sintomas no dia 3. Ela procurou posto de saúde e foi medicada. Dois dias depois, seu quadro de saúde agravou-se para uma pneumonia e ela foi internada em hospital particular, morrendo na segunda-feira.  Segundo o secretário, ela é mais um caso em que foi comprovada a transmissão sustentada da doença no país. De acordo com a secretaria, a mulher não viajou para o exterior nem teve contato com quem tenha viajado. Ela também não fazia parte do grupo de risco.  Na comunidade onde vivia, conhecida como Pedrosa, os moradores disseram que ela não trabalhava fora e adoeceu subitamente. Segundo eles, ela passava muitas dificuldades. Evangélica, não tinha filhos e se dividia entre os trabalhos de casa e os cuidados com o marido, deficiente físico que anda em cadeira de rodas. No atestado de óbito, consta que a paciente morreu de pneumonia.  — Ela estava boazinha, de repente, ficou doente, em pouco tempo morreu — disse Maria, vizinha da família (GRIPE, 2009e).</p>
<i>Expresso</i>	<p><b>Gripe suína mata dona de casa no Rio</b>  A primeira morte por gripe suína no estado do Rio foi confirmada ontem. A vítima foi uma dona de casa de 37 anos, moradora de Del Castilho.  Para piorar a situação, o Ministério da Saúde admitiu, pela primeira vez, que o vírus H1N1 já circula em território nacional livremente, e que a transmissão não se dá mais apenas pelo contato com pessoas que estiveram em área de risco.  [...] No Rio, o secretário municipal de Saúde, Hans Dohmann, disse que a mulher que morreu teve os primeiros sintomas no dia 3. Ela procurou um posto de saúde e foi medicada. Dois dias depois, ela pegou uma pneumonia e ela foi internada em hospital particular, morrendo na segunda-feira.  — Ela estava boazinha, de repente, ficou doente, em pouco tempo morreu — disse Maria, vizinha da família (GRIPE, 2009f).</p>

A vida – difícil – da primeira vítima fatal da influenza H1N1 no Rio de Janeiro foi romanceada pelos três jornais, que recolheram principalmente exemplos de como ela enfrentava dificuldades em seu cotidiano, mas ainda assim buscava ter uma vida normal:

dividia-se entre o trabalho e os cuidados ao marido, pessoa com deficiência. Fica implícita aí a constatação de que, a partir de agora, sem ela, o homem terá uma existência ainda mais complicada, o que remete ao pensamento de que todas as futuras vítimas da pandemia deixarão em suas famílias também pessoas desamparadas.

O *Extra* frisa que ela não viajou para o exterior nem teve contato com quem viajou – portanto, poderia ser considerada uma vítima ainda mais inocente do que as outras que se contaminaram em situação de viagem, pois pode-se presumir que estas foram ao encontro do vírus, e a mulher de Del Castilho foi surpreendida por ele em casa. *O Globo* é mais detalhista ao descrever a comunidade em que a vítima morava, frisando que há 200 casas e mais de mil moradores – todos vítimas em potencial, ou vítimas virtuais – mas resume a busca da mulher por atendimento aos seus sintomas a uma ida no armazém para comprar balas de hortelã para a garganta. Já o *Extra* e o *Expresso* registram que ela procurou o posto de saúde e depois foi internada no hospital – portanto, fez a sua parte, mas ainda assim morreu.

É interessante observar que *O Globo*, ao não registrar a busca da mulher por atendimento médico, silenciou oportunamente sobre o fato de a vítima ter morrido em um hospital particular. A não citação do hospital particular nesse contexto de negatividade, em que se noticia a primeira morte pela influenza H1N1 no Rio, mostra uma opção do jornal por omitir – ou, ao menos, por não relativizar – o fato de que não é somente a rede pública que tem problemas. Antes que pareça que esse detalhe não tem importância, é preciso lembrar que, no caso dos agravos de saúde, a responsabilização sobre os sofrimentos do cidadão recai sempre sobre os serviços públicos, uma vez que a saúde é constitucionalmente um direito de todos e dever do Estado. Por outro lado, a privatização da gestão da saúde é bandeira explícita deste jornal, que no dia 11 de julho de 2009 publicou artigo (na editoria O País) conclamando o ministro José Gomes Temporão a “pedir as contas ao chefe”, já que se dizia favorável à implantação das fundações estatais de direito privado para gerir os hospitais, mas reclamava de resistências ao projeto dentro do próprio governo (as letras maiúsculas são do texto original):

#### **PLANO DE VOO**

RECEBE-SE COM alívio o esclarecimento do ministro José Gomes Temporão de que continua a defender a aprovação de fundações para gerir os hospitais públicos.

O MINISTRO não deve mesmo desistir. Afinal, as fundações são vitais para melhorar o atendimento à população, principal meta de qualquer ministro da Saúde.

PORÉM, NÃO se deve ser otimista, a começar pelo próprio ministro. Como este governo representa as corporações sindicais, é quase impossível as fundações serem criadas na esfera federal.

DAÍ TER de constar do plano de voo do ministro pedir as contas ao chefe, Luiz Inácio Lula da Silva. Será uma demonstração de despreço a cargos e apreço a boas e justas ideias (PLANO, 2009).

Diante do texto desse artiguete (que, por não fazer parte da cobertura da pandemia de influenza H1N1, está fora do escopo desta pesquisa, mas foi trazido a título de contribuição reflexiva), convém relembrar o quanto o jornal usou e abusou de estratégias enunciativas para desqualificar a atuação do ministro no enfrentamento da pandemia. Inferir, portanto, que ao jornal interessava a queda do ministro não seria exagero.

#### **4.7 – E a gripe começa a sair de cena, discretamente**

Foi misturando o assunto com a volta às aulas depois das férias escolares de meio de ano que *O Globo* noticiou, no dia 18 de agosto, que os casos de contaminação pela influenza H1N1 estariam entrando em declínio no país. O texto principal neste dia teve o título “Gripe suína cria novos hábitos nas escolas”, e era uma típica matéria de comportamento, mostrando alunos uniformizados e com máscaras, levando álcool gel e toalhinhas individuais na mochila e evitando beijinhos nos colegas. Foi somente no penúltimo parágrafo da matéria vinculada, de título “Rio tem duas mortes confirmadas”, na parte inferior da página, que o jornal abordou o início do declínio dos casos de contaminação. E neste dia a chamada foi de página 2 (“Gripe suína: alunos voltam às aulas com novos hábitos”), e não de primeira página – configurando o único dos 7 dias do recorte em que o jornal não destacou o tema na H1N1 em sua primeira página. O *Extra*, por seu turno, deu chamada de capa com foto (“Gripe suína já está em declínio”), e no miolo do jornal o título da matéria também aludia ao arrefecimento da contaminação (“Gripe: número de atendimentos cai 20%”). O *Expresso* também escondeu no último parágrafo de sua matéria (intitulada “Volta às aulas com máscara”) a notícia da redução dos casos de gripe. Ou seja: apenas o *Extra* deu destaque à boa notícia de que a pandemia começava a se despedir, os demais jornais minimizaram o fato.

Em uma análise da produção narrativa sobre a influenza H1N1 em *O Globo*, *Folha de S.Paulo* e *O Dia* em 2009, pesquisadores do Laboratório de Comunicação e Saúde do Icict/Fiocruz observaram que, como os números da influenza H1N1 ficaram abaixo dos da influenza sazonal neste mesmo período de agosto, *O Globo* começou a fundir outros temas

com o noticiário sobre a H1N1, como a polêmica sobre se deveria ou não acontecer a reposição das aulas perdidas com o prolongamento das férias (LACES, 2011, p. 60).

Embora o *Extra* também tenha explorado a questão dos hábitos de higiene dos alunos no contexto da volta às aulas em plena pandemia – reservou uma página inteira ao tema, com matérias retratando a situação no Centro, nas zonas Norte e Oeste e na Baixada Fluminense, três delas assinadas por seus repórteres, o que só havia acontecido antes em uma única matéria dentro do *corpus* reduzido – seu destaque de primeira página foi a notícia do declínio da pandemia, que dentro do jornal ocupou cerca de  $\frac{1}{3}$  de outra página.

#### 4.8 – Aproximações e distanciamentos das três coberturas

A primeira grande semelhança perceptível entre as três coberturas foi o modo como valorizaram o medo, o poder de alastramento da epidemia e sua quantificação diária, como evidências de que estávamos diante de um grave acontecimento. A principal diferença residiu no modo como cada um dos veículos trabalhou esses aspectos em relação a seus públicos específicos, apesar de haver uma relativa homogeneização dos conteúdos devido à origem comum da maior parte do material jornalístico produzido. Além das diferenças que se observaram nos três jornais no que diz respeito ao endereçamento a seus leitores, pareceu haver também uma divisão de tarefas na significação da pandemia: *O Globo* assumiu para si a interlocução mais direta com os poderes econômico e político, cobrando das autoridades o que apontava como estratégias equivocadas, incompetência e falhas no atendimento à população, enquanto o *Extra* investiu algum esforço no didatismo e na educação dos leitores para a prevenção, restando ao *Expresso* parte desta última tarefa e o entretenimento do leitor, traduzindo certos aspectos distantes da pandemia pela ótica do humor.

Quando as matérias partiam de uma mesma matriz, e invariavelmente essa matriz comum eram os textos produzidos pelos repórteres de *O Globo*, a redução ia acontecendo primeiramente pela eliminação das questões mais políticas, depois pela simplificação da linguagem, e por fim chegavam a parecer até mesmo os detalhes mais informativos, sobrevivendo apenas a “agenda” e as marcas numéricas e de expansão territorial da pandemia.

Outra diferença marcada do *Extra* foi a publicação – com muito mais frequência do que os outros jornais – de *boxes* explicativos sobre a H1N1 com seus sintomas, modos de prevenção e outras informações sobre como lidar com a situação de pandemia. Em estudo também sobre a pandemia de influenza H1N1 em 2009, no qual investigaram o modo como as

emoções foram mobilizadas pelo jornalismo, Lerner e Gradella (2011, p. 14) compararam as coberturas dos jornais cariocas *O Globo* e *O Dia* e observaram que este segundo veículo – identificado com as camadas populares – empenhou-se mais em “instrumentalizar o leitor para o entendimento das matérias”, publicando regularmente um glossário com as principais características da doença. Dos três jornais aqui analisados, o *Extra* foi aquele que, durante os sete dias de noticiário que compõem o *corpus* reduzido, mais difundiu tais textos explicativos sobre a H1N1 e os modos de evitá-la, ficando *O Globo* na segunda posição e o *Expresso* na terceira, com respectivamente 5, 4 e 3 publicações.

Ao investigar esse tipo de ocorrência no *corpus* ampliado – portanto, nos 101 dias de noticiário de *O Globo*, 95 do *Extra* e 74 do *Expresso* – observei a manutenção dessa mesma relação entre os três jornais: foram encontrados 51 textos explicativos no *Extra*, 17 em *O Globo* e 10 no *Expresso*<sup>22</sup>. Proporcionalmente à cobertura, portanto, o *Extra* publicou glossários com esclarecimentos sobre a doença em 53,68% dos dias de noticiário, *O Globo* o fez em 16,83% dos dias e o *Expresso* em 13,51% dos dias. O que reafirma o *Extra* como o veículo mais didático entre os três aqui analisados.

O *Expresso*, ao mesmo tempo em que muitas vezes também se preocupou em publicar esses *boxes*, aplicando didatismo semelhante ao do *Extra*, em outros momentos pareceu simplificar excessivamente o noticiário, de modo quase a sonegar certas informações a seus leitores – por exemplo, quando eliminou no infográfico do primeiro dia do noticiário a pergunta sobre qual o risco de haver uma pandemia. Mesmo considerando que uma nova investigação é necessária para entender melhor tal processo, acredito que o jornal é mais didático e esclarecedor quando julga que uma determinada informação é efetivamente do interesse de seu leitor e, por outro lado, quando supõe que se trata de algo distante do universo de seu público, simplesmente silencia (como fez com a pergunta do infográfico) ou noticia o fato valendo-se de índices de ironia ou humor, como no título “Gripe do mal espalha terror no mundo todo” (referindo-se ao início do surto no México e o alastramento para Estados Unidos, Canadá e outros países), acrescentando tons de entretenimento à notícia. A escolha dos momentos em que remeteu o tema da pandemia à primeira página comprova isso: nas datas analisadas no *corpus* reduzido, o *Expresso* deu chamada somente no dia dos primeiros casos suspeitos e no dia dos primeiros casos confirmados, deixando de destacar, por exemplo, a primeira morte no Brasil e a primeira morte no Rio. Das 11 demais chamadas, quatro se

---

<sup>22</sup> Faço a comparação com os dias de noticiário e não com o número total dos textos de cada jornal em razão de não ser habitual a publicação de mais de um texto explicativo por edição, mesmo que esta componha-se de numerosos textos, o que tornaria sem sentido medir a incidência dos textos explicativos no universo total dos textos publicados.



relacionavam a celebridades: o apresentador André Marques com suspeita de gripe, o mesmo apresentador com gripe confirmada, a apresentadora Sandra Annenberg com suspeita de gripe e a cantora Ivete Sangalo exigindo microfone exclusivo em um show com receio de contaminação pelo vírus H1N1 – mais uma evidência de que no *Expresso* o aspecto de entretenimento teve peso maior.

O que *O Globo* não teve de didatismo compensou na politização do tema. Uma de suas principais estratégias enunciativas foi tomar a pandemia de influenza H1N1 como ponto de partida para elaborar argumentos e desenvolver raciocínios a respeito da ineficiência do sistema público de saúde, da incompetência do ministro da Saúde na condução das políticas públicas do setor e da incapacidade do governo de exercer suas funções.

A cobertura do *Extra* no último dos 7 dias analisados foi bem diferente daquela que o jornal apresentou nos 6 outros momentos, quando de modo geral republicou partes dos textos produzidos pelos repórteres e correspondentes de *O Globo*. No dia 18, dos 9 textos noticiosos encontrados nas páginas do *Extra* (os demais foram cartas de leitores), 3 estavam assinados por repórteres seus, e nenhum deles foi utilizado na cobertura de *O Globo*. Neste momento em que produziu sua própria cobertura, a partir de seus repórteres, o *Extra* optou muito mais por falar a partir da voz de seus entrevistados: teve como fontes em suas matérias 5 cidadãos comuns identificados, número igual ao que *O Globo* reuniu ao longo dos 7 dias do recorte. Já os cidadãos comuns anônimos foram 6 em *O Globo* em todo o período, e apenas 4 no *Extra*. Inclusive, um dos cidadãos comuns identificados no *Extra* transformou-se em um anônimo em *O Globo*: apenas “uma vizinha”. O mesmo aconteceu na legenda de uma foto publicada pelos dois jornais: no *Extra* o cidadão e seu filho retratados tinham nome; em *O Globo*, não. No meu entendimento, isso demonstra um cuidado maior do jornal com os personagens que fazem parte dos estratos sociais onde se encontra a maioria de seus leitores, ao tempo que *O Globo*, por não estar se endereçando a esse público, não chega a se importar com o fato de tratar alguns de seus representantes como anônimos. A esse respeito, Amaral (2006b, p. 7) observa que, nos jornais populares, muitas vezes o povo é convidado a falar somente para simular uma maior proximidade entre o jornal e o leitor, o que não se traduzirá necessariamente em um melhor jornalismo que ajude este público a ampliar sua visão de mundo. Por outro lado, a autora afirma que “é preciso perceber também que a fala do leitor no jornal tem importância porque ocorre num mercado em que normalmente ela é rarefeita”.

## 5. CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou responder quatro perguntas a respeito da produção de sentidos sobre a pandemia de influenza H1N1 em 2009 nas páginas de *O Globo*, *Extra* e *Expresso*: o que foi dito, como foi dito, quem disse e para quem disse; e o fez a partir da análise de um recorte da cobertura realizada pelos três jornais em questão. Como muitas das conclusões encontradas a partir da análise realizada foram expostas ao longo do texto, acredito que, por fim, cabe destacar alguns aspectos marcantes e dotados de saliência.

Considero que o levantamento realizado permite concluir que o estímulo ao medo foi o grande condutor das narrativas dos três jornais, com farta semantização da pandemia como uma tragédia em desenvolvimento. O que se destacou como semelhante nas três coberturas foi a principal estratégia enunciativa empregada pelos jornais analisados: a ênfase no poder de alastramento da epidemia e a quantificação cotidiana dos infectados e posteriormente dos mortos pelo vírus H1N1.

Com respeito às diferenças, notam-se sobretudo os endereçamentos específicos aos distintos públicos. *O Globo*, ainda mais do que a seu público leitor, dito formador de opinião, dirigiu-se nesta cobertura o tempo todo ao poder público, confrontando-o e desqualificando-o em suas ações no enfrentamento da questão sanitária, numa estratégia de reforçar a ideia do serviço público como local de desperdício de recursos e incompetência de gestão. *Extra* se endereçou ao leitor interessado em saber mais sobre as implicações da pandemia em seu dia a dia, e o *Expresso* trabalhou seu interlocutor como aquele que precisava apenas não ficar totalmente alheio aos acontecimentos.

O material analisado propiciou observar que em alguns momentos o noticiário era volumoso e em outros se reduzia até desaparecer por completo das páginas por alguns dias, e este movimento se deu principalmente em associação aos números maiores ou menores de casos de contaminação ou de mortes a relatar. Ou seja: entendo que a maior disposição dos jornais ao noticiar a H1N1 acontecia, de modo geral, conforme se confirmavam mais casos de contaminação e depois quando iam aparecendo mais mortes. Nesta dinâmica, o *Extra* chegou a fugir um pouco ao figurino ao fazer sua maior cobertura no último dia do recorte aqui analisado, quando noticiou que a pandemia estava em declínio. Mas, ainda que neste dia tenha destacado a boa notícia na capa, enquanto os outros dois jornais a esconderam, a maior parte do conteúdo sobre a H1N1 naquela sua edição seguiu o mesmo enfoque dos outros jornais: diluir o assunto da gripe num noticiário de comportamento sobre a volta às aulas.

Assim, e de forma constante, o interesse jornalístico pela pandemia de influenza H1N1 esteve associado à busca pela audiência e pelo sensacional, e não à possibilidade de problematizar uma emergente questão de saúde com vistas a informar e qualificar o debate público.

Outro aspecto importante a ressaltar é que predominaram na cobertura dos três jornais as fontes oficiais, os especialistas médicos e os especialistas anônimos – estes evocados principalmente para validar as teses dos veículos a respeito da gravidade da pandemia.

Se era nas ruas, nas casas e nos locais públicos que a pandemia se desenrolava, nas páginas de *O Globo*, *Extra* e *Expresso* ela foi abordada basicamente pelos altos funcionários do Ministério da Saúde e das secretarias estaduais e municipais de saúde, pelos especialistas e pelo próprio jornal, com raríssima presença da voz do cidadão, este encarado mais como objeto da notícia do que como um participante na produção dos sentidos. A exceção a esta regra foram as cartas de leitores, especialmente numerosas em *O Globo*, o que levou a editoria Opinião a figurar como a segunda com maior número de publicações naquele jornal ao longo da pandemia. Porém, por questão de delimitação de escopo, não foi possível a esta pesquisa se aprofundar em tal questão.

A forte presença dos especialistas não identificados demonstrou, em certa medida, a arraigada naturalização que os jornais persistem em fazer dos sentidos propostos pela ciência e por outros grupos de poder, dificilmente se colocando na posição de precisar referenciar e problematizar para seus leitores tais questões, e fazendo circular versões pacificadas – e possivelmente comprometidas – de temas ainda controversos.

Com relação a esses dois últimos pontos – a questão das fontes de informação e a massiva presença de cartas de leitores em *O Globo* – acredito que seria importante empreender novos estudos que pudessem melhor esclarecer como se deu a escolha, por parte dos veículos, das fontes a serem entrevistadas e das cartas a serem publicadas, de modo a poder mapear e problematizar a dinâmica dessas participações na construção da notícia.

Sobretudo em *O Globo*, falou-se muito da gripe, mas o que transpareceu que se queria era reforçar outros sentidos naquele momento político: a incompetência das autoridades sanitárias, o “caos na saúde”, a fragilidade do cidadão diante da inoperância do poder público e, por conseguinte, a necessidade de o jornal tomar para si a tarefa de desmascarar o Estado e obrigá-lo a funcionar como deveria. Para os outros jornais, essa mesma lógica funcionou no sentido de os veículos poderem esclarecer e orientar o seu leitor acerca daquilo que caberia ao setor de saúde fazer.

Por fim, sem negar que a pandemia de influenza H1N1 tenha sido um acontecimento importante na saúde pública brasileira em 2009, é preciso também reconhecer que, do ponto de vista midiático, ela transitou igualmente pelas searas da metáfora: foi priorizada não somente por ser uma questão de saúde e os perfis dos leitores dos três jornais indicarem que este assunto está no topo do interesse de todos, mas por se prestar a um eficiente intertexto político e também por encarnar o perfeito tema alavancador de audiência, pelo potencial de render novidades todos os dias e manter o público na expectativa do crescimento do caos.

## REFERÊNCIAS

- A 1ª PANDEMIA do século XXI. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 jun. 2009, p.22.
- ALENCASTRO, Catarina et al. Gripe suína chega ao Brasil. **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 mai. 2009, p.24.
- ALENCASTRO, Catarina; SOUZA, Carlos. A 1ª morte por gripe no Brasil. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 jun. 2009, p.8.
- ALERTA para pandemia é elevado ao nível máximo. **Expresso**. Rio de Janeiro, 12 jun. 2009, p.2.
- ARGENTINA confirma caso e nos EUA número cresce 40% num só dia. **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 mai. 2009, p.24.
- BRASIL tem primeira morte por gripe suína. **Expresso**. Rio de Janeiro, 29 jun. 2009a, p.10.
- BRASIL tem quatro casos de gripe suína confirmados. **Extra**. Rio de Janeiro, 08 mai. 2009b, p.3
- COSTA, Jacqueline. Menos ‘hermanos’ passeando em Búzios. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 jul. 2009, p.12.
- CRESCER a lista de países com casos suspeitos. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 abr. 2009, p.18.
- GALHARDO, Ricardo. ‘A doença evolui com rapidez e o contágio é muito forte’. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 abr. 2009a, p.19.
- GOMES, Wagner; CARVALHO, Jailton de. Brasil investiga 2 casos suspeitos da doença. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 abr. 2009, p.19.
- GRIPE suína mata 61 no México e especialistas temem epidemia mundial. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 abr. 2009a, p.28-9.
- GRIPE suína: especialistas temem uma epidemia. **Extra**. Rio de Janeiro, 25 abr. 2009b, p. 8.
- GRIPE do mal espalha terror do mundo todo. **Expresso**. Rio de Janeiro, 25 abr. 2009c, p. 3.
- GRIPE suína mata no Brasil. **Extra**. Rio de Janeiro, 29 jun. 2009d, p.12.
- GRIPE mata mulher no Rio. **Extra**. Rio de Janeiro, 17 jul. 2009e, p.3.
- GRIPE suína mata dona de casa no Rio. **Expresso**. Rio de Janeiro, 17 jul. 2009f, p.10.
- MARTINS, Marília; SCOFIELD JR., Gilberto. Gripe põe EUA em emergência. **O Globo**, Rio de Janeiro, p.18, 27 abr. 2009.
- MUNDO vive pandemia de gripe. **Extra**. Rio de Janeiro, 12 jun. 2009, p.14.
- NOVO tipo de vírus mata 61 no México e pode se espalhar. **Expresso**. Rio de Janeiro, 25 abr. 2009, p.2.

O IMPACTO do novo vírus no país. **Extra**. Rio de Janeiro, 12 jun 2009, p.14.

POSSÍVEIS cenários e impactos. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 jun. 2009, p.22.

PRIMEIRO infectado na Argentina. **Extra**. Rio de Janeiro, 08 mai. 2009, p.3.

RIO tem caso de gripe suína confirmado. **Expresso**. Rio de Janeiro, 08 mai. 2009, p.25.

ROCHA, Carla et al. A primeira morte no Rio. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 jul. 2009, p.12.

SOUZA, Carlos. Americano não teria morrido da doença. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 jun. 2009, p.8.

SUSPEITA de gripe suína em SP. **Extra**. Rio de Janeiro, 27 abr. 2009, p.12.

TUDO errado. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 jul. 2009, p.13.

UNIDADE monitora mais um doente. **Extra**. Rio de Janeiro, 08 mai. 2009, p. 3.

VEJA as medidas que o Brasil vai tomar. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 abr. 2009, p. 29.

## BIBLIOGRAFIA

ALVAREZ, Adriana et al. A gripe de longe e de perto: comparações entre as pandemias de 1918 e 2009. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, dez. 2009. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702009000400014&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702009000400014&lng=pt)>. Acesso em: 10 jan. 2011

AMARAL, Márcia Franz. Autorreferência na imprensa: jornalismo ‘de primeira’ e de ‘segunda classe’. **Estudos de Jornalismo e Mídia**. Santa Catarina, v.7, n. 2, jul.-dez. 2010, p. 342-353. Disponível em: <<http://150.162.1.115/index.php/jornalismo/article/view/12969/14464>>. Acesso em: 8 fev. 2012.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006a.

\_\_\_\_\_. Imprensa popular: sinônimo de jornalismo popular? In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília, 6-9 set. 2006. **Anais Intercom**. São Paulo: Intercom, 2006b. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0786-1.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2012.

AMIGO de fé. **Extra**. Rio de Janeiro, 5 abr. 1998, p.4.

ANJ. Associação Nacional de Jornais. **Maiores jornais do Brasil**. Os maiores jornais do Brasil de circulação paga, por ano (2010 a 2002, em ordem decrescente). Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em: 7 fev. 2012.

ARAÚJO, Inesita Soares. **Cartografia da comunicação em saúde**. Apresentação no 9º. Congresso Mundial em Saúde e Bibliotecas, Salvador, 20-23 set. 2005. Disponível em: <http://www.icml9.org/program/track3/public/documents/Inesita%20Araujo-113934.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2010.

\_\_\_\_\_. **A reconversão do olhar: prática discursiva e produção dos sentidos na intervenção social**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000.

ARAÚJO, Inesita Soares; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais**. 6. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora UnB, 2008.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BREED, Warren. Controlo social na redacção. Uma análise funcional. In: TRAQUINA, Nelson (org.) **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993, p. 152-166.

BRITO, Nara Azevedo de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.4, n.1, jun. 1997. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59701997000100002&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701997000100002&lng=pt)>.  
Acesso em 29 dez. 2011.

CARRILHO, Marcio. Extra supera O Dia. **Meio&Mensagem**, 9 out. 1999. Disponível em: <[http://grupomm.mmonline.com.br/noticias.mm?url=Extra\\_supera\\_O\\_Dia](http://grupomm.mmonline.com.br/noticias.mm?url=Extra_supera_O_Dia)>. Acesso em: 8 fev. 2012.

CASTIEL, Luis David; GUILAM, Maria Cristina Rodrigues; FERREIRA, Marcos Santos. **Correndo o risco**: uma introdução aos riscos em saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

CASTIEL, Luis David; ÁLVAREZ-DARDET, Carlos. **A saúde persecutória**: os limites da responsabilização. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

CDC. Centers for Disease Control and Prevention. **The 2009 H1N1 pandemic: summary highlights, April 2009-April 2010**. Disponível em: <<http://www.cdc.gov/h1n1flu/cdcresponse.htm>>. Acesso em: 26 fev. 2011.

CENTRO de Vigilância Sanitária da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. **Portaria CVE n 4, 22/12/2011**. Disponível em: <[http://www.cve.saude.sp.gov.br/htm/nive/se\\_2012.htm](http://www.cve.saude.sp.gov.br/htm/nive/se_2012.htm)>. Acesso em: 07 fev. 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Concentração de mídia, padronização jornalística e qualidade do noticiário: o caso de Santa Catarina. **VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Paulo, Umesp, nov. 2008. Disponível em: <[http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/coordenada\\_10\\_rogeriochristofoletti.pdf](http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/coordenada_10_rogeriochristofoletti.pdf)> . Acesso em: 22 fev. 2012.

CORREIA, João Carlos. **Teoria e crítica do discurso noticioso**: notas sobre jornalismo e representações sociais. Covilhã: Universidade da Beira Interior/Labcom Press, 2009.

DUCROT, Oswaldo. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

‘EXPRESSO’, o novo jornal para as classes C e D. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 mar. 2006, p.28.

‘EXTRA’: tiragem se esgota em poucas horas. **O Globo**. Rio de Janeiro, 6 abr. 1998, p.23.

FÁBIO, Caio. E Deus criou o jornal. **Extra**. Rio de Janeiro, 5 abr. 1998, p.10.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

FAUSTO NETO, Antônio. **Fragments de uma analítica da mediatização**. MATRIZES, São Paulo, n.2, p. 89- 105, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/MATRIZES/article/view/5236/5260>>. Acesso em: 7 jun. 2010.

\_\_\_\_\_. **Comunicação & mídia impressa**: estudo sobre a Aids. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_. **Semiótica e comunicação**. In: In: Galáxia – Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica e Cultura. São Paulo, EDUC, 2004, p.13-30.

FORMATO e a variedade das notícias são destaques. **Expresso**. Rio de Janeiro, 28 mar. 2006, p. 8.



FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 18. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

\_\_\_\_\_. **A microfísica do poder**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FRANÇA, Elisabeth; ABREU, Daisy; SIQUEIRA, Márcia. Epidemias de dengue e divulgação de informações pela imprensa. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.20, n.5, out. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v20n5/28.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2011.

FROHMANN, Bernd. **Taking information policy beyond information science**: applying the actor network theory. 23rd Annual Conference: Canadian Association for Information Science, 1995. Disponível em: <<http://www.fims.uwo.ca/people/faculty/frohmann/Documents/TAKING%20INFORMATION%20POLICY%20BEYOND%20INFORMATION%20SCIENCE.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2011.

GARCIA, Luiz (org. e edit.). **O Globo – Manual de redação e estilo**. 20. ed. São Paulo: Editora Globo, 1994.

GERVÁS, Juan. Face à gripe, paciência e tranquilidade – Versão nº 9. **Revista Portuguesa de Clínica Geral**, v.25, n.4, 2009. Disponível em: <<http://www.herbogeminis.com/IMG/pdf/gripe-rev-port-clin-geral-2009.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2011.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide; CHICANEL, Marize. A mudança de regimes de informação e as variações tecnológicas. In: **IX ENANCIB**, 2008, São Paulo-SP. IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), 2008. Disponível em: <<http://www.ancib.org.br/media/dissertacao/1979.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2011.

HERZLICH, Claudine. *Medicine moderne et quête de sens: la maladie signifiant sociale*. In: AUGÉ, Marc; HERZLICH, Claudine. **Le sens du mal**: anthropologie, histoire, sociologie de la maladie. 4. impr. Paris: Éditions des Archives Contemporaines, 1994.

\_\_\_\_\_. HERZLICH, Claudine; PIERRET, Janine. Uma doença no espaço público: a AIDS em seis jornais franceses. **Physis**, Rio de Janeiro, v.15, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312005000300005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312005000300005)>. Acesso em: 12 nov. 2011.

INFOGLOBO. Hábitos de Consumo dos Leitores. O Globo. Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=91>>. Acesso em 15 out. 2011a.

\_\_\_\_\_. Hábitos de Consumo dos Leitores. Extra. Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=92>>. Acesso em 15 out. 2011b.

\_\_\_\_\_. Hábitos de Consumo dos Leitores. Expresso. Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=82>>. Acesso em 15 out. 2011c.

JACKS, Nilda; MACHADO, Márcia Benetti; MULLER, Karla. Hermanos, pero no mucho: o jornalismo narra o paradoxo de fraternidade e rivalidade entre Brasil e Argentina. In: **25º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Salvador, 1-5 set, 2002. Anais, São Paulo: Intercom, 2002. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/handle/1904/18626>>. Acesso em: jan. 03, 2011.

JORNAL 'O Globo' completa 80 anos de circulação. **Gazeta do Povo**, 29 jul. 2005. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/parana/conteudo.phtml?id=481095>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

KERAMAROU, Maria et al. Two waves of pandemic influenza A(H1N1) 2009 in Wales: the possible impact of media coverage on consultation rates, April-December 2009. **Euro Surveillance: Bulletin Européen sur les Maladies Transmissibles**, v.16, n.3, jan. 2011. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21262184>>. Acesso em: 26 abr. 2011.

KUCINSKI, Bernardo. Jornalismo, saúde e cidadania. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.4, n.6, p.181-85, 2000. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/icse/v4n6/25.pdf>>. Acesso em 7 fev. 2012.

LACES/ICICT/FIOCRUZ. **Monitoramento da gripe H1N1 na mídia impressa** - Apresentação de Resultados (Quinto Relatório). Rio de Janeiro: FIOCRUZ/Ministério da Saúde, fev. 2011. 158 p.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1985.

LEITORES do Rio têm novo jornal. **Extra**. Rio de Janeiro, 28 mar. 2006, p. 11.

LEMOS, Alexandre Zaghi. Cai a circulação dos jornais brasileiros. **Meio&Mensagem**, 01 fev. 2010. Disponível em: <[http://grupomm.mmonline.com.br/noticias.mm?url=Cai\\_a\\_circulacao\\_dos\\_jornais\\_brasileiros](http://grupomm.mmonline.com.br/noticias.mm?url=Cai_a_circulacao_dos_jornais_brasileiros)>. Acesso em: 29 jan. 2011.

LERNER, Kátia; GRADELLA, Pedro. Mídia, medo e poder público: a cobertura de Influenza H1N1 nos jornais cariocas. **IX Reunião de Antropologia do Mercosul**. Curitiba, 10-13 ju. 2011.

MALINVERNI, Cláudia. Epidemia Midiática: um estudo sobre a construção de sentidos na cobertura da Folha de S.Paulo sobre febre amarela, no verão 2007-2008. São Paulo; 2011. [Dissertação de Mestrado – Faculdade de Saúde Pública da USP]. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-05122011-115046/pt-br.php>>. Acesso em: 26 jan. 2012.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. 12.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

MEDEIROS, Flávia Natércia da Silva; MASSARANI, Luisa.. A cobertura da gripe A (H1N1) 2009 pelo Fantástico. Intercom - **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v.34, n.1, p.41-59, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/view/6412/5525>>. Acesso em: 07 jun. 2011.

MENDES, Eugênio Vilaça. O Sistema Único de Saúde: um processo social em construção. In: **Uma agenda para a saúde**. São Paulo: Hucitec, p.57-96; 1996.

MENEGON, Vera Sonia Mincoff. Crise dos serviços de saúde no cotidiano da mídia impressa. In: **Psicol. Soc.**, vol.20, p. 32-40, 2008. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20nspe/v20nspea06.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2011.

MICÓ, Josep; MASIP, Pere; BARBOSA, Suzana. Modelos de convergência empresarial na indústria da informação: Um mapeamento de casos no Brasil e na Espanha. **Brazilian Journalism Research**, vol. 2, n.1, 2009. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/index.php/bjr/article/view/198/197>>. Acesso em: 7 fev. 2012.

MINISTÉRIO da Saúde. **Situação epidemiológica da influenza pandêmica (H1N1) 2009 no mundo e no Brasil, até a semana epidemiológica 44 de 2009.** Brasília: Secretaria de Vigilância em Saúde, 2009. Disponível em: <[http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/boletim\\_influenza\\_se\\_44.pdf](http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/boletim_influenza_se_44.pdf)>. Acesso em: 23 set. 2009.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo; GOUVÊA, George. O signo da culpa na história das doenças. **XII Encontro Regional de História**, 2006. Rio de Janeiro. Anais Anpuh – Associação Nacional de História, 2006. Disponível em: <<http://rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Dilene%20Raimundo%20do%20Nascimento%20e%20George%20Gouvea.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2012.

NOTÍCIAS da redação. Direção de Ricardo Mello. Roteiro e codireção de André Miranda. Narrado por Ascânio Seleme. Rio de Janeiro: [S.I.], 2009. 1 vídeo (10 min. 40 seg.), son., color. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/videos/v/noticias-da-redacao-por-dentro-do-globo/1694112/>>. Acesso em: 17 fev. 2012.

NOVO Manual da Redação – 1996. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_redacao.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_redacao.htm)>. Acesso em: 28 fev. 2011.

NOVO jornal do Rio vai se chamar ‘Extra’. **O Globo**. Rio de Janeiro, 8 mar. 1998, p. 32.

OLIVEIRA, Luiza et al. A divulgação científica de temas de saúde: análise de um impresso. **Ciência em Tela**, v.3, n.1, 2010. Disponível em: <[http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0110\\_oliveira.pdf](http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0110_oliveira.pdf)>. Acesso em: 3 fev. 2012.

OLIVEIRA, Paulo. O Expresso está nas ruas. **Observatório da Imprensa**, 2006. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=374SAI002>> Acesso em: 25 fev. 2011.

OLIVEIRA, Valdir de Castro. A comunicação midiática e o Sistema Único de Saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.4, n.7, p.71-80, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v4n7/06.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: No movimento dos sentidos**. 4. ed. Campinas, UNICAMP, SP: 1997

PAIXÃO, Roberta. A volta do pecador. **Veja**. São Paulo, 17 nov. 1999. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/171199/p\\_168.html](http://veja.abril.com.br/171199/p_168.html)>. Acesso em: 25 jan. 2011.

PECHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

\_\_\_\_\_. **As marcas linguísticas da enunciação: esboço de uma gramática enunciativa do português**. Rio de Janeiro, Numen, 1994.

PLANO de voo. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 jul. 2009, p. 5.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. Gêneros televisivos numa perspectiva histórica. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). **Televisão, história e gêneros**. Porto Alegre, Sulina, 2012 [no prelo].

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.31, p.147-160, 2003. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2186/1325>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Experiência, modernidade e campo dos media**. Lisboa: Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação, 1999. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rodrigues-adriano-expcampmedia.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2011.

SANTOS, Rogério. **A negociação entre jornalistas e fontes**. Coimbra: Minerva, 1997.

SILVA, Luiz Martins. Sociedade, esfera pública e agendamento. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs.). **Metodologias de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimos a notícia**: Uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, Néelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3. ed, São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SONHO de Irineu se torna a realidade de Roberto. **O Globo**, Caderno Especial. Rio de Janeiro, 8 ago. 2003, p.18.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora**. Aids e suas metáforas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUSA, Jorge Pedro. **Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia**. Lisboa: Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação, s/d. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>>. Acesso em 20 jan. 2011.

SOUZA, Carlos. Ministério compra mais remédios. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 jul. 2009, p.18.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993, p. 74-90.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. 3. reimp. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005b.

TRINTA, Aluísio Ramos, POLISTCHUK, Ilana. **Teorias da comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

UM JORNAL sempre em busca do novo. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22 mai. 2005, p. 14.

VACINAÇÃO contra gripe suína é ampliada. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 fev. 2010, p.16.

VAN DIJK, Teun. **Estructuras y funciones del discurso**. 10. ed. México: Siglo Veintiuno Editores, 1996.

VAZ, Paulo. Vítima virtual e mídia. In: **Vigilância, Segurança e Controle Social**, Curitiba, 4-6 mar. 2009. Anais, Editora Universitária Champagnat, PUCPR, 2009, p. 51-69. Disponível em: <[http://www2.pucpr.br/ssscla/papers/SessaoA\\_A43\\_pp51-69.pdf](http://www2.pucpr.br/ssscla/papers/SessaoA_A43_pp51-69.pdf)>. Acesso em: 28 dez. 2011.

VAZ, Paulo et al.. O fator de risco na mídia. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 11, n.21,abr. 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/icse/v11n21/v11n21a13.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2011.

VAZ, Paulo; CARDOSO, Janine. A epidemia da dengue como questão política: risco e sofrimento no Jornal Nacional em 2008. **Encontro da Compós**, XX, Porto Alegre, 2011.

VERÓN, Eliseo. **Fragments de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

WHO – World Health Organization. **Influenza-like illness in the United States and Mexico**. Disponível em: <[http://www.who.int/csr/don/2009\\_04\\_24/en/index.html](http://www.who.int/csr/don/2009_04_24/en/index.html)>. Acesso em: 26 fev. 2011.

**ANEXOS**

**ANEXO A** - Textos incluídos no *corpus* reduzido, com título da chamada de primeira página, indicação de editoria e título da página interna.

<b>Data</b>	<b>Veículo</b>	<b>Título na capa</b>	<b>Editoria</b>	<b>Título na página</b>
<b>25/04</b>	<b><i>O Globo</i></b>	México em alerta	O Mundo	Gripe suína mata 61 no México e especialistas temem epidemia mundial  Veja as medidas que o Brasil vai tomar
	<b><i>Extra</i></b>	-	O País	Gripe suína: especialistas temem uma epidemia
	<b><i>Expresso</i></b>	-	Direto ao que Interessa	Novo tipo de vírus mata 61 no México e pode se espalhar
<b>27/04</b>	<b><i>O Globo</i></b>	Gripe suína já deixa em estado de alerta 9 países	Por dentro do Globo  O Mundo	GRIFE SUÍNA: Mexicanos tentam se proteger...  Gripe põe EUA em emergência  Mapa da infecção/Saiba mais sobre a doença  Cresce a lista de países com casos suspeitos  Brasil investiga 2 casos suspeitos da doença  Capital mexicana parece cidade fantasma  Passageiros não veem controle  'A doença evolui com rapidez e o contágio é muito forte'
	<b><i>Extra</i></b>	Alerta contra a gripe suína	Viva Mais	Suspeita de gripe suína em SP  Saiba mais sobre a doença/Mapa da infecção
	<b><i>Expresso</i></b>	Rio já se protege da gripe mortal	Geral	Gripe do mal espalha terror no mundo todo  Saiba mais sobre a doença
<b>08/05</b>	<b><i>O Globo</i></b>	Brasil confirma 4 casos de gripe suína, um no Rio	O Mundo  Opinião  Esportes  Segundo Caderno	Gripe suína chega ao Brasil  Os cuidados a tomar  Argentina confirma caso e nos EUA número cresce 40% num só dia  'Tendência é aumentar'  Gripe suína (2 cartas de leitores)  Copa Libertadores  Graça em tempo de gripe

	<i>Extra</i>	Rio tem 1º caso de gripe suína	Extraonline.com.br  Geral    Jogo Extra	Prevenção à gripe suína é tema de fórum  Brasil tem quatro casos de gripe suína confirmados  Unidade monitora mais um doente  Primeiro infectado na Argentina  Saiba mais sobre a doença  São Paulo irá ao México  Público volta aos estádios
	<i>Expresso</i>	Aparece 1ª vítima da gripe suína no Rio	Saúde	Rio tem caso de gripe suína confirmada  Saiba mais
12/06	<i>O Globo</i>	Gripe suína chega a 74 países e vira pandemia	O Mundo	A 1ª pandemia do século XXI  Possíveis cenários e impactos  O H1N1 no Brasil e no mundo  Governo brasileiro diz que situação está sob controle
	<i>Extra</i>	Gripe suína se espalha e já é pandemia	Geral  Viva Mais	Até os pequenos...  Mundo vive pandemia de gripe  O impacto do novo vírus no país
	<i>Expresso</i>	-	Direto ao que interessa	Alerta para gripe suína é elevado ao nível máximo
29/06	<i>O Globo</i>	Primeira morte por gripe suína não faz Brasil mudar estratégia	Por dentro do Globo  Rio	GRIPES SUÍNAS: O flagrante de Marcelo Piu mostra um grupo...  A 1ª morte por gripe no Brasil  Argentina deve decretar, em breve, emergência sanitária  Americano não teria morrido da doença  Prefeito diz que não há motivo para alarde  Atleta é o primeiro caso confirmado no Amazonas  Saiba como foi a evolução da doença no Rio  Santa gripe
	<i>Extra</i>	Gripe suína: primeiro caso fatal é do Sul	Viva Mais	Gripe suína mata no Brasil



				Paes: não há motivo para pânico
	<i>Expresso</i>	-	Geral	Brasil tem primeira morte por gripe suína
17/07	<i>O Globo</i>	Gripe mata 1 no Rio e mortes são 11 no país	Opinião  Rio   Segundo Caderno	Gripe suína (2 cartas de leitores)  A primeira morte no Rio  Menos 'hermanos' passeando em Búzios  Saiba mais sobre a doença no Rio  Letalidade da doença aumentou  Tudo errado  Saiba mais sobre a doença  Cena portenha  Aprenda a espirrar
	<i>Extra</i>	Gripe suína faz primeira vítima no Rio e número de mortos no país já chega a 11	Geral	Gripe mata mulher no Rio  Vítima morava em Del Castilho  No Sul, idades variavam entre 26 e 42 anos  Raios X da doença  A doença em números
	<i>Expresso</i>	-	Geral	Gripe suína mata dona de casa no Rio  Fique alerta
18/08	<i>O Globo</i>	Gripe suína: alunos voltam às aulas com novos hábitos (chamada de página 2)	Opinião  Rio  Segundo Caderno  Economia	Gripe suína (1 carta de leitor)  Gripe suína cria novos hábitos nas escolas  Rio tem duas mortes confirmadas  Ecos da gripe suína  Medo da gripe
	<i>Extra</i>	Gripe suína já está em declínio	Opinião  Geral	Volta às aulas e gripe suína (6 cartas de leitores)  Mudança de comportamento  Treinamento para evitar a nova gripe  'Está tudo diferente. A gente está separado, um do outro'  Comparecimento é apenas razoável

				<p>Kit de proteção na mochila</p> <p>Sepe critica a falta de material</p> <p>Gripe: número de atendimentos cai 20%</p> <p>Gripe: quem deve usar máscara</p>
	<i>Expresso</i>	-	Geral	<p>Volta às aulas com máscara</p> <p>Os principais cuidados para evitar a gripe suína</p>



Data	Capa	Página 2	Por dentro do Globo	O País	Opinião	Rio	O Mundo	Ciência	Economia	Boa Chance	Esportes	Segundo Caderno	Prosa & Verso	Megazine	Globinho	Total por edição
26/5																
27/5									1							1
28/5						1										1
29/5						1										1
30/5						1										1
31/5																
1/6																
2/6																
3/6						1	1									2
4/6																
5/6																
6/6																
7/6																
8/6						1										1
9/6																
10/6																
11/6																
12/6	1						4									5
13/6	1						2									3
14/6																
15/6							1									1
16/6		1					1									2
17/6		1					2									3
18/6		1					1									2
19/6							1									1
20/6	1					3										4
21/6						1										1
22/6																
23/6						1										1
24/6	1					5										6
25/6	2					5										7
26/6	1				2	9			1							13
27/6	1					5										6
28/6		1				3										4
29/6	1		1			7										9
30/6	1				3	3						1				8
1/7	1					4						2				7
2/7	1				4	3										8
3/7		1			2	5			1							9

Data	Capa	Página 2	Por dentro do Globo	O País	Opinião	Rio	O Mundo	Ciência	Economia	Boa Chance	Esportes	Segundo Caderno	Prosa & Verso	Megazine	Globinho	Total por edição
4/7	1				3	4			1						2	11
5/7						2										2
6/7			1			1										2
7/7		1				4					1					6
8/7						2					1					3
9/7						3										3
10/7						1										1
11/7		1				2	1									4
12/7						1					1					2
13/7	1				1	2										4
14/7	1					4						2		1		8
15/7		1				3										4
16/7		1			5	6										12
17/7	1				3	6						1				11
18/7	1			1		6										8
19/7			1			2										3
20/7	1					6										7
21/7	1				4	5						1				11
22/7	1				1	3						1				6
23/7	1				6	4			1			1				13
24/7		1			3	4										8
25/7	1				4	4						1	1			11
26/7			1		3	4						1				9
27/7		1				3						1				5
28/7		1			2	3										6
29/7	1				4	2						1				8
30/7	1				5	5			1							12
31/7	1				1	5										7
1/8	1				1	4										6
2/8					3	5										8
3/8	1					4										5
4/8	1				4	6								1		12
5/8	1				5	4										10
6/8	1			1	4	9					1					16
7/8	1				6	11			1							19
8/8	1				4	6										11
9/8	1				2	1		6				2				12
10/8						3										3
11/8	1				8	3		1				1				14



Data	Capa	Extraonline.com.br	País	Geral	Opinião	Jogo Extra	Internacional	Economia	Viva Mais	Sessão Extra	Total
21/5				1					1		2
22/5											
23/5									1		1
24/5											
25/5											
26/5											
27/5											
28/5									1		1
29/5									1		1
30/5									1		1
31/5											
1/6											
2/6											
3/6				1					1		2
4/6											
5/6											
6/6											
7/6											
8/6									1		1
9/6											
10/6											
11/6											
12/6	1			1					2		4
13/6	1								3		4
14/6											
15/6									1		1
16/6									1		1
17/6									1		1
18/6											
19/6											
20/6									1		1
21/6											
22/6											
23/6									1		1
24/6	1							1	2		4
25/6	1							1	4		6
26/6								1	3		4
27/6									3		3
28/6				2							2
29/6	1						1		2		4
30/6	1								4		5
1/7	1								2		3

Data	Capa	Extraonline.com.br	País	Geral	Opinião	Jogo Extra	Internacional	Economia	Viva Mais	Sessão Extra	Total
2/7									3		3
3/7	1			1					2		4
4/7	1								6		7
5/7				1							2
6/7	1								5		6
7/7				2		1			5		8
8/7						2			1		3
9/7				1		1			2		4
10/7									2		2
11/7	1					1			3	1	6
12/7	1			1		1					3
13/7	1			1					4		6
14/7	1	1							3		5
15/7	1								1		2
16/7									2		2
17/7	1			5							6
18/7	2								4		6
19/7	1			4							5
20/7						1			2		3
21/7	2	1				1			3		7
22/7	1								4		5
23/7	1								3		4
24/7	1	1		5							7
25/7	3	1		7							11
26/7				5							5
27/7	1			4						1	6
28/7	2	1		6							9
29/7	1			11							12
30/7	2	1		10		1					14
31/7	1			5							6
1/8	1	1		5							7
2/8	1	1		4							6
3/8	1			2							3
4/8	2	1		7				1			11
5/8	1			7							8
6/8	1			8		1		1			11
7/8	1			4							5
8/8	1			7							8
9/8				6							6
10/8	2	1		6							9
11/8	3	1		7							11
12/8	2			6						1	9





Data	Capa	Direto ao que interessa	Geral	Saúde	Esporte	Página 2	Fique de olho	Total
24/5			1					1
25/5								
26/5								
27/5								
28/5		1						1
29/5		1						1
30/5								
31/5								
1/6								
2/6		1						1
3/6								
4/6								
5/6								
6/6								
7/6								
8/6			1					1
9/6			1					1
10/6								
11/6								
12/6		1						1
13/6								
14/6								
15/6								
16/6								
17/6		1						1
18/6								
19/6								
20/6								
21/6								
22/6								
23/6		1						1
24/6		1						1
25/6		1						1
26/6								
27/6								
28/6			1					1
29/6			1					1
30/6								
1/7	1		1					2
2/7		1	1					2
3/7	1		2					3
4/7		1						1

Data	Capa	Direto ao que interessa	Geral	Saúde	Esporte	Página 2	Fique de olho	Total
5/7								
6/7				2				2
7/7		1						1
8/7								
9/7								
10/7								
11/7								
12/7			1					1
13/7								
14/7								
15/7		1						1
16/7		1						1
17/7			2					2
18/7			1					1
19/7								
20/7					1			1
21/7		1	1		1			3
22/7			2					2
23/7	1		1					2
24/7	1		2					3
25/7			1					1
26/7			1					1
27/7	1		2					3
28/7			1					1
29/7			2				1	3
30/7	1		2					3
31/7			2					2
1/8			2					2
2/8			2					2
3/8			1					1
4/8	1		2					3
5/8	1		2					3
6/8	1		1					2
7/8			1					1
8/8			1					1
9/8								
10/8		1	1					2
11/8			1					1
12/8			1					1
13/8			2					2
14/8		1	1	1				3
15/8			1					1

Data	Capa	Direto ao que interessa	Geral	Saúde	Esporte	Página 2	Fique de olho	Total
16/8								
17/8	1		2	1				4
18/8			2					2
<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>23</b>	<b>70</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>123</b>

Jornais	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Total
<b>O Globo</b>	72	146	79	211	179	<b>687</b>
<b>Extra</b>	31	96	44	171	171	<b>513</b>
<b>Expresso</b>	7	34	9	42	31	<b>123</b>
<b>Total</b>	<b>110</b>	<b>276</b>	<b>132</b>	<b>424</b>	<b>381</b>	<b>1.323</b>